

A ILHA DO GUARDIAO DA TEMPESTADE

CATHERINE DOYTE



ROCCO
JOVENS LEITORES



A ILHA DO GUARDIÃO DA TEMPESTADE

CATHERINE
DOYLE

Tradução
THALES FONSECA

ROCCO
JOVENS LEITORES

Aos meus avós, a
Capitão Charles P. Boyle e Mary McCauley Boyle,
da ilha de Arranmore

SUMÁRIO

Para pular o Sumário, clique [aqui](#).

Prólogo

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Epílogo

Créditos

A Autora

PRÓLOGO

Em um campo tomado de flores silvestres, um menino e uma menina encontravam-se lado a lado sob um antigo carvalho. O céu estava enfurecido, o trovão rugindo como um animal raivoso.

— Está preparada? — perguntou o menino, inquieto.

A menina ergueu o queixo, seu cabelo loiro como trigo caindo sobre as costas como uma cortina.

— Eu *sempre* estive preparada.

Os dois pressionaram as palmas das mãos contra o tronco retorcido. A árvore começou a estremecer, seus galhos se alongando enquanto ela se sacudia para despertar. Houve um breve silêncio, e então um grande estrondo acima deles. Um raio saltou das nuvens como um chicote e partiu o centro da árvore em dois, fazendo irromperem chamas ao longo da casca, que subiram pelos galhos e devoraram as folhas, até cobrirem tudo em um dourado radiante e reluzente.

— Betty? — chamou o menino, hesitante. — Acha que devemos...

— *Shh!* — interrompeu a menina. — Ela vai falar agora.

A árvore começou a sussurrar. Sua voz era muito mais alta do que o menino esperava. Os estalos e o sopro das chamas ao redor lentamente transformaram-se em palavras:

— *Fffffale ou escute-me fffffalar.*

A menina fez sua pergunta. Enquanto a árvore ponderava, ela foi ficando impaciente, batendo os dedos na casca chamuscada. O ar tornou-se pesado, e uma névoa sutil cacheou os fios de cabelos que emolduravam seu rosto.

A árvore não tornou a falar com a menina.

Em vez disso, voltou sua atenção ao menino e entrou em sua cabeça. Ele tombou no chão, debatendo-se e contorcendo-se, enquanto uma visão se destrinchava na escuridão de sua mente.

Estava parado na beirada de um penhasco, com nuvens reunindo-se em suas mãos estendidas e o vento envolvendo seu corpo. Sentiu o mar correndo em suas veias, deixando cristais de sal nos revestimentos de seu coração.

Ele sabia que havia sido transformado para sempre.

Betty estava errada.

A ilha havia escolhido ele.

Tentou piscar até acordar, mas a árvore intensificou o controle sobre sua mente. Mais uma visão abriu caminho. Algo que eles não haviam pedido para ver.

— *Veja* — sibilou a árvore. — *Preste atenção.*

Diante dele, apareceu um menino. Era um pouco mais novo, mas tinha o mesmo nariz e os mesmos olhos. Em uma das mãos, segurava uma esmeralda tão verde quanto a grama da ilha. Na outra, um cajado torto que apontava para o mar. Estavam distantes um do outro, olhando, mas sem exatamente enxergarem, enquanto corvos enchiam o céu de penas. A terra rachou sob seus pés e uma sombra se arrastou pela ilha e os enterrou na escuridão.

O menino acordou. De volta ao campo de flores silvestres, caía uma chuva forte.

— Betty — disse ele, uma gota caindo precisamente em sua boca. — Você não vai acreditar no que eu acabei de ver.

A menina estava em pé ao seu lado, os olhos estreitos queimando feito carvão. Ela deu um chute em suas costelas.

— No que você acabou de *roubar*, você quer dizer!

— Para com isso! — O menino girou para longe depois de levar outro chute. — Preciso te contar uma coisa. Pode parar, por favor? *Ai!* Escuta. Eu vi corvos, Betty. Acho que...

A menina não lhe dava ouvidos. Saiu andando para longe, por entre as flores silvestres e a grama encharcada, seu queixo erguido para o céu lacrimejante.

Ele queria chamá-la de volta, contar que se tratava de algo muito maior do que ela — maior do que ambos. Mas ela já havia desaparecido, deixando apenas uma pequena ondulação em seu rastro.

O menino tentou engolir o medo. Em algum lugar nas profundezas da terra, a escuridão despertava novamente, uma escuridão mais terrível do que qualquer coisa que o mundo já tinha visto.

Era tarde demais para detê-la.



CAPÍTULO UM

A ILHA ADORMECIDA

Fionn Boyle estava sentado em uma cadeira de plástico com as costas curvadas, os braços colados junto ao corpo e o queixo grudado no peito, tentando não vomitar em seus sapatos.

A balsa rangia. Fionn não pôde deixar de reparar nas beiradas enferrujadas, na tinta azul que descascava e na buzina que soava como uma vaca moribunda. Tentou não imaginar a quantidade de água salgada que teria que engolir para se afogar. Tara não estava observando nesse momento, mas Fionn sabia que irmãos podiam farejar o medo. Se ele vomitasse o almoço, nunca mais teria paz.

Para piorar ainda mais a situação, Fionn estava espremido entre duas idosas que não paravam de tagarelar, e seu celular estava morto dentro do bolso. Sem serviço. Nem uma barrinha. Às vezes as senhoras paravam e mastigavam algum segredo, como se fosse grande demais para engolir de uma vez só. Em certos momentos, Fionn podia sentir o olhar das duas alfinetando as laterais de seu rosto, como se estivessem esperando que se juntasse a elas. Mas, na maior parte do tempo, as ondas rugiam e abafavam a conversa.

Essa era a pior parte de todas: o oceano diretamente abaixo dele. Em seus pesadelos mais terríveis, o mar o sugava e o engolia, e ele acordava

subitamente, encharcado de suor.

O ar marinho queimava em seus pulmões e fazia arder suas bochechas enquanto ele observava o continente cada vez mais distante, primeiro até se tornar apenas um borrão verde no horizonte cinzento, e depois sumir por completo.

Fionn já sentia falta da neblina de Dublin, do barulho das obras na rua e dos trilhos de bonde inacabados, que retalhavam a cidade e empurravam os turistas das calçadas. Nunca havia refletido se isso lhe agradava ou não — a barulheira de uma cidade em constante movimento —, só sabia que era algo familiar e, para Fionn, familiaridade tinha o significado de lar.

O cenário presente era tudo, menos familiar.

Tara estava na proa da embarcação, seus pés plantados na grade como se estivesse prestes a se jogar no oceano. Seu cabelo preto chicoteava ao vento, solto e emaranhado, como cordas. Ela se virou, procurando o irmão em meio ao aglomerado de passageiros.

— Vem cá, Fionny! Olha essas ondas! São *gigantes*!

Fionn balançou a cabeça. A balsa oscilou e seu estômago repetiu o movimento, para cima e para baixo, até o conteúdo de seu almoço começar a subir pela garganta.

— Deixa de ser bebezão! — implicou Tara.

Ele e a irmã tinham quase a mesma idade. Fionn até lembrava-se de uma época em que os dois eram quase como *amigos*. Deviam ter algo em comum até o dia em que ela completou treze anos e ele continuou com onze, quando de repente ela ficou sábia e esperta demais para brincar e jogar videogames com ele.

Agora eu sou madura, Fionny. Tenho outros interesses.

Fionn não sabia como ela media maturidade, porém era ele quem cozinhava o jantar dos três na maioria das noites, enquanto Tara pegava Nutella direto do pote com a mão, como o Ursinho Pooh, e berrava até sacudir as paredes sempre que via uma aranha.

Tara abriu um sorriso malicioso por cima do ombro e então subiu ainda mais na grade da embarcação. Ficou observando as ondas, até parecer que iria mergulhar, só para mostrar a ele que era capaz. Fionn pensou que seria legal se

ela levasse um tombo e se afogasse um pouquinho. Não o bastante para morrer, apenas o suficiente para um peixe comer a parte de seu cérebro que tornava sua personalidade tão péssima.

Ele voltou a encarar o horizonte embaçado, em um ponto fixo, para ajudar a passar o enjoo. Sua mãe havia dito que isso ajudaria a suavizar o movimento do barco. Foi a última coisa que ela disse antes de se despedirem em Dublin, com os olhos límpidos e um sorriso triste. Então, de repente, já estavam no carro do vizinho, o nariz de Fionn pressionado contra a janela, enquanto eles avançavam pelo campo e a deixavam para trás.

Fionn esperou a ilha aparecer. A ilha das histórias que ela costumava contar, com os olhos vidrados e o olhar distante, quando ele era mais novo. Às vezes, a ilha era um lugar lindo. Outras vezes, um lugar triste e inclemente, onde não restava nada além da memória de seu pai, perdido ao mar havia muitos anos. Tudo que Fionn sempre soube com certeza era que Arranmore o assombrava, e ele nunca conseguiu descobrir se isso era algo bom ou ruim. Apenas que lugares podem ser tão importantes quanto pessoas. Eles podem exercer o mesmo poder, se você permitir.

Tara desceu da grade na proa da balsa, atravessou rapidamente o convés e se agachou até os dois ficarem praticamente de narizes colados.

— Você tem mesmo que ficar tão deprimido com essa situação?

Fionn não gostou da maneira como sua irmã lançou a palavra. *Deprimido*. Como se fosse a cor de sua roupa. Como se fosse algo que ele pudesse sentir, e então deixar de sentir, por livre escolha. Além do mais, para ela era fácil ficar animada. Ela tinha visitado a ilha no verão anterior e *de alguma forma* conseguido fazer amigos.

— Eu não quero ir — resmungou ele. — Não vou fingir que quero.

— Você nunca quer ir a lugar nenhum — afirmou Tara. — Tudo que você faz é ficar dentro de casa jogando videogames nos quais você ainda por cima é *ruim*. Você é tão chato.

Fionn queria responder que sua vontade era ficar para trás com a mãe, poder se sentar ao lado dela mesmo quando parecesse que ela não podia vê-lo. Queria responder que não era *ruim* nos videogames; que era, na verdade, excelente.

Em vez disso, respondeu:

— Cala a boca.

Tara puxou uma barrinha de chocolate Mars do bolso — resultado de uma parada para compras no posto de gasolina a caminho da balsa, quando a Sra. Waters abriu sua bolsa floral cheia de moedas e deu um amplo sorriso dentuço para eles. *Podem pegar o que quiserem, meus amores.*

Ela deu uma mordida, suas palavras viscosas com a mastigação do caramelo:

— É uma aventura, Fionny. — Tara olhou para os lados e então baixou a voz: — Esse lugar é mágico. Você vai ver.

— Você só acha que é mágico porque conheceu um *garoto* ano passado — disse Fionn, com um profundo e evidente asco.

Tara balançou a cabeça.

— Na *verdade*, não. Eu acho que é mágico porque existem *segredos* na ilha.

Ele tentou dispersar o cheiro de chocolate de perto do nariz.

— Que tipo de segredos?

— Não posso contar! — disse ela com os olhos brilhando, triunfantes.

Fionn deu um suspiro.

— Não acredito que vou ficar preso com você o verão inteiro.

— Bom, eu não me preocuparia com isso, porque *obviamente* não vou passar tempo nenhum com você. — Ela torceu o nariz, formando um amontoado de sardas. — Você pode andar com o vovô.

— Eu já gosto mais dele que de você — respondeu Fionn prontamente.

— Você ainda nem o *conhece*.

Fionn abriu uma das mãos e mostrou o bilhete amassado da balsa.

— Eu gosto mais desse pedaço de papel que de você.

— Você é *tão* imaturo — disse Tara, apontando para o nariz dele com a barra de chocolate.

— Não sou.

Fionn esperou a irmã virar de costas e então jogou o pedaço de papel nela. Observou o papel se emaranhar nas pontas de seu cabelo e se sentiu um pouco melhor. Do outro lado da baía, uma gaivota mergulhou com um rodopio, suas asas rentes às ondas. Ela soltou um grito selvagem e, como se quisesse chamar a atenção de todos, a ilha surgiu ao encontro deles.

Bolsões de grama verde-escura borbulharam do mar, desdobrando-se em colinas que se estendiam uma atrás da outra. Estradas de cascalho serpenteavam por entre construções antigas aglomeradas junto ao píer, onde a areia era opaca e tinha cor de latão. O lugar parecia estranhamente deserto. Era como se a ilha inteira estivesse adormecida.

Arranmore.

Era exatamente como Fionn havia imaginado: um borrão esquecido às margens do mundo. O lugar perfeito aonde sua alma deveria ir para morrer.

Tara andou pomposamente de volta à grade e Fionn sentiu sua raiva passar, como um balão sendo esvaziado. Observou as distantes manchas na ilha se tornarem pessoas, lojas, casas, carros e mais barcos de pesca do que ele conseguia contar. Tentou imaginar a mãe ali, naquele estranho lugar, caminhando pelo píer, dando uma passadinha na loja da esquina para comprar pão ou leite. Ou até mesmo em pé na areia, olhando para o mar, de braços cruzados. Não conseguia imaginar, por mais que tentasse.

Quando a balsa finalmente atracou no porto com um rangido, Tara saltou para a ilha sem sequer olhar para trás. Fionn ficou parado na beirada do píer, sua coluna rígida como uma vara. Havia algo errado. O chão vibrava embaixo dele, o mais leve tremor chacoalhando as solas dos pés, como se seus passos fossem bem mais pesados do que realmente eram. A brisa vinha de trás dele e o contornava, lançando seu cabelo aos olhos e sua respiração de volta aos pulmões, provocando-lhe a sensação totalmente absurda de que a ilha estava abrindo os braços e o envolvendo.

Fionn procurou as linhas pontiagudas do promontório. A distância, às margens da baía, onde arbustos espinhosos e samambaias disputavam um pequeno declive, um chalé se destacava em meio à mata. A fumaça que saía da chaminé ondulava como um dedo irrequieto no ar noturno.

O vento foi empurrando-o adiante pelo píer. A fumaça continuava subindo e se dobrando, cinzenta contra o céu corado pelo sol.

Ela o chamava.

Fionn quase podia ouvir o sussurro em seu ouvido: uma voz que nunca escutara antes, uma voz que vibrava no fundo de si, em seu sangue e em seus ossos. Uma voz que ele estava se esforçando muito para ignorar.

— Venha aqui — dizia ela. — Venha para casa.



CAPÍTULO DOIS

O CHALÉ DO ARTESÃO DE VELAS

A casa de Malachy Boyle respirava; disso Fionn tinha quase certeza. Ela subia e descia atrás do emaranhado de arbustos espinhosos, espiando-os de vez em quando. A fumaça continuava se curvando em direção ao céu, mas não havia sinal do avô de Fionn.

— Anda logo — resmungou Tara. Sua mala cuspiu pedrinhas no irmão enquanto ela a arrastava pela trilha estreita. — Quero chegar lá ainda nesse século!

— Ele não sabe que estamos a caminho? — Fionn alternava seu olhar entre a trilha e a casa adiante. — Não deveria ter encontrado a gente no píer?

— Ele é velho — respondeu ela.

— Não consegue andar?

— Você quer que ele te carregue, feito um bebê? — O *tuc-tuc* determinado da mala pontuava suas palavras. — Ou você não consegue subir uma colina sozinho?

— Mas eu não estou sozinho, não é? — disse Fionn, rispidamente. — Estou sendo acompanhado pela própria Lúcifer.

— Cala a boca.

— Só achei rude — resmungou Fionn. — Nós somos convidados dele. E nem sabemos para onde ir.

— Eu sei aonde ir. Já vim aqui antes, a diferença é que da última vez não tinha *you* me atravancando.

Fionn revirou os olhos. Eles tinham perdido cinco minutos quando uma abelha pousou no ombro de Tara e a perseguiu por todo o promontório. A garota saiu dando pulos, aos berros, como se o inseto fosse um enorme urso-cinzento.

— Vá na frente, então, Colombo — disse ele, andando a passos firmes atrás da irmã.

Fionn achava impossível suas expectativas diminuírem. E ainda assim...

O chalé era pequeno e atarracado, afundado na terra e cercado por uma bagunça de árvores e espinhos. As bordas de blocos de pedra se revelavam em certas partes onde a tinta branca estava descascando. O telhado era feito de ardósias, mas nas beiradas algumas estavam lascadas e haviam despencado na calha rachada. As janelas estavam embaçadas com sujeira, e os parapeitos, repletos de flores sem cabeça, seus caules curvados para o jardim como se estivessem à procura de suas pétalas perdidas.

Era uma explosão de caos e cores, e Fionn odiou cada centímetro daquilo. Queria estar em Dublin com a mãe, em seu apartamento espremido, ouvindo os vizinhos de cima fingindo que não estavam criando secretamente um pit bull e decidindo o que pediriam do restaurante chinês.

Passaram por uma velha caixa de correio, com uma inscrição desbotada em irlandês: *Tír na nÓg*.

A Terra da Juventude.

Irônico, pensou Fionn. E então fez uma anotação mental para conferir o que exatamente significava a palavra “irônico” antes de falar em voz alta na frente de Tara.

O portão emitiu um gemido grave quando ele o fechou após entrarem.

— Sinistro, não é? — Tara não se preocupou em sussurrar, apesar do fato de estarem parados onde algumas pessoas chamariam de “jardim”, mas que para Fionn mais parecia uma salada. — E o lado de dentro é igualmente deprimente.

Deprimente. De novo essa palavra.

Fionn começou a se virar lentamente.

— Por que alguém escolheria morar aqui?

— Bom, acho que esse é o único lugar que me aceitaria.

Fionn parou seu movimento. Os vasos sanguíneos de suas bochechas se escancararam.

Seu avô estava parado na entrada do chalé. Era um ser gigantesco: alto e delgado, com uma careca brilhante, rosto grande e um nariz condizente. O mesmo nariz que Fionn xingava em seu reflexo desde que podia se lembrar. A ponta sustentava uns óculos redondos de aros grossos de tamanho exagerado, que tornava seus olhos ainda maiores do que realmente eram. Seus braços e pernas eram impossivelmente longos, mas, ainda assim, de alguma forma, pareciam miniaturas em seu terno de tweed desproporcional. Ele dava a impressão de ter se arrumado para ir a algum lugar, só que já estava arrumado fazia cinquenta anos e agora o terno se desmanchava.

O avô jogou a cabeça para trás, abriu a boca até Fionn poder ver todos os seus dentes — os cinzentos e os brancos — e riu. E riu e riu e riu, até Fionn imaginar sua risada varrendo-o como um furacão, os ventos tocando seu coração como um violino.

E então Fionn também começou a rir. Foi constrangedor e forçado, mas rindo ele não teria tempo de pensar sobre como isso não parecia tanto uma aventura, mas sim uma prisão, ou sobre como sua mãe fora deixada para trás dentro de algum prédio em Dublin, cercada por pessoas do tipo profissionais que vestiam suéteres caros e óculos chiques. Ele riu para impedir que esses pensamentos se tornassem algo triste e vergonhoso que parecesse e soasse bastante como um choro.

Fionn não ia chorar na frente de Tara.

Essas férias não seriam do tipo chorosas. Mesmo que sequer fossem férias, na verdade.

Quando a risada se esgotou, o avô o examinou com um olhar prolongado.

— Então — disse ele, baixando o queixo. — Finalmente nos conhecemos.

Ele se curvou sob a moldura baixa da porta e indicou para entrarem, seu dedo torto como a nuvem de fumaça que os havia guiado na subida da encosta.

Tara disparou na frente, lançando um insulto por sobre o ombro:

— Parabéns, Fionny. Finalmente achou alguém tão esquisito quanto você.

— Cuidado com essa abelha! — O peso no coração de Fionn se moveu com os ganidos e passos de dança que Tara fez para entrar no chalé.

Fionn fechou a porta e quase deu com a cara em um cabideiro, onde chapéus e guarda-chuvas estavam pendurados feito decoração, todos cobertos por uma grossa camada de poeira.

— Ah — disse ele, encarando de olhos arregalados as estantes que se estendiam do chão ao teto em torno da pequena sala de estar, continuando até a cozinha, que era visível através de um arco de madeira.

Todo centímetro de espaço no chalé já apertado pertencia a uma estante, e todas as estantes estavam repletas de velas.

Cada uma tinha um rótulo com uma caligrafia rodopiante. *Tempestade de Outono* e *Chuva de Verão* estavam aninhadas entre *Páscoa Nevoenta* e *Natal Nevado*, enquanto outras como *Tornado Inesperado na Festa de Aniversário de 12 anos de Josie* ou *Pipa Fujona de Sean McCauley* eram estranhamente específicas. Havia rótulos que indicavam uma janela de tempo muito breve e precisa, como *Nascer do Sol Flamejante, Fevereiro de 1997* ou *Crepúsculo Tangerina, Agosto de 2009*. Outros rótulos eram palavras vagas em irlandês, como *Suaimhneas*, que significava “Paz”, ou *Saoirse*, que significava “Liberdade”.

Uma das velas dizia simplesmente *Fadó Fadó* — “Há muito, muito tempo”. Podia ser qualquer coisa. Podia se tratar da Era do Gelo, ou da Idade do Bronze, ou daquela época na Irlanda quando todos os monges rabiscavam manuscritos e viviam escondidos em torres grandes e redondas por algum motivo que Fionn não conseguia lembrar.

A atenção de Fionn se voltou para *Céus Tempestuosos sobre a Praia de Aphort*, uma vela que parecia ter sido esculpida por uma grande tempestade. Era cinza-escura em torno da base, as nuvens aglomeradas subindo em espirais até a cera formar bolhas nas beiradas e esmaecer para um violeta fechado. Um raio prateado ziguezagueava pelo meio do objeto, e quanto mais Fionn o encarava, mais parecia que o raio saltaria da estante e estouraria no ar à sua volta.

— Vocês vão tomar chá, então — disse o avô. Não foi uma pergunta, mas essa frase deixou Fionn aliviado. Alguns costumes eram idênticos em toda a

Irlanda.

Tara se recolheu a um canto da sala de estar, procurando um carregador de celular em sua bolsa da maneira como um homem sedento vasculharia o deserto por água.

Fionn se abaixou para passar sob uma viga e adentrou o corredor, onde a casa se estreitava para três outros cômodos e as paredes pareciam convergir para dentro, como se quisessem contar-lhe um segredo. Havia velas ali também. Algumas eram minúsculas, do tamanho de seu dedo mindinho. Algumas tinham as cores do arco-íris, outras tinham grama crescendo de dentro de si. Também havia velas com formas estranhas, como gotas d'água, guarda-chuvas e pequenas luas repletas de crateras. Havia nuvens tão redondas e fofas que Fionn teve que tocar nelas para ter certeza de que eram feitas de cera, em vez de vapor.

Na sala de estar, uma única vela estava acesa sobre a lareira. Era a maior de todas do chalé: um grande bloco de cera acomodado perfeitamente em um recipiente de vidro espesso, tão profundo quanto a tristeza de Fionn. Era cinza-clara, mas, no centro, em torno do pavio, a cera era adornada com listras de azul — turquesa, safira e água-marinha. Havia linhas de azul-celeste que se misturavam com azul-escuro e até mesmo, Fionn não pôde deixar de reparar, tons da cor do uniforme de seu colégio: azul-marinho que lhe provocava ânsias de vômito.

A vela era a única fonte de luz agora que o sol se punha em algum lugar por trás do emaranhado de árvores lá fora. Fionn não soube identificar a que ela cheirava, mas o cheiro provocava algo dentro dele.

Fazia-o lembrar do ar marinho, mas não irritava suas narinas da mesma maneira. Havia algo mais também. Água? Não. Não *apenas* água. Fionn fechou os olhos firmemente. Sentia que a resposta se encontrava no fundo de seus ossos e que, se fechasse os olhos e se concentrasse o bastante, talvez pudesse resgatá-la das profundezas de si e arrancá-la da ponta de sua língua.

Água da chuva. Isso. Mas de uma tempestade; algo que provoca um turbilhão, que assola e se lança com força nos vidros das janelas. Lá estava o mar novamente, bem no cerne da coisa, porém conturbado desta vez, como espuma em uma onda agitada ou...

— Terra para Fionn! — Tara bateu palma na frente do rosto do irmão, que se assustou, deu um salto para trás e derrubou uma vela que ficava ao lado da poltrona. O aroma se evaporou imediatamente, e Fionn ficou se perguntando se tudo não passara de uma alucinação.

Do outro lado do arco, seu avô enchia canecas de chá.

— Sua irmã não lhe contou que eu era artesão de velas?

Fionn lançou um olhar acusatório para Tara.

— Achava que não era para eu falar sobre essas coisas fora de Arranmore — disse ela, fazendo pouco caso. — E, honestamente, não acho que ele vai ligar muito para as velas. Sem ofensas.

O avô reagiu como se Tara o tivesse acertado com um dardo, seu olho esquerdo se contraindo enquanto ele a observava passeando com ostensão pelo corredor em busca de uma tomada que funcionasse.

— Não é a intenção dela ser tão horrível — disse Fionn. — Mamãe diz que é uma fase. Mas pode demorar um pouco pra passar. Essa fase dela acabou de começar.

O avô levou a mão ao seu ombro.

— Não se preocupe, Fionn. Estou mais que acostumado ao vento frígido da apatia adolescente.

— Não leve pro pessoal. Ela só nunca ligou muito para velas.

Fionn não completou seu pensamento, de que ele também não ligava para elas, porque, assim como peixinhos-dourados, matemática e sua irmã, velas não faziam nada digno de nota. Além disso, ele não tinha mais de cem anos e nem estava procurando um presente de Natal de última hora para alguém de quem havia se esquecido totalmente.

— E, enfim, achei que você trabalhasse nos barcos salva-vidas — lembrou Fionn. Era uma das poucas coisas que ele sabia sobre seu avô: que, assim como todos os homens da família Boyle (exceto um), Malachy Boyle amava o mar, e o mar o amava. Sabia que ele tinha passado a infância cercado por barcos salva-vidas e que começou a trabalhar neles quando completou 18 anos. — Como o papai, quando...

Quando estava vivo, queria dizer, mas as palavras ficaram presas na garganta. Algo sobre estar no lugar onde seu pai morreu fazia a tristeza do episódio

parecer mais fresca para Fionn.

— Eu costumava, mas prefiro ficar em casa agora. Não sou jovem como antigamente. — O avô havia retornado às canecas, mergulhando e descartando as bolsinhas de chá na pia antes de acrescentar um pouquinho de leite a cada caneca e entregar uma delas para Fionn. — Você está meio verde, rapaz. Ou isso aí é apenas o seu patriotismo irlandês se manifestando?

Fionn o seguiu até a sala de estar.

— A viagem de barco foi bem agitada. Muita gente passou mal.

O avô olhou para ele com perspicácia enquanto os dois se sentavam em poltronas de frente uma para outra.

— Ok... talvez eu tenha um pouco de... medo do mar — confessou Fionn. Bebeu um gole quente demais e quase cuspiu tudo de volta. — Não gosto das ondas. Não gosto de nada, na verdade.

O avô continuou a observá-lo, a cabeça inclinada para o lado. A luz da vela tremulava em sua pele, lançando sombras que rastejavam pela lateral do seu rosto.

— Isso não me torna um Boyle ruim?

— Humm — murmurou o avô em meio à respiração, seu olhar passando por Fionn e parando na parede atrás dele, onde uma fotografia da avó do menino sorria para os dois. — Na minha experiência, não existe medo, não importa o quão pequeno, do qual se envergonhar. Sua avó sofria bastante de anatidaefobia, você sabia?

Assim que Fionn ouviu a palavra, ela escapou como uma borboleta.

— O que é... isso?

O avô entrelaçou as mãos em frente aos lábios.

— Ela tinha medo de estar sendo observada por um pato.

Fionn apenas encarou o avô.

— O quê?

— Anatidaefobia — repetiu o avô. — Medo de que, em algum lugar no mundo, há um pato observando você.

— ... o quê? — perguntou Fionn novamente.

— Um negócio terrível, *terrível*. — O avô tomou um gole barulhento de chá que pareceu interminável. — Foi o que a matou, no final.

— Mamãe diz que ela morreu de coração partido.

Seu avô alisou o queixo, reflexivo.

— Não. Foi o pato, Fionn. Tenho quase certeza.

— Você está brincando?

A compostura do avô vacilou, seus lábios se abriram em um sorriso. Ele deu uma risadinha e Fionn se viu rindo junto, o alívio fazendo com que sua risada saísse alta demais.

O avô deu uma batidinha na lateral da caneca.

— Esse, e *somente* esse, é um medo absurdo.

Fionn afundou na poltrona, secretamente aliviado por não sentir medo de patos.

— Mas é melhor você se acostumar com o mar, rapaz. Ele está por toda parte aqui.

O garoto deu um sorriso abatido.

— Acho que ilhas têm essa tendência, não é?

— Isso, e também costumam ser repletas de homens velhos extraordinariamente bonitos.

O silêncio se assentou entre eles, e por um momento não havia nada além do barulho abafado do oceano e do furioso digitar no celular de Tara, que tentava desesperadamente arquitetar uma vida social em uma ilha quase morta. O avô de Fionn ficou observando-o na luz cada vez mais fraca. Estava batucando os botões de sua camisa com os dedos, tocando em seu próprio ritmo silencioso.

— Mas então — disse ele após um tempo. — Como estão as coisas em Dublin, Fionn?

— Não muito boas. Mas imagino que você saiba disso, já que mamãe nos mandou para cá... — O olhar de Fionn repousou dentro da lareira. Algo começava a se desenrolar em seu subconsciente. — Ela estava cansada demais... — Deixou a frase morrer no caminho, relutante em falar o resto. *Ela estava cansada demais para ser nossa mãe.*

Não parecia justo dizer isso, mesmo sendo a verdade, e algo que ambos sabiam. A mãe estava apenas tirando férias. Fionn achava isso estranho, tirar

férias não de um lugar, mas de pessoas. Mas era algo que a deixaria melhor. Ela não era a sombra por trás de seus olhos.

Seu avô continuava batucando com os dedos.

— Eu sinto muito, rapaz. Sei que você não escolheu estar aqui. Você não tem escolha em relação a nada disso...

Fionn não conseguia tirar o olhar da lareira. Havia um pensamento sendo percolado em algum lugar no seu subconsciente, um pensamento importante, saindo em pingos.

A poltrona rangeu quando o avô inclinou-se para frente, apoiando os cotovelos nos joelhos.

— Mas a ilha é um lugar como nenhum outro, Fionn. Você vai entender como ela é especial...

Fionn encarava a lareira com tanta intensidade que esquecia de piscar.

A lareira estava vazia.

Não havia fuligem, grelha de metal, nem mesmo uma grade de proteção. O chalé estava frio, e não banhado pela incandescência calorosa de uma fogueira.

Fionn olhou para o avô.

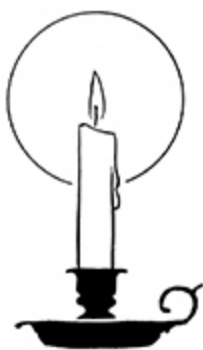
— Vô, se não tem fogo na lareira, de onde vinha a fumaça de antes?

O avô sorriu. Foi um sorriso meio esquisito, que arrepiou os pelos da nuca de Fionn. Vislumbrou de canto de olho a vela tremulando. A chama pareceu ficar mais alta e mais estreita em resposta a ele.

— De onde veio a fumaça? — perguntou novamente.

Seu avô deu uma risada, mas desta vez foi um som seco, polvoroso, como se tivesse vindo de outro lugar, e não do fundo da barriga, como antes. Ele levantou da poltrona, desdobrou seus braços e pernas compridos, e caminhou de volta para a cozinha, onde cenouras descascadas pela metade exigiram sua atenção subitamente.

Fionn voltou a olhar para a lareira vazia. A incerteza era como um peixe nadando dentro dele.



CAPÍTULO TRÊS

O GAROTO BEASLEY

— **B**artley Beasley acabou de descer da balsa — anunciou Tara na manhã seguinte, enquanto Fionn enchia a boca de mingau. O cabelo do menino estava preso à testa e seus olhos continuavam carregados de sono. Ele passara a noite inteira se revirando na cama, assombrado pelos sons distantes de ondas batendo contra a falésia. Nos seus sonhos, imaginou dedos aquosos rastejando pelo promontório e o arrastando para dentro de um oceano sem fundo.

— Ah, *Bartley Beasley*... — disse o avô, cortando uma banana da semana passada e deixando-a cair em seu mingau. — Como poderia esquecer uma aliteração tão desnecessária?

Tara parou de digitar por um instante para olhar feio para o avô.

Ele deu uma risadinha e comeu uma fatia de banana da ponta da faca.

— Tem mais algum Beasley barulhento vindo para a ilha esse verão?

— Ouvi dizer que eles são muito bárbaros — disse Fionn.

O avô abriu um sorriso malicioso.

— Mas que *bombástico*.

— Se querem saber, o Bartley tem uma irmã mais nova — disse Tara, com seriedade. — É a primeira vez que ela visita Arranmore, então eu disse que ajudaria a mostrar a ilha para ela.

— Ela é briguenta? — perguntou Fionn.

O avô deu um gole no chá, olhando para Tara por sobre a borda da caneca.

— Ou talvez... bitolada?

Fionn gargalhou.

— Ah. — Tara estreitou os olhos após a demora para entender. — Vocês são tão engraçados. Rá-rá-rá. Bom, sinto muito desapontá-los, mas o nome dela é Shelby, então podem parar de agir feito dois *idiotas*. — Ela revirou os olhos e levantou-se da mesa, jogando a trança para trás do ombro e marchando de volta ao quarto que dividia com o irmão, enquanto resmungava coisas sobre preconceito e imaturidade.

O avô teve o bom senso de demonstrar arrependimento. Pelo menos até Tara desaparecer, quando se voltou para Fionn e disse:

— Acha que fomos muito beligerantes?

— Achei que ficou barato — respondeu Fionn, balançando a cabeça.

Normalmente, Fionn sabia que era melhor não insultar o grande Bartley Beasley, o garoto por quem Tara era não-muito-secretamente apaixonada. O garoto que viera para Arranmore no verão passado e lhe dera uma pulseirinha azul que ela nunca tirava. Nem para tomar banho. O que era obviamente *nojento*. Bartley morava em uma enorme mansão de vidro em Bray, usava mocassins em vez de tênis e, aos 14 anos, já treinava com a Equipe de Natação Olímpica Irlandesa. Passava uma quantidade exagerada de gel no cabelo para manter um topete que fazia uma onda perfeita, de forma que todos fossem lembrados de sua riqueza constantemente.

Bartley Beasley também foi o primeiro garoto que Tara beijou, uma informação que Fionn gostaria de apagar de sua mente. Ele havia descoberto isso sem querer, ouvindo às escondidas uma das conversas de telefone da irmã seis meses atrás.

Por esses motivos, Fionn considerava Bartley a pior pessoa de todos os tempos. Isso não significa, no entanto, que ele não tenha ficado insultado

quando Tara decidiu encontrar Bartley e a irmã uma hora depois e não o convidou para ir junto.

— Já temos planos, Fionny. Vamos embarcar numa aventura secreta.

— Eu gosto de aventuras! — disse Fionn, tentando não soar desesperado.

Tara simplesmente olhou para ele e fez um beijo com os lábios cheios de gloss recém-aplicado, seu suéter amarelo demais deixando-a parecida com um limão-siciliano.

— Dessa vez é diferente. E não tenho tempo para explicar tudo agora.

Fionn não tinha coragem de implorar. Não podia suportar a ideia de Tara saber o quanto ele queria ir junto.

— Vá fazer alguma coisa com o vovô. — Ela gesticulou para o quintal, onde o avô estava debruçado sobre sua bancada de trabalho, derretendo lascas de cera para formar novas velas. — Já que você o acha tão engraçado.

E então deixou-o sozinho, cercado por velas que, agrupadas, o julgavam em silêncio, como se dissessem: *Viu só? Até nós temos amigos*. Fionn refletiu sobre essa nova e estranha forma de solidão e se perguntou se ela era pior do que estar de volta ao apartamento em Dublin, observando a mãe assistir à televisão sem, de fato, ver nada.

Concluiu que sim.

Então correu para fora, afundando as meias na grama alta, e observou a irmã descendo o promontório em zigue-zague em direção à aventura. Pensou em chamá-la, ou calçar os sapatos e correr atrás dela, mas, no final, só ficou parado ali, ouvindo as gaivotas.

Decidiu ignorar o resmungo dentro de si, a sensação de que seus ossos estavam se alongando para fora da pele, tentando alcançar o mar.

Às onze e meia, seu avô largou a bancada de trabalho e encontrou Fionn folheando uma velha enciclopédia (letras de Q a Z), tentando fingir que estava interessado em vulcões. Enfiou uma nota de cinco euros na mão do garoto, seus dedos manchados da cera cinzenta, e o despachou para a loja para comprar saquinhos de chá de emergência (*O Barry's, não o Lyons, senão vou te mandar de volta pra casa*).

— Posso ir mais tarde? — perguntou Fionn. — Ou talvez amanhã?

— O Monte Vesúvio continuará aqui quando você voltar. — O avô fez um gesto para a janela, onde uma pequena faixa de luz do sol passava pelo vidro sujo. — Não quero que você perca nada disso.

— Disso o quê? O sol que é quente só na aparência?

Seu avô abriu a porta com força e convidou aquele estranho vento da ilha, que atravessou o arco da casa com um assobio e envolveu Fionn.

— Pode levar esse sarcasmo com você, também. Enterre-o debaixo de uma pedra antes de voltar com meus saquinhos de chá.

Fionn descansou a enciclopédia lentamente.

— Mas quero muito saber o que aconteceu em Pompeia — disse ele, melancólico.

O avô abriu os braços e imitou um barulho de explosão.

— Uma grande erupção. Todo mundo morreu. Foi trágico.

— Não precisava estragar o final da história — resmungou Fionn. — Quer me fazer companhia?

Seu avô já estava retornando à bancada de trabalho e lançou a resposta por sobre o ombro sem dar importância:

— Não.

Fionn olhou feio para a nota de cinco euros, avaliando se essa tarefa era realmente necessária. Uma vez, ele leu que humanos podiam sobreviver até dez dias sem água ou alimento. Mas quanto ao chá, não tinha tanta certeza.

Assim que fechou a porta atrás de si, o vento o empurrou para fora do jardim, por entre arbustos espinhosos que se despediram com arranhões. Ele fixou o olhar no horizonte para além do promontório e chegou perto de xingar quando a beirada da falésia começou a se aproximar. Mas quando piscou, a encontrou de volta ao normal, o oceano lá embaixo cuidando da própria vida.

É uma caminhada curta, pensou consigo mesmo, enquanto o mar rugia e gotas d'água pegavam carona no vento até borrifarem sua língua.

Quando olhou para baixo, para o oceano, ele parecia calmo como um lago: liso e cintilante na luz do sol matinal.

É só uma ilha.

Era só uma ilha mesmo. Ainda que às vezes houvesse pássaros guinchando no céu, mas, quando Fionn olhava para cima, eles tinham desaparecido

completamente, substituídos por uma nuvem ou...

Uma gaivota mergulhou sobre a cabeça de Fionn, dando-lhe um susto daqueles que só acontecem em filmes mudos. Ela sem dúvida não se encontrava ali um instante antes, mas, quando tentou achá-la no céu, já havia sumido, deixando apenas o eco de seu grito no ar.

Seria esse o segredo ao qual Tara tinha se referido? Que a ilha mudava, se alongava e piscava como se estivesse *viva*?

Ou seria isso efeito da abstinência de *Minecraft*?

Fionn vinha prestando bastante atenção em como a grama crescia e então diminuía em um instante, como às vezes os pedaços de terra ao lado da estrada eram verdes e exuberantes, e de repente ficavam marrons e áridos ao olhar de novo, como se tivessem passado por uma seca. Outras vezes, via flores delineando seu caminho, como soldados com boinas violeta, mas quando piscava por tempo demais, o ar as sacudia e elas desapareciam.

O que diabos estava acontecendo?

A próxima flor que viu, Fionn arrancou da grama tão rápido que caiu para trás, rolando colina abaixo e sujando sua calça de moletom inteira. Olhou em volta. *Nenhuma testemunha*. Ufa. Levantou-se de pronto e prensou a flor molenga em seu punho. Rá! Sua refém verde em miniatura. Prova de que não estava enlouquecendo.

Quando finalmente chegou ao píer, onde as lojas e casas se amontoavam como senhorinhas contemplando o porto, Fionn tinha um punhado de flores violeta na mão. Estava tão envolvido na investigação sherlockiana da ilha que não percebeu uma menina saltando em sua direção, até que seu nariz estivesse praticamente colado com o dela.

— Opa! — disse Fionn, freando subitamente. — Desculpa. Não te vi.

A garota tinha a mesma altura de Fionn e também parecia ser da mesma idade. Seu cabelo loiro-escuro caía liso até as costas, sua boca era larga e curvada, e seus grandes olhos claros o estudavam atentamente. Ela apontou o picolé que havia comido pela metade para o nariz dele.

— Meus impressionantes poderes de dedução me dizem que você é o irmãozinho da Tara Boyle.

— Só temos o mesmo sangue — lamentou ele. — Meu nome é Fionn.

— Shelby — disse a garota, com a boca cheia de picolé. Ela inclinou a cabeça na direção da loja, onde Bartley e Tara estudavam um contêiner de sorvetes. — Eles estão ali há *séculos*. E só tem, tipo, seis opções.

Fionn percebeu, pelo elaborado revirar de olhos de Shelby, que ambos sofriam do mesmo tormento: irritação fraternal. Decidiu que gostava dela.

— Aonde vocês vão? — perguntou ele casualmente, tentando impedir que a curiosidade que o consumia aparecesse estampada em seus olhos.

— Encontrar a Caverna do Mar. — O aparelho ortodôntico de Shelby piscou para ele na luz do sol. As sobrancelhas da menina formavam um arco tão perfeito que, entusiasmada, ela parecia um personagem de desenho animado. — Bartley não conseguiu achar no ano passado, mas só porque não estava *comigo*. Eu tenho um senso de aventura incrível, que minha professora prefere chamar de “uma propensão à perda de tempo” — disse ela, fazendo aspas com os dedos. — Mas isso é só porque ela não me compreende em nível profundo, como ser humano. E também porque é extremamente chata.

Fionn olhou fixamente para Shelby por um tempo maior do que o socialmente aceitável.

Ela o encarou de volta, seus olhos brilhando ainda mais claros.

— Deve ser bem simples, na verdade. Não é como se a ilha fosse muito grande. Mas não diga isso ao Bartley, porque ele fica se sentindo incompetente em relação a isso tudo. Você não teria nenhuma pista sobre onde ela fica, por acaso? — perguntou ela, esperançosa.

Fionn balançou a cabeça.

— Tente dar uma olhada num mapa local.

— Você só pode estar brincando! A gente *nunca* encontraria isso num mapa! — Shelby balançou o picolé de um lado para o outro, de tão absurda que achara a sugestão. — Ela é secreta por um *motivo*.

— Ah. E qual seria?

— Porque ela é mágica — disse Shelby, como se fosse a coisa mais óbvia do mundo.

Fionn ficou esperando a menina dar um sorriso debochado, mas ela só pressionou os lábios e o encarou com a mesma intensidade.

— Por que está fazendo essa cara pra mim? — perguntou Shelby.

Fionn tentou suavizar sua expressão, mas suas sobrancelhas voltavam a se contrair.

— Você disse que a Caverna do Mar é *mágica*? Eu ouvi certo?

— Perfeitamente — respondeu Shelby, impassível. — Eu tive aulas de oratória na infância. Era isso ou esgrima, e como não sou uma monarca do século XVI, escolhi o negócio de saber falar bem.

— O que ela tem de tão mágico? — perguntou Fionn, focando na parte importante.

— Bom, tenho certeza de que um geólogo ávido lhe diria que todas as cavernas são mágicas, a sua própria maneira. Mas *essa* caverna concede desejos.

— Isso parece... improvável — disse Fionn, com bastante desconfiança.

Shelby franziu a testa.

— Não acredita em mim?

— Não. Mas acho que você estava certa quanto às aulas de esgrima.

Ela apontou para as flores espremidas em sua mão.

— Posso vê-las?

Fionn lhe entregou as flores.

A menina girou o buquê murcho, reagindo a ele com uma careta de todos os ângulos.

— Minha mãe perderia o sono se visse essas flores — resmungou ela. — Meu pai comprou rosas cor-de-rosa para ela certo Dia dos Namorados, em vez de rosas vermelhas, e ela passou uma semana sem falar com ele. Essas aqui a assombrariam. Agora, tratando-se de questões florais, eu não gosto de julgar, mas devo dizer que prefiro flores que não estejam tão... como me expressar com delicadeza? Terrível e irremediavelmente esmagadas.

— Elas não são para apreciação humana.

— Ótimo. Então você não vai se importar de ficar sem elas.

Antes que Fionn pudesse responder, Shelby atirou as flores para cima. Elas caíram como confete, espalhando-se ao redor deles em um misto de caules frouxos e pétalas amassadas.

— Qual foi o propósito de... — O final da frase de Fionn foi arrebatado pela surpresa.

Ele ficou pasmo ao ver as flores desaparecerem na terra, haste após haste após haste, e depois as pétalas em silenciosa sucessão, como se estivessem esperando a vez delas.

Fionn sujou os pés no solo de cascalho, só para ter certeza de que não continuavam ali, escondidas de alguma forma. Então, fez uma careta tão grande que seu nariz pareceu tentar alcançar a testa.

— Onde elas foram parar?

— Olha. — Shelby saltitou até a beirada da trilha, e Fionn virou-se como um robô, seguindo a menina sem piscar.

As flores estavam renascendo ao longo das margens gramadas, brotando uma a uma.

Shelby arrancou-as do chão e enfiou o novo buquê na cara de Fionn.

— Explique isso — disse ela, triunfante.

O garoto pegou as flores e começou a girá-las. Ficou em silêncio por dez longos segundos. Quer dizer que ele não estava imaginando aquelas coisas todas no promontório. O estranho não estava em sua mente, mas sim na terra ao seu redor. Balançou a cabeça, finalmente acreditando.

— Eu... Eu não sei se consigo explicar.

Pensou que talvez fosse essa a essência da magia.

Magia.

Minha nossa.

Shelby deu uma mordida no picolé, convencida.

Estreitando os olhos, Fionn fitou as novas flores em seu punho. O mais perto que havia chegado a ver magia em Dublin foi quando encontrou uma nota de cinco em um ponto de ônibus. E sua mãe ainda por cima o fizera dividir o dinheiro com Tara, que desperdiçou completamente sua parte comprando um iogurte com passas.

— De onde vem isso?

Shelby puxou com força a ponta do picolé de sua boca.

— Espera aí. Você tá dizendo que nem sequer ouviu falar de *Dagda*?

— Eu só cheguei aqui ontem — disse Fionn, na defensiva. E *acho que minha cabeça está prestes a explodir.*

O que *mais* ele havia perdido?

— Bom, mas não era para alguém ter ao menos mencionado ele antes de hoje? Você é um Boyle. Foi daqui que vocês vieram.

Fionn olhou de relance para dentro da loja, onde Tara estava finalmente pagando seu sorvete. Bartley Beasley ficou balançando atrás dela, como uma enorme e carente palmeira. A irmã tivera tempo suficiente para lhe contar sobre Dagda, seja lá quem fosse, e não havia se dado ao trabalho. O ano todo tinha sido apenas Bartley, Bartley, Bartley.

Ao ver a expressão desanimada de Fionn, Shelby acenou de um lado para o outro, criando um borrão de linhas verdes e brancas com o que restava de seu picolé.

— Esquece. Você está aqui agora e nós já avançamos bastante. Vou te contar. — Ela girou os ombros para trás e deu um sorriso tão grande que o sol que refletia em seu aparelho ortodôntico o ofuscou momentaneamente. — Muito tempo atrás, tipo muito antes de existirem estradas e Snapchat e computadores e até casas e tal, dois velhos feiticeiros lutaram entre si bem aqui, no litoral de Arranmore. Os nomes deles eram Dagda... Uhuuuuul! — Shelby levantou o polegar em um gesto exagerado, antes de invertê-lo para baixo. — E Morrigan. Buuuuu!

— Você realmente é uma contadora de histórias incrível — disse Fionn.

Shelby soltou uma gargalhada, e então inclinou a cabeça na direção do píer.

— Depois que Dagda derrotou Morrigan, ele deixou sua magia para trás. Ela está concentrada em lugares diferentes por toda a ilha. A Caverna do Mar é uma de suas dádivas. — A garota deu a última mordida no picolé, passando a língua ao redor dos lábios para limpar o contorno esverdeado. — Nossa avó diz que, se você conseguir achar a entrada, a caverna vai te conceder um desejo. Mas ela é muito difícil de encontrar, além de ser *extremamente* perigosa. O que torna isso a aventura de verão perfeita!

— Um desejo mágico — sussurrou Fionn. Uma semente de encantamento fora plantada dentro dele, calorosa e dourada como o sol do verão. — Então... o desejo pode ser *qualquer coisa*?

Os olhos de Shelby brilhavam novamente, ambos fixados na esplendorosa luz das possibilidades irrestritas.

— É claro — disse ela, praticamente sem fôlego. — Ele é *mágico*, não é?

O coração de Fionn batia tão alto que ele se perguntou se ela podia ouvi-lo. Estava com medo de acreditar... com medo de ter *esperança*, mas ainda assim... não parava de olhar para as flores em sua mão. Lembrou da lareira vazia...

— Então, como é que vocês vão...?

— Boyle! — Fionn foi interrompido pela chegada sem cerimônia de Bartley Beasley, que caminhou para fora da loja com a mesma autoconfiança de um modelo na passarela. Ele abriu passagem na frente de Shelby usando o cotovelo e abaixou o olhar para Fionn por entre a longa e estreita coluna que era seu nariz.

Apontou para as flores na mão do garoto.

— Tentando cortejar minha irmãzinha, é?

Fionn largou as flores como se estivessem queimando.

— O quê?! Não.

A risada de Bartley saiu em sílabas exageradas: *rá rá rá*. Ele já havia aberto seu picolé, e tinha um discreto contorno laranja em volta da boca.

— Relaxa, Boyle. Não é para infartar.

Agora que estava cara a cara com o garoto de quem sua irmã gostava, Fionn realmente não conseguia entender por que tanto alvoroço. Ele era exatamente tão irritante quanto sua foto de perfil indicava. Tudo bem, Bartley era alto (o cabelo lhe acrescentava no mínimo sete centímetros) e vestia um belo (embora um pouco pomposo) suéter, mas ele, ainda assim, parecia uma ave. Tinha um queixo pontudo, olhos pequenos e maliciosos, e lábios finos que não pareciam acostumados a sorrir; sua boca não era larga e com forma de arco, como a de Shelby, que parecia viver sempre à beira de uma piada.

Bartley deu uma batidinha na lateral de seu nariz.

— Estou vendo que você herdou o narigão do Malachy.

Fionn olhou feio para o topete perfeitamente arrumado na cabeça de Bartley Beasley e desejou que uma praga de piolhos o tomasse. Como se o estivesse ouvindo, o vento bateu forte, empurrando o cabelo de Bartley e estragando a ondinha feita com excesso de gel, até parecer que ele havia caído de cabeça em uma máquina de lavar roupa.

— Fionn! — Tara saiu correndo da loja com um picolé Magnum de chocolate branco, apontando-o para o irmão como uma espada. — O que você

tá fazendo aqui? Espero que não esteja me fazendo passar vergonha!

Queria responder: *Seu suéter já está dando conta disso sozinho*. Mas, em vez disso, falou:

— Shelby estava me contando sobre o *Dagda*. — Fionn estreitou os olhos, seus lábios retorcidos pela mágoa, e acrescentou: — Obrigado por ter me atualizado.

Tara fez cara feia para Shelby.

— Eu ia fazer isso.

Shelby apenas olhou para seu All Star, o cabelo reluzente caindo em volta de seu rosto como uma cortina.

— Ops.

— *Quando?* — exigiu Fionn. — Você teve bastante tempo pra me contar.

— Pare de ser dramático. Eu já ia contar.

— Você disse a ele para onde vamos, Shel? — perguntou Bartley, em tom acusatório.

— É claro que sim.

— Fofoqueira — disse ele, com asco. — Por que você não aprende a guardar segredo pelo menos uma vez na vida? Ou vou ter que pedir para a vovó te mandar de volta pra casa, e assim você não estraga todos os nossos planos?

Tara cutucou a testa de Fionn com o dedo.

— Não conte ao vovô aonde estamos indo, ou vou cortar todas as suas camisetas. Ele vai me matar, se descobrir.

— Por que não vou com você, simplesmente? — sugeriu Fionn, seu coração galopante só de pensar no desejo... nas coisas impossíveis que ele queria.

— Não — disse Bartley, seco.

A palavra atingiu o peito de Fionn com força.

— Não — repetiu Tara, torcendo a faca. — É a *Caverna do Mar*, e você morre de medo do mar. Você chorou quando soube que teríamos de vir pra cá na balsa.

Fionn inspirou abruptamente. Seus olhos estavam pinicando. Mas não *deveriam* estar. Apesar de Bartley Beasley ter acabado de bater a porta da amizade na sua cara, apesar de sua irmã ter contado seu maior segredo, como se tivesse enchido um balão e o deixado flutuar entre eles para impressioná-lo,

apesar de Shelby agora estar olhando para ele como se fosse um animal ferido, Fionn respirou fundo e libertou seus dedos de dentro dos punhos colados ao corpo. Então, disse:

— A Tara ainda brinca com as bonecas dela quando acha que não tem ninguém em casa.

Tara quase engasgou com o picolé.

— E elas estão sempre roubando o namorado uma da outra e saindo no tapa!

Bartley olhou para Tara sem conseguir esconder seu horror.

— Chocante — disse Shelby.

— Fionn! — As bochechas de Tara coraram na hora.

— Você que começou! — respondeu o irmão.

— Não comecei não, seu completo *monstrengo*. — Ela virou-se de costas e puxou Bartley pela manga do suéter. — Vem. Vamos embora.

Fionn não disse mais nada. Só ficou parado vendo os dois se distanciarem.

Shelby despediu-se sacudindo o palito de seu picolé tristemente. Bartley sussurrou algo (provavelmente sem graça) para Tara que a fez gargalhar como uma hiena e ignorar completamente seu irmão.

Fionn ficou observando o grupo ir embora, as flores esmagadas aos seus pés, e odiando o quanto queria ir junto com eles.

Em vez disso, entrou na lojinha em frente ao píer e pegou uma caixa de saquinho de chá Barry's e um picolé Magnum de chocolate ao leite.

O dono da loja sorriu para ele enquanto deslizava os itens pelo caixa. O homem tinha a pele bastante enrugada e seu cabelo grisalho apontava para todas as direções, como se ele tivesse sido eletrocutado.

— Bom, eu aposto cem mil euros que você é o neto do Malachy.

— Você não tem esse dinheiro — respondeu Fionn, devolvendo um sorriso bem mais fraco do que o recebido. — Mas tem razão quanto ao meu avô, então acho que não importa. Meu nome é Fionn.

A risada do lojista era como um sino dos ventos. Quando começava a soar, não parava.

— Como vai o Malachy? Não o vejo por essas partes faz um tempo. Normalmente é a Rose, do outro lado do morro, quem faz as compras para ele.

— Ele está ótimo, obrigado — disse Fionn, automaticamente. Fora treinado para dar a mesma resposta sempre que perguntavam de sua mãe, então ela havia saído involuntariamente. Não sabia se era verdade ou não.

— Alguma notícia sobre a tempestade que está por vir? — perguntou Donal.

Fionn balançou a cabeça.

— Humm, acho que não.

Um outro homem saiu de um dos corredores da loja e instalou-se no estande de revistas ao lado da porta, distraíndo-os da conversa por um momento. Era a pessoa mais ruiva que Fionn já tinha visto. Seu cabelo era mais vermelho que uma cereja. Mais vermelho que um caminhão de bombeiros. E como se isso não bastasse de cor para uma pessoa só, o homem ainda tinha uma grande barba vermelha.

Donal olhou para ele desconfiado, contraindo os lábios para dentro da boca.

— Peculiar esse sujeito aí, não é? — sussurrou ele.

Fionn olhou por sobre o ombro para ter uma visão melhor. O cabelo ruivo do homem era trançado em uma série de nós intrincados, e sua barba se estendia até a clavícula, terminando em outras duas pequenas tranças. A bochecha que Fionn podia ver era muito vermelha, provavelmente devido à espessa gola rulê preta que ele trajava em um dia tão quente.

— Barba tão grande quanto a de Dagda, imagino — murmurou o lojista enquanto varria os saquinhos de chá e o Magnum para dentro de um saco de papel.

De novo esse Dagda! Será que todo mundo sabia, exceto ele?

Fionn lhe entregou o dinheiro.

— Obrigado.

Donal balançou a cabeça e deslizou o saco para o garoto.

— Por conta da casa, rapaz.

Ele olhou para a nota de cinco euros amassada ainda em sua mão.

— Tem certeza?

— Para o Guardião da Tempestade. — O lojista deu uma piscadela. — Diga a ele que o Donal mandou lembranças.

— Vou dizer — respondeu Fionn, guardando o estranho apelido em sua mente e o saco de papel debaixo do braço.

Quando se virou, o homem ruivo o encarava com uma revista pendurada frouxamente em suas mãos. Fionn manteve o olhar para baixo, torcendo para que o homem não tivesse ouvido o que Donal havia falado sobre ele. Sentia-se culpado o bastante por associação.

— Você é igualzinho a ele, sabia — falou Donal. — É assustador. Tive que olhar duas vezes quando você entrou na loja.

Fionn parou em frente à porta.

— Seu pai, quero dizer — completou Donal, com a voz um pouco mais áspera que antes. — Ele estudou com meu filho. Faz muito tempo já. Mas não parece, de alguma forma. — O lojista balançou a cabeça, como se a melancolia fosse um chapéu que ele pudesse tirar. — Deve ser maravilhoso para Malachy vê-lo novamente em você...

Fionn não esperou para ouvir o resto. Despediu-se com um breve aceno e ignorou as flores esmagadas na saída, sem perceber que elas haviam brotado novamente pelo promontório no caminho para casa. Não queria pensar no pai; em como tinham os mesmos olhos, o mesmo rosto e o mesmo nariz.

Em como nunca puderam se conhecer.

Fionn já tinha visto as fotos, ficado admirado com as similaridades à medida que crescia. Mas não queria ser um substituto de seu pai. Queria ser *Fionn*, apenas. Mais do que isso, queria que seu pai fosse desacorrentado do barco salva-vidas no fundo do mar e pudesse representar a si próprio. Queria tanto, que adormecia com esse pensamento na maioria das noites e acordava com ele na maioria das manhãs. Durante toda sua vida, esse sentimento residiu no espaço entre sua alma e seu coração, onde o desejo dissolvia-se em impossibilidade.

Quando retornou ao chalé, Fionn guardou os saquinhos de chá ao lado da chaleira, onde encontrou uma outra caixa cheia encarando-o de volta. Na sala de estar, afundou na poltrona de seu avô e reabriu a enciclopédia. As palavras começaram a nadar para fora da página e seus olhos foram embaçando, pensamentos sobre o desejo que faria rastejando para fora de sua cabeça e sentando-se sobre seu peito.



CAPÍTULO QUATRO

A MULHER QUE LUTOU CONTRA O MAR

Instantes após a meia-noite, Fionn subitamente se sentava de costas eretas na cama, com um grito preso na garganta. Esfregou o rosto e deixou seu olhar navegar pelo cômodo que ele e Tara dividiam, pequeno como uma caixa de sapatos. A luz do luar atravessava uma pequena fenda entre as cortinas, projetando estranhas sombras nas paredes.

Tara suspirou e revirou-se na cama. Fionn sabia que ela não havia encontrado a Caverna do Mar encantada mais cedo, mas o que quer que ela tivesse feito a mantivera ocupada pela maior parte do dia.

Vamos tentar de novo amanhã. Aventuras são assim, Fionny. Elas levam um tempo.

Desta vez, Fionn não perguntou se podia acompanhá-la. Sabia que a resposta seria não. Ela ainda estava espumando de raiva por conta da história das bonecas. Além disso, permanecia a verdade: ele tinha medo do mar. E agora todos sabiam disso.

O fato de que Tara tinha razão o alfinetava. Ele não era corajoso. Não sabia como ser corajoso. Sempre que assistia ao *O senhor dos anéis*, imaginava-se

como um cavaleiro solitário, fugindo de uma batalha a galope enquanto os demais personagens marchavam em direção a ela. Enquanto todos estivessem no Abismo de Helm, ele estaria no Condado, fazendo um sanduíche.

Mesmo assim, não conseguia parar de pensar na Caverna do Mar. Se houvesse mesmo um desejo escondido em algum lugar na ilha, ele seria corajoso o suficiente para ir atrás dele e apanhá-lo? E se tivesse o mesmo destino de seu pai? Fionn havia adormecido imaginando a travessia da caverna, passando por algas e espuma marinha, gritando seu desejo a plenos pulmões. Foi somente quando o sonho transformou-se em visões de uma caverna engolindo-o como uma boca que ele acordou abruptamente, de olhos arregalados.

Desceu da cama em silêncio e caminhou até o corredor, passando os dedos pelas prateleiras de velas enquanto os roncos de seu avô ecoavam por todo o pequeno chalé.

Na sala de estar, Fionn ficou surpreso ao encontrar a vela gigantesca ainda acesa sobre a lareira. Era um risco de incêndio, sem dúvidas. Porém, considerando a maneira como o vento entrava pelas fendas nas paredes e descia a chaminé gritando feito uma *banshee*, a vela provavelmente era o menor dos problemas naquele lugar. Ficou observando a chama por mais tempo do que gostaria. O mar se fez presente no ar ao redor, e Fionn abriu a boca e sentiu um gosto de tempestade em sua língua.

Seu olhar foi atraído para uma prateleira em um dos cantos da sala, para uma pequena vela azul praticamente escondida atrás de um floco de neve torto feito de cera. Era redonda e atarracada, parecendo uma fruta, com um fio prateado que ziguezagueava no centro.

O rótulo brilhava em meio à penumbra.

Evelyn, dizia.

Fionn subiu na poltrona do avô e apanhou a vela de cima da prateleira. Por que ele daria o nome de sua mãe à vela? E por que ela estava escondida no canto mais afastado do chalé?

O garoto tateou o fio prateado com o polegar e ergueu o pavio até seu nariz. A vela não tinha cheiro. Ele pulou da poltrona e achou uma caixa de fósforos em cima da lareira. Acendeu o pavio, e a chama surgiu emitindo um fraco

sopro. Fionn foi envolvido pelo aroma: passos apressados em um solo úmido, o acúmulo de grama entre os dedos do pé, a dor de um vento inclemente. E ali, em meio a tudo isso, dois diferentes tipos de sal: lágrimas mornas em um oceano congelante.

Mas que diabos...?

Fionn segurou a vela ardente até sua curiosidade bocejar e se espreguiçar o bastante para tomar uma atitude. Uma brisa furtiva havia entrado por debaixo da porta do chalé e estava se enroscando nele.

Ela pressionou-se contra suas costas.

Ande, disse algo dentro dele.

Fionn foi caminhar noite afora.

Por aqui.

O ar tremulava enquanto ele seguia adiante com esforço, o vento batendo cada vez mais forte, até que Fionn se viu correndo tão rápido que seus pés mal encostavam no chão. As flores encolhiam-se no solo à sua volta e a grama crescia até roçar em suas canelas. Não reparou nos arranhões que os pés descalços sofriam na terra bruta, nem no frio que penetrava a calça de seu pijama. Seguiu a lua com a chama em mãos e o vento nas costas enquanto percorria a ilha a toda velocidade.

Passou por casas sossegadas e pequenos automóveis, pelo colégio de ensino fundamental e médio, a lojinha da esquina e o pub. A ilha era linda sob a coloração do luar. Parecia uma pintura em preto e branco, salpicada de pontos cor de âmbar, nos quais retardatários permaneciam despertos, lendo ou assistindo à televisão. As casas piscavam à medida que Arranmore erguia-se e desaparecia acima dele, e uma nova brotava aos poucos do chão.

Quando a ventania finalmente cessou, Fionn parou às margens da praia e observou o mar se enfurecer. As ondas se avolumaram, lançando jatos de espuma sobre o píer ao mesmo tempo em que trovões roncavam por entre nuvens carregadas, tão escuras que devoraram as estrelas.

Havia uma garota em pé no meio do mar. A luz fragmentada da lua dançava no topo de sua cabeça, e seus cabelos negros cobriam as costas, embaraçados e balançando feito cordas.

Fionn pulou a mureta e correu para a praia, sua garganta sendo vedada pelo pânico.

— Tara!

Mas o vento agarrou o nome e o engoliu.

— Tara!

Sua irmã estava tão distante que Fionn não sabia se ela conseguiria voltar. Não do jeito que as ondas a puxavam pelos cotovelos. Ela começou a bater os braços, como se estivesse tentando golpear o oceano com os punhos. As nuvens rodopiaram ainda mais baixo, a estática estalando em sua superfície inferior enquanto os trovões rugiam como um urso furioso.

Fionn correu até a ponta da praia, onde a areia encontrava o mar em uma curva, formando uma península. A vela continuava firme em seu punho, a chama lutando contra o vento da mesma forma que sua irmã lutava contra o mar. A cera estava derretendo nas juntas dos seus dedos, mas ele não sentia nada.

Quando chegou à extremidade da península, as ondas baixaram e Fionn pôde ver que havia uma saliência no estômago da garota.

Olhou para o rosto dela. Agora mais de perto.

— Mãe? — Desta vez, a tempestade não roubou o nome. Ele foi expelido quase involuntariamente.

A mãe de Fionn gritava para o mar. O céu rugia em resposta.

— Mãe! — Fionn agitou a vela no ar, como um sinalizador. — Mãe! Volta!

Uma onda foi de encontro a ela e a atirou para trás, com uma das mãos protegendo a barriga inchada. Ela se levantou com esforço, mas uma segunda onda encobriu a mulher, tirando-a de vista.

Fionn lançou-se na água. As ondas cuspiram em seus olhos e entulharam seu cabelo de sal, empurrando-o de volta à areia. Quanto mais ele se esforçava para alcançar a mãe, com mais força o oceano parecia combatê-lo.

E então, do breu, surgiu um clarão de pele pálida e longos braços e pernas. O avô de Fionn apareceu do nada, correndo pela praia como um atleta olímpico e se atirando no mar de cabeça.

Ele voltou à superfície dez braçadas depois, sua careca reluzente com gotas d'água. Parecia muito mais jovem, tão ágil e destemido. O vento não roubou

seus chamados como havia roubado os de Fionn. Eles deram voltas e voltas como um tornado, tão altos e obstinados quanto a buzina de um navio.

— Evelyn! — gritou ele, envolvendo-a com um dos braços e a arrastando de volta. — Saia daí antes que você se afogue, Evie!

Fionn entrou na água e tentou andar até eles, mas o mar começou a dançar em volta dele como uma prisão de água salgada até tirar seu equilíbrio. Ele largou a vela e a chama apagou.

A ilha inspirou profundamente.

O avô de Fionn desapareceu e levou a mãe junto. A maré baixou e as nuvens evaporaram, revelando uma noite repleta de estrelas. Sem o conflito e os clamores de um céu turbulento, Fionn conseguia ouvir até as batidas de seu coração. Lembrou-se de sentir medo, e, quando isso aconteceu, o temor subiu pela garganta e roubou seu fôlego.

Ele estava no mar! E o mar iria afogá-lo! Cambaleou para trás e tropeçou em uma pedra, girando o corpo enquanto caía. Fionn deu de cara com o oceano e engoliu um pulmão inteiro de água salgada. Uma onda o encobriu. E em seguida mais uma.

Saia daí antes que você se afogue, Fionn!

Não era a voz do avô, desta vez. Era sua própria voz.

O garoto foi se arrastando para fora da água, cuspidando e vomitando na areia. Agachou-se ali, tremendo e ofegante, até as manchas em sua visão sumirem. Então, rolou de barriga para cima e ficou olhando para o mar vazio. Ele estava mais calmo do que jamais o tinha visto, e o céu acima parecia uma obsidiana salpicada de estrelas.

Levantou-se. Tinha ficado submerso por poucos segundos, mas o mar aproveitara o tempo ao máximo. Ele estava ensopado da cabeça aos pés. Havia cristais de sal presos em seus cílios e algas embaraçadas no cabelo.

Fionn se arrastou de volta para casa, contraindo-se com a dor em seus pés.

Muito, muito lentamente, o mundo foi se reajustando.

O garoto se esforçou para não pensar na ilha enquanto ela o observava ir embora. No que ela havia tomado de sua família tantos anos atrás. No que levava sua mãe a entrar na água e gritar para o mar daquele jeito.

Onde ela estava agora? Estava lá? Ou aqui?

E seu avô? Mergulhando sob as ondas como um peixe, ou em casa, deitado na cama, onde ele se encontrava quando Fionn saiu?

Onde é que eu estou?

No chalé, Fionn tirou a roupa encharcada e vestiu outro pijama. Secou o cabelo com uma toalha de chá no pequeno corredor que dava para o quarto do avô, enquanto ouvia o constante subir e descer de seus roncos. Como era possível que ele estivesse em dois lugares ao mesmo tempo? A exausta cabeça do garoto não conseguia processar a ideia.

Foi até a cozinha, preparou uma caneca de chá, e então a levou para a sala de estar, onde ficou observando a vela em cima da lareira com uma nova dimensão de desconfiança. Por que ela estava acesa? E que efeitos tinha sobre ele? Sondou o cômodo obscuro, à espera de que um fantasma fosse sair da poltrona de retalhos. Era estúpido deixar uma vela acesa durante a noite. Ninguém nunca havia falado isso para seu avô?

Essa vela vai matar todos nós.

Fionn repousou sua caneca.

Então, parou em frente à lareira e, com um sopro, apagou a vela.

Ela exalou como um gigante adormecido e suscitou uma brisa por todo o chalé que sacudiu as janelas. Fionn sentiu o vento nos tornozelos enquanto afundava na poltrona do avô.

Isso. Bem melhor.

A exaustão tomou conta do garoto à medida que o chá acalentava seus ossos. O sono o carregou para um lugar sombrio, onde ele esqueceu o próprio nome e da ilha, até que...

— ME AJUDE!

Fionn acordou com um susto ao som dos berros de seu avô, que lutava para acender a vela acima da lareira com dedos trepidantes. O contorno de sua boca estava cheio de saliva e sua respiração saía em árduos suspiros.

— O QUE VOCÊ FEZ?! — gritou ele, enquanto seus dedos escorregadios quebravam mais um fósforo pela metade.

Fionn saltou da poltrona e tomou a caixa de fósforos das mãos trêmulas do avô. Acendeu a vela de primeira. A chama sibilou e subiu até o teto, furiosa e

violenta, como se ressentida por ele tê-la apagado. A escuridão se dissipou e flocos de poeira flutuaram em volta do rosto surpreso do garoto.

Ele deu um passo para trás. Estava com medo do avô, com olhar desvairado e aparência desgrenhada em seu pijama que não combinava. Parecia tão mais frágil do que o homem que Fionn vira no mar, mergulhando e nadando como um peixe. Mas o velho era imponente perto do garoto. Quando seus olhos voltaram a clarear, ele pegou Fionn pelo ombro e o puxou para perto.

— Vou avisar uma vez e somente uma vez, rapaz. Enquanto você morar aqui nesta casa, enquanto morar nesta ilha, enquanto você respirar e seu corpo bombear sangue, nunca, *nunca* mais encoste nessa vela. — Ele colou o nariz com o de Fionn, dois lados da mesma moeda encarando os mesmos olhos intensamente azuis. — Entendeu?

Fionn podia sentir seu pulso na ponta das orelhas.

— Entendi.

O avô virou de costas e saiu da sala como uma nuvem tempestuosa, seus passos trovejando de volta ao quarto, onde bateu a porta ao entrar. Fionn ficou paralisado no meio da sala de estar, cercado por centenas de velas que o encaravam cheias de julgamento.

Sua irmã estava parada diante dele em seu pijama de Hogwarts, de braços cruzados.

— Eu falei para você nunca tocar nessa vela, Fionny.

Fionn quis voar para o outro lado da sala e sacudi-la, sacudi-la, sacudi-la, até que toda a crueldade se desprendesse dela.

Engoliu o nó em sua garganta.

— Não falou, não.

— Ah — disse Tara, dando de ombros e voltando à escuridão. — Bom, eu queria ter falado.

— Você não me falou nada! — gritou Fionn para a irmã, mas ela já havia ido embora.

No silêncio irrequieto, a mente de Fionn começou a vibrar. A verdade era inevitável a essa altura: ele a tinha visto. Ele a tinha *vivido*. Arranmore era cheia de segredos.

A ilha era repleta de impossibilidades.

Seja corajoso.

A ilha continha magia.

Essa é a sua aventura.

E ele iria encontrar um jeito de usá-la.



CAPÍTULO CINCO

O CÉU BERRANTE

Na tarde seguinte, Fionn acordou e descobriu que sua irmã havia saído sem ele novamente. Após um café da manhã solitário de torrada com geleia e chá com leite, encontrou o avô mexendo uma panela de cera derretida no quintal. O lugar, na verdade, não passava de um pequeno pedaço de terra espremido entre um velho galpão de madeira, duas bicicletas enferrujadas e cerca de uma centena de plantas que formavam um matagal, mas era estranhamente aconchegante.

O sol batia diretamente no velho, espalhando seus raios por toda a bancada de trabalho manchada e cintilando na parte de trás de sua careca.

— Bem-vindo de volta à terra dos vivos — disse ele, sem tirar os olhos da cera. — Já estava achando que você era do tipo noturno.

Fionn ficou observando seu trabalho, embalado pelo movimento constante do braço mexendo a panela. A colher dava voltas e voltas, para um lado e para o outro.

— Já fazia tempo que eu não dormia tanto assim.

— Isso acontece, por aqui — respondeu o avô, com os olhos estreitos e concentrados. — Às vezes.

Fionn limpou a garganta.

— Desculpa por ontem à noite. Por ter apagado a vela em cima da lareira. Não sabia que era tão importante...

Era mais uma pergunta do que um pedido de desculpas.

— Eu sei.

A resposta do avô também não foi bem uma resposta, mas um encerramento do assunto.

— Tem algum curativo aqui? Meus pés estão me matando.

O avô continuou mexendo a panela. A cera já ganhava uma consistência leitosa e fluida após as últimas lascas de cera derreterem.

— Vou dar uma olhada assim que terminar isto aqui.

Fionn não se moveu, as mãos enfiadas nos bolsos de sua calça jeans. Estava esperando o avô olhar para ele. Mas, quando isso não aconteceu, disse:

— Você não vai perguntar o que aconteceu com meus pés?

Seu avô reduziu a chama do fogão, mas não tirou o olho na cera. Como se estivesse com medo de que algo acontecesse, se o fizesse.

— Imagino que tenham se machucado quando você saiu ontem à noite.

Fionn pressionou os lábios. Estava em busca de algo além do discreto chiado do fogo, do distante canto de um pássaro, da perfeita *banalidade* do momento. Podia sentir o sussurro da magia se contorcendo por trás da situação, mas não conseguia descobrir de onde vinha ou no que ela transformaria esta vela depois que fosse colocada em uma das prateleiras do avô.

— Não quer saber aonde eu fui?

— Você quer me contar aonde foi? — perguntou o avô, sacudindo a panela com delicadeza e fazendo a cera bater preguiçosamente nas laterais.

— Quero que você pergunte — respondeu Fionn, mas o que ele realmente queria dizer era: *Quero que você se importe.*

O avô tirou seus óculos de aro grosso e os deslizou sobre a cabeça. Olhou para o garoto.

— Eu sei aonde você foi.

Fionn engoliu em seco.

— Ah.

— Sei *quando* você foi, na verdade. — Ele batucou os dedos pela bancada de trabalho, franzindo o rosto de maneira que repuxava sua boca. — E sinto muito, Fionn. Não achei que você fosse acender aquela vela. Pensei que talvez fosse tentar acender alguma delas. Mas não aquela. Nem sei onde você a achou — disse ele, ainda batucando. — Mas sabia que não perguntaria primeiro. Disso eu tinha certeza.

Fionn sabia que deveria pedir desculpas nessa hora, por ter pegado algo sem ter permissão, por ter queimado a vela e largado ela no mar, mas o momento era muito mais grandioso que isso. Então, alternativamente, falou:

— Eu te vi ontem na praia. Mas você estava aqui. Estava dormindo. E vi minha mãe no mar. Mas ela está em Dublin, naquele lugar.

Os olhos de seu avô estavam brilhando. Fionn entendeu o que era aquele brilho, o reflexo do sol em suas íris. Era encantamento.

— Mas ela nem sempre esteve lá, Fionn. E eu nem sempre estive aqui.

O garoto olhou novamente para a cera, que estava acomodada inocentemente entre os dois, reunida como uma pequena poça. Sua cabeça latejava, as duas metades da mente lutando entre si para decidirem no que acreditar.

— Para onde eu fui quando queimei aquela vela?

— Você seguiu a tempestade — respondeu seu avô casualmente, como se estivesse descrevendo um pedaço de bolo de cenoura que havia comido depois do almoço. Então, levantou-se abruptamente, deixando para trás a panela na bancada de trabalho, passou pelo neto e o convidou para entrar no chalé. — A ilha é composta por muitas camadas, Fionn. Por todos os momentos que aconteceram no passado. Ontem à noite, ao queimar aquela vela, você escolheu uma camada diferente para visitar e, no processo, perdeu esta aqui. — O avô parou no meio da sala de estar e virou-se para encará-lo, com uma expressão de triunfo no rosto. — Simples assim.

— Essa foi a coisa mais complicada que eu já ouvi — disse Fionn.

No entanto, em um cantinho de sua mente, no espaço que vinha ficando mais e mais aberto a esse tipo de impossibilidade, ele conseguia acreditar. O avô que Fionn vira na noite anterior não era o avô que estava diante dele no

momento. Sua mãe não fora sua mãe, mas sim a mulher que ela era antes de dar à luz, logo após seu pai se afogar.

— Serei bem direto, Fionn. Se algo já aconteceu na ilha de Arranmore, é possível que aconteça novamente. Eu só preciso apanhar o tempo antes que ele se dissipe. — O avô bateu as mãos rapidamente, como se estivesse tentando matar uma mosca. — As pessoas não são o foco das velas, mas às vezes eu acabo as apanhando também. Sabe, quando registramos o tempo, registramos o mundo.

A ficha finalmente caiu para Fionn, tão lenta e morosamente quanto o nascer do sol.

— Guardião da Tempestade — disse ele, recordando. — Foi assim que o homem da loja te chamou.

O avô abriu um grande sorriso.

— As tempestades são minhas favoritas.

Fionn examinou as prateleiras, milhares de momentos diferentes diante dele, cheiros e tempestades e pessoas reunidas em moldes de cera, organizados como livros de história em uma velha e empoeirada biblioteca. E tudo que conseguiu pensar em dizer foi:

— Por que você registra tudo isso?

O avô mordiscou o canto da boca, e Fionn sentiu que havia um segredo ali, tentando se libertar. Mas, no fim, tudo que ele fez foi dar de ombros.

— Bom, por que *não*?

Fionn olhou para a vela acesa em cima da lareira e passou a língua nos lábios, sentindo um sabor do mar.

— É um tipo de magia esquisito.

O garoto não queria dizer *sem propósito*, mas, quanto mais pensava na Caverna do Mar e em como ela seria útil, mais desejava estar lá fora procurando por ela, em vez de ficar pensando sobre a finalidade de velas que mostravam coisas que já haviam acontecido. Coisas *dolorosas*.

Os pensamentos sobre a Caverna do Mar trouxeram de volta a desagradável lembrança do sigilo de Tara. O rancor ainda doía como um ferimento aberto dentro do peito do garoto. Ele não deveria ter que engolir tudo isso de uma vez só, cavernas mágicas e condições climáticas de tempos atrás. Se isso fazia parte

de sua história, então deveria ter crescido com esse conhecimento... tido uma chance de se acostumar.

— Por que ninguém nunca me contou nada sobre isso? — questionou. — Por que eu nunca soube de Arranmore?

— Porque é segredo — respondeu o avô, como se fosse a coisa mais óbvia do mundo.

Fionn olhou feio para ele.

— Bom, e por que não é mais segredo, então?

— Porque agora você está aqui — disse o avô, alegremente. — Achei que seria melhor se você descobrisse sobre as velas primeiro, como aconteceu com sua irmã. Ajuda a eliminar qualquer suspeita de que eu possa estar mentindo quando lhe informar que você está vivendo sobre o coração de uma magia antiga que contém possibilidades que vão muito além dos seus sonhos mais loucos e que, portanto, deve ser mantida absolutamente em segredo de todos aqueles que não vivem em Arranmore.

Quando Fionn reagiu com uma expressão alarmada, o velho jogou a cabeça para trás e deu uma risada. Suas bochechas ainda estavam sofrendo espasmos involuntários quando ele falou:

— E agora que ambos somos ilhéus oficialmente, você pode deixar sua indignação de lado e me perguntar o que bem quiser.

Fionn respirou fundo, resoluto.

— Quero saber *exatamente* quem é Dagda. Me conte tudo. E comece do início.

O avô ergueu uma sobrancelha.

— Do *início* do início?

— Quero saber *tudo* — respondeu Fionn, com firmeza.

Mas o que ele estava pensando mesmo era: *Quero saber mais do que Tara.*

O avô foi passando o dedo pelas fileiras de velas atrás da poltrona, parando em um cilindro mosqueado que era escuro e turvo na base, e verde no topo, onde a cera se dobrava para dentro. Parecia mais um amontoado de grama suja do que uma vela, e sem dúvida era a menos impressionante de todo o chalé. Até o fio prateado que ziguezagueava pelo centro era torto. *Fadó Fadó*, dizia o rótulo. “Há muito, muito tempo.” Ele pegou a vela de cima da prateleira.

— Talvez seja melhor eu simplesmente te mostrar.

Fionn olhou para a vela sem esconder sua desconfiança. Um troço como aquele, disforme e de aparência suja, certamente não podia ser o recipiente da história da ilha.

O avô passou por ele, escancarou a porta da frente e saiu para o jardim. Quando o garoto não o seguiu, ele se virou, arqueando as sobrancelhas. De repente, parecia haver uma barreira entre os dois, um fino véu pendurado na entrada do chalé. O fogo do ressentimento de Fionn estava se extinguindo, e em sua ausência outros sentimentos o importunavam: incerteza e hesitação.

— O que eu tenho que fazer?

— Você só tem que caminhar, rapaz. — O avô estendeu-lhe a mão. — Faria isso, Fionn? Caminharia comigo?

Havia mais do que aquelas duas palavras na pergunta. Havia esperança, cautela e empolgação... e mais alguma coisa. Algo nebuloso e cinzento, um pouco parecido com tristeza. No fim, a decisão não foi difícil. Fionn estava sozinho no pequeno e empoeirado chalé, e decidiu que preferia ficar com o avô, não importava aonde ele fosse.

— Sim — disse ele. — Eu caminho com você.

Fionn passou pela porta e pegou a mão do avô.

— Segure firme, rapaz.

Juntos, acenderam a vela.

Desta vez, quando a chama ganhou vida e o vento os circundou, o garoto já sabia o que esperar.

— Aonde vamos, exatamente? — perguntou, quando o portão do chalé se abriu para eles com um rangido.

Seu avô balançou a vela acima deles como se fosse uma bandeira.

— Ao começo de tudo, Fionn. À primeira tempestade.

O vento os soprou adiante.

A estrada desapareceu debaixo de seus pés, e campos de colinas verde-esmeralda surgiram em seu lugar. Quando Fionn olhou para trás, o chalé havia se dissolvido em um prado de flores silvestres.

— Quando acendemos uma vela, o vento nos carrega de volta à época que ela contém. É só se deixar levar. — O avô relaxou contra o vento, como se

estivesse reclinando seu assento em um avião. — Depois que chegar, você tem que cuidar para que a chama não se apague, ou vai se encontrar de novo no presente. E não solte minha mão também, ou você será lançado para trás!

Fionn estava muito sem fôlego para responder. Apesar de o vento estar fazendo quase todo o trabalho por ele, o garoto tinha dificuldade para se deixar levar da mesma maneira que o avô. Ficou se perguntando por quanto tempo seriam arrebanhados assim e, mais importante, se haveria um banco no lugar para onde estavam indo.

Enquanto percorriam o promontório, as últimas casas desapareceram e enormes carvalhos brotaram em seu lugar. A altura da grama ultrapassou os tornozelos de Fionn, e em seguida seus joelhos, enquanto o céu adquiriu uma tonalidade branca, leitosa e rajada. Não demorou para toda a civilização ser arrancada da ilha como fios de uma tapeçaria.

Arranmore tornou-se um lugar selvagem e bruto.

Quando o vento se acalmou, eles desaceleraram até começarem a caminhar.

Fionn havia perdido qualquer noção de familiaridade, e o silêncio deixava-o tenso. Olhou para o avô, para a borda firme da gola de sua camisa, para as pequenas bolinhas de lã de seu suéter, para a vela gosmenta em sua mão.

— Longe de ser um dos seus melhores trabalhos, não é?

O avô bufou.

— Eu *certamente* não sou velho o bastante para ter feito esta vela, Fionn. *Fadó Fadó* é a nossa vela mais antiga.

— É por isso que ela é tão feia?

— Sempre que nós a queimamos, ela se recompõe — explicou o avô. — Com o passar dos anos, foi perdendo sua forma.

Fionn cutucou o bloco de cera.

— Por que ela faz isso?

— Porque Dagda a criou. — Fionn não tinha certeza se o avô estava se referindo à tempestade que os trouxe ao passado ou à vela em si. Talvez fossem a mesma coisa. — Ela é a própria raiz da nossa história, Fionn. Acho que a intenção de Dagda era que nunca nos esquecêssemos dela, independentemente da passagem do tempo.

Pela maneira como seu avô caminhava tranquilamente pela grama alta, balançando a mão do neto para frente e para trás, Fionn sabia que ele já havia visitado aquele lugar antes. Ele não levava um susto sempre que um carvalho brotava do chão ao seu lado, e estava totalmente despreocupado com o sumiço de cada casa, loja, rodovia e pessoa que dava vida à Arranmore. À Arranmore certa.

Se aquela era a própria raiz de sua história, ela devia se resumir a uma ilha selvagem repleta de árvores, plantas e pouco mais que isso.

Fionn voltou sua atenção à floresta, onde galhos oscilantes balançavam suas folhas, como se o cumprimentassem.

— Muita gente já acendeu essa vela, então? — perguntou.

Tentou imaginar seu pai naquele lugar, estudando as mesmas árvores antigas, ou sua mãe, que guardara com tanto afinco o segredo de Arranmore que deve ter espremido ele de sua memória antes de ir para Dublin. Isso, ou ela o havia escondido de Fionn durante toda a sua vida. A ideia de que ela poderia ter feito algo do tipo provocava uma sensação tão ardente e desconfortável em seu estômago, que ele não ousava pensar muito sobre isso.

— Você ficaria surpreso, mas pouca gente se importa com o passado, Fionn.

— Aposto que eu não ficaria.

No próprio ano anterior, ele tinha fingido sarampo duas vezes para faltar a projetos de história sobre a Primeira Guerra Mundial e o Renascimento. Pegou um graveto e o jogou para trás por cima do ombro, acertando o galho de uma árvore e espantando vários pássaros de seus ninhos.

O avô olhou feio para ele.

— Não brinque com esta camada, ou a ilha vai nos expulsar.

Fionn abandonou a pedra de tamanho perfeito que estava tentando arrancar da grama.

— Tá bom.

Os dois interromperam a caminhada onde o promontório fazia uma curva, e onde havia um declive que dava em uma extensa praia, de areia imaculada e dourada por todo o litoral espumoso.

Do outro lado da enseada deserta, Fionn pôde enxergar um forte de pedra, centenas de habitações de palha e animais — cavalos, vacas e ovelhas —

perambulando pelos arredores. Um rastro de fumaça se estendia do acampamento até o céu, pintando-o com nuvens cinza e carregadas que se dilatavam, circundavam e colavam umas nas outras. Eram os primeiros indícios de uma tempestade.

O passado já tinha se estabilizado em volta deles, e havia vida ali, entre as árvores e os campos. Vida antiga.

— Ah — disse Fionn, baixinho. — Não estamos sozinhos.

O avô olhou de soslaio para o garoto.

— Definitivamente não.

Então, o céu começou a berrar.



CAPÍTULO SEIS

O ÚLTIMO FEITICEIRO

Os grasnidos guturais de dez mil corvos inundaram a atmosfera como uma ária aterrorizante. Os dedos de Fionn ansiaram pela pedra que ele havia deixado para trás, ou por qualquer coisa que pudesse proteger seus olhos contra as bicadas de um ou dez pássaros.

— Imagino que você possa explicar isso.

O avô apertou sua mão com força, enquanto na outra a chama se debatia freneticamente.

— Muito tempo atrás, o mundo estava ameaçado por uma feiticeira muito poderosa chamada Morrigan. Ela foi uma das raríssimas pessoas que nasceram com magia antiga em suas veias, um dom concedido com a intenção de proteger nosso mundo. Mas, à medida em que foi envelhecendo, aconteceu algo que fez tudo descarrilhar. A magia dela se distorceu, tornando-se sombria, pavorosa e destruidora. Ela começou a extrair seu poder das almas dos outros, vestindo-as como uma capa para que pudesse controlá-las.

A boca de Fionn ficou curiosamente ressecada.

— O que ela queria?

— Morrigan acreditava que sua magia lhe dava o direito de ter autoridade sobre pessoas comuns. De tomar suas almas quando quisesse e atrelar seus corpos a ela, como se fossem cães de guarda. — O avô respirou fundo entre os dentes. — Poder é uma coisa terrível, Fionn. É algo intoxicante e viciante, e se você não for prudente quanto à tentação que o poder provoca, ele pode levar a um caminho muito perigoso. À medida que Morrigan se fortalecia, sua magia perversa também foi ficando mais poderosa. Ela não queria apenas ser temida. Queria ser *louvada*, como uma deusa. À exclusão de todos os outros.

“Primeiro ela foi atrás de outros que nasceram com magia, fulminante como uma faca e furtiva como a noite. Aqueles que pressentiram sua chegada não foram capazes de se esconder, e aqueles que a viram não conseguiram correr rápido o bastante. Pais e filhos foram chacinados em seus leitos. Irmãos e irmãs, queimados lado a lado. Sua primeira onda de terror deixou milhares de mortos. E ainda mais pessoas tiveram sua humanidade arrancada e foram reconstituídas como Caçadores de Almas. Tornaram-se seres cruéis e de sangue-frio, acorrentados a ela por toda a eternidade, perseguindo almas que ela nunca libertaria...”

— Não lembro de ter lido isso no meu livro de história — murmurou Fionn, ainda com o olhar fixado no céu. — Por que a gente passou tanto tempo de aula estudando rochas com linhas estranhas?

— Porque é muito difícil acreditar em magia até ela te sacudir pelos ombros e fazer você acordar, Fionn.

A coluna do garoto estava dura como um bastão. Se antes ele estivera dormindo, agora sem dúvida já havia acordado.

— O que aconteceu?

— Após meses de massacres, Morrigan trouxe seu império de terror para a Irlanda, à procura do último feiticeiro. Ela revirou o país inteiro, destruiu florestas, campos, montanhas e colinas enquanto seus corvos vasculhavam os céus. Mas, por mais que tenha buscado, não conseguiu encontrar o último sobrevivente que nascera com magia.

— Dagda — supôs Fionn, um pouco sem ar.

O avô assentiu com a cabeça.

— Dagda era um feiticeiro benevolente. Ele extraía seu poder dos elementos e fazia a natureza se submeter à sua vontade. Enquanto Morrigan estava aterrorizando a terra, Dagda se movia por dentro de tempestades e viajava pelos rios, reunindo uma força secreta. Embora fosse poderoso, ele não era forte o bastante para enfrentar o exército crescente de Morrigan sozinho. Então, procurou cinco clãs para lutarem em uma batalha final ao seu lado. Uma guerra para encerrar todas as guerras.

O calor fez as bochechas de Fionn formigarem.

— Só... *cinco*?

O sorriso que o avô deu em resposta foi totalmente sereno, como se aquele número fosse bastante razoável para ele, e não drasticamente otimista.

— Dagda escolheu os clãs mais corajosos que pôde encontrar. Os Boyle, os Beasley, os Cannon, os Patton e os McCauley. Trouxe todos para cá, uma ilha selvagem e abandonada, de modo a atrair Morrigan para longe da população do continente. — Com uma expressão apreensiva, ele voltou seu olhar para cima. — No dia em que ela chegou, seus corvos pintaram o céu de preto.

Justamente quando terminou a frase, a sombra dos corvos se alastrou por cima deles como um véu, e a ilha ficou em total escuridão. No horizonte, centenas de embarcações ergueram-se da água como um tsunami, suas velas negras se abrindo e caindo como petróleo sendo derramado.

O vento provocou um calafrio na espinha de Fionn. Ele olhou para o outro lado da praia, onde nuvens escuras e pesadas ainda ascendiam ao céu como a fumaça de um trem a vapor.

— É bom que eles estejam preparados — disse o garoto, nervoso.

Seu avô apontou a vela para o meio da frota, onde os corvos estavam se aglomerando. Eles mergulhavam e circulavam como um tornado de penas negras, até que, de dentro da revoada, uma figura emergiu como se tivesse sido formada pelos próprios pássaros. Ela ficou em pé na proa da embarcação de guerreiros mais dianteira, seu longo cabelo preto sangrando estranhas sombras que desciam dela como uma capa.

— Morrigan. — Fionn sentiu um gosto azedo na boca ao pronunciar o nome.

— A escuridão encarnada — sussurrou seu avô. Ele apertou a mão de Fionn, que por sua vez apertou de volta.

A essa altura, mais de metade da vela já havia derretido, e pedaços da cera verde-esmeralda escorriam pelos dedos de seu avô. Mas a chama seguia tremulando vigorosamente.

Fionn decidiu que aquele era um bom momento para esclarecer uma dúvida.

— É possível morrer dentro de uma memória, vô?

— Eles não conseguem nos ver, se é isso que você quer saber. — Antes que os ombros do neto pudessem relaxar, ele acrescentou: — Mas é possível morrer em qualquer camada de Arranmore. Cada uma delas é tão real quanto as demais.

Fionn reagiu com uma careta.

— Maravilha.

Do outro lado da enseada, um grito de guerra ressoou.

As nuvens formaram um arco sobre eles, com lascas nas beiradas, onde tons de índigo e violeta transformavam-se em cinza e preto. Fionn podia sentir a estática acumulada na atmosfera, o zumbido de toda aquela atividade vibrando na terra ao seu redor.

Os clãs antigos haviam saído de seu assentamento e começavam a se reunir ao longo da costa. Eram milhares de pessoas; um número muito maior do que Fionn esperava, mas, ainda assim, não era o bastante para igualar a frota de Morrigan. Mais de metade deles brandia tochas.

— A todo lugar em que Morrigan ia, a escuridão a acompanhava — disse seu avô, em voz baixa. — O fogo ajuda a protegê-los contra suas sombras vorazes.

Fionn olhou para a chama no punho do avô e desejou que ela crescesse para o alto.

Uma poderosa e repentina rajada de vento atraiu a atenção de ambos. Do nada, ou assim pareceu, um homem tão alto quanto o avô de Fionn surgiu na dianteira dos ilhéus abaixo. Tinha um cabelo branco espesso e ondulado, que cobria seus ombros, e uma barba que mais parecia uma nuvem desregrada. Estava andando tão depressa, que parecia que o vento o carregava.

As nuvens da tempestade moveram-se com ele.

— Dagda — sussurrou Fionn, e o nome envolveu e aqueceu seus ossos. O garoto lembrou de voltar a respirar.

— Dagda — repetiu o avô, em discreta reverência. — Presenteador de dádivas.

O homem parou na beira do mar e ergueu seu cajado de madeira. Um rugido poderoso atravessou os céus, fazendo as nuvens se abrirem como a boca de um leão enraivecido.

Fionn podia sentir a vibração do poder sob as solas de seus pés.

Dagda entrou no mar, seu cabelo branco tingido de verde devido à brilhante esmeralda acoplada a seu cajado. Os clãs se dispersaram para os dois lados como as asas de uma enorme águia, com suas tochas e lanças apontadas para o céu. Como se estivesse sendo puxado por uma corda invisível, o mar recuou e abriu caminho para eles. As ondas foram jogadas para trás em grandes arcos, quebrando na frota de Morrigan e derrubando três embarcações na linha de frente. Uma leva de Caçadores de Almas foi despejada no oceano como soldadinhos de brinquedo.

Morrigan soltou um berro. A frota começou a avançar mais rápido, seus cascos partindo a água como manteiga, enquanto lanças de ferro voavam em meio à tempestade.

Dagda balançou seu cajado acima de si, e o vento recolheu as lanças e as atirou de volta ao mar. Os ilhéus marchavam adiante, forçando o oceano a recuar.

Os navios de guerra alcançaram o banco de areia.

— Eles realmente vão lutar contra todos esses Caçadores de Almas — disse Fionn, sem fôlego. — Eles nem parecem mais *humanos*.

O berro de Dagda soou novamente e foi carregado por uma rajada até o céu, onde as nuvens começavam a faiscar com a eletricidade. Os clãs lançaram uma ofensiva contra os guerreiros de Morrigan, seus gritos em resposta ecoando em cada câmara do coração de Fionn, até que uma pequena parte dele, inutilizada, sentiu vontade de correr para a praia e participar da batalha.

— Vamos chegar mais perto!

Mas a força do avô segurando sua mão era como uma algema.

— Não podemos.

— Por que não?

Como se estivesse respondendo, a chama da vela engasgou uma, duas vezes, e então apagou.

A ilha inspirou profundamente.

O vento dividiu a tempestade e os ilhéus foram dissolvidos para outra camada, levando os gritos de guerra consigo. Fionn olhou para a areia cintilante, pasmo com o súbito e perturbador vazio diante dele.

— Por que ela apagou? — O garoto apontou para a vela, acusatório. — Ela ainda tem cera! Você soprou?

O avô soltou sua mão e levou um isqueiro à vela.

— Veja.

O garoto enroscou os dedos no suéter do avô, para o caso de a chama acender novamente e ele ficar para trás. Por mais que seu avô mantivesse a chama do isqueiro no pavio, a vela não acendia. A cera permanecia intocada, um anel verde pairando sobre a escuridão abaixo.

— A vela nunca queima mais do que isso — disse o avô. — A memória tropeça e a chama apaga. Então, a vela começa a se recompor.

Fionn sentiu a decepção borbulhando dentro de si. Era como assistir a um filme e perder a melhor parte. Seus pés ainda estavam se coçando para descer à encosta.

— Por que isso acontece?

— Ninguém tem ideia. Quem sabe o que ela esconde de nós? — indagou o avô. — Talvez a chama não tenha a força necessária para nos proteger da escuridão de Morrigan, mesmo na memória.

Os dois deram as costas para a praia. Fionn foi chutando pedrinhas enquanto caminhavam lentamente de volta para casa.

— Sinto como se tivessem me feito de bobo.

— Bom, mas nós sabemos o que aconteceu. Temos as histórias. — O avô deu uma cutucada nas costelas do garoto. — Dagda e Morrigan se enfrentaram nas praias e no mar em torno de Arranmore. Nenhum dos dois era poderoso o bastante para matar o outro, mas de alguma maneira Dagda encontrou um modo de superá-la na batalha. Como ele o fez permanece um mistério até

hoje. Tudo indica que ele estava quase sendo derrotado, mas de repente a maré virou. Ele selou Morrigan nas profundezas da terra, porém teve que ir junto, utilizando cada última gota de sua magia contra a dela, como um escudo, para que ela não pudesse ascender de novo. Após sua derrota, os Caçadores de Almas remanescentes fugiram de volta para o continente. Suas almas se acalmaram sob o solo. Com o passar do tempo, eles se esqueceram de sua líder, bem como o local de descanso dela.

— Espera aí. — Fionn parou abruptamente. — Os *dois* tiveram que morrer?

Seu avô continuou andando, a passos largos e sem pressa enquanto a ilha se desdobrava para eles e o vento os guiava de volta para casa, ainda mais preguiçosamente.

— Eles não morreram, Fionn. Só foram enterrados.

— Mas se eles não morreram, isso significa que a Morrigan pode *voltar*? — perguntou o garoto, apressando o passo para não ficar para trás.

O avô contraiu a mandíbula. Ele olhou de soslaio para o neto, e uma sombra passou rapidamente pelos seus olhos, mas desapareceu com a mesma rapidez.

— É por isso que eu estou aqui, Fionn. E você. E a Tara, o Bartley, a Shelby e todos os habitantes da ilha. Se aquela escuridão retornar, caberá a nós derrotá-la.

Um vento agitado rodopiou em torno dos dois enquanto a ilha ia se restaurando, mas Fionn já não prestava muita atenção à paisagem. Estava quase tendo um infarto.

— O que me parece é que a gente está em cima de um vulcão malévolo que pode entrar em erupção a qualquer momento!

— Bom, não precisa tratar como se fosse Pompeia, também.

— Mas eu torci o pulso de tanto jogar Mario Kart no ano passado! E você perde seus óculos toda hora! E o que a Tara ia fazer? Encher o saco da Morrigan até ela morrer?

O avô colocou a mão em seu ombro, como se estivesse tentando transmitir um pouquinho de força para o garoto.

— A Morrigan não consegue ascender sozinha, e a ilha tem mecanismos para nos ajudar se alguém um dia tentar ajudá-la.

— A ilha! O que a ilha vai fazer?

— Tem magia aqui — respondeu ele, erguendo a sobrancelha. — Ou você não percebeu isso ainda?

— Tipo *velas*? — disse Fionn, com a voz estranhamente aguda. De uma hora para outra, ele ficou extremamente ciente da feiticeira megalomaniaca enterrada em algum lugar sob seus pés. Limpou as palmas das mãos suadas na calça jeans. — O que *elas* podem fazer pra proteger o que quer que seja?

Casas brotaram do solo como plantas. Rodovias engoliram campos gramados enquanto o píer e seus barcos se reconstituíam, a terra se alongava e chiava à medida que camadas de tempo se sobrepunham a ela. O avô não olhava para onde estava indo, mas a ilha parecia fazer isso por ele. Em vez disso, estava observando Fionn com uma expressão peculiar.

— Dagda extraía seu poder dos elementos, Fionn. Não existe nada sem propósito em Arranmore. Nenhuma folha de grama, nenhuma gota de chuva, nenhuma nuvem sequer. Existe magia em *tudo*. — Ele contraiu os lábios, como se houvesse um segredo debaixo de sua língua, inchando e inchando, até que o mastigou e simplesmente disse: — Existe magia na memória.

Fionn abriu a boca para protestar, mas o avô foi mais rápido.

— Cuidado onde pisa. — O velho cruzou os braços. — Não olhe para a ilha enquanto ela troca de camada. É incrivelmente rude. O que eu estava dizendo? A magia de Dagda está por toda a ilha. Dádivas, é como as chamamos, embora elas pertençam à ilha, não a nós.

— Tipo a Caverna do Mar?

Seu avô o encarou por cima da ponte dos óculos.

— Isso. Mas como já disse à sua irmã milhares de vezes, vocês estão proibidos de sequer chegar *perto* da Caverna do Mar. Ela é muito temperamental. E, além disso, quanto mais vocês se aproximarem do fundo da ilha, mais perto de Morrigan estarão, o que não é bom.

Adiante, o chalé apareceu. A ilha ia ficando mais estável a cada instante, mas o coração de Fionn batia desenfreado.

— Quer dizer que Dagda largou uma feiticeira maligna em algum lugar debaixo da ilha e nos deu uma caverna perigosa e temperamental pra derrotá-la?

— Deixe de bobeira, Fionn — disse o avô. — Isso é *sério*.

— Eu sei que é sério! — respondeu ele, em desespero. — É isso que estou tentando dizer!

O avô sorriu, dissipando entre os dentes a obscuridade de seu aviso.

— Bom, ele deixou um cavalo voador também, se isso faz você se sentir melhor.

— Tá de *brincadeira*?

Os dois pararam quase na entrada do quintal. Os arbustos espinhosos haviam reemergido em toda sua glória emaranhada e caótica, e as gaivotas voavam livremente pelo céu.

O avô de Fionn encostou no portão com um movimento bambo, como se o gramado tivesse sido puxado de debaixo dos seus pés.

— Ah, nossa.

Fionn estava ao seu lado, sem saber como reagir, e a ansiedade começava a zumbir dentro dele como uma colmeia de abelhas.

— Vô?

— Desculpe, rapaz — disse ele, bufando. — De repente, não estou me sentindo muito bem.

Fionn entrelaçou o braço com o do avô.

— Posso fazer alguma coisa?

O avô olhou para ele. Então, fitou a própria mão, franzindo o cenho para os rios secos de cera verde que listravam seus dedos, o toco da vela ainda apertado contra a palma de sua mão. Ele a estendeu para Fionn.

— O que é isso? É seu? — disse o avô.

Fionn olhou fixamente para a vela derretida.

— Eu... não. Acho que pertence ao Dadga...

O avô piscou para ele.

Fionn apanhou a vela e a enfiou no bolso de trás.

— Vamos entrar.

Na sala de estar, o avô caminhou até a lareira e sentou-se no braço da poltrona, respirando com dificuldade.

— Do que estávamos falando mesmo? Tá na ponta da língua.

— Magia — respondeu Fionn, baixinho.

— Magia — sussurrou seu avô.

Fionn apoiou as costas contra a porta de entrada. Só então reparou em como o interior do chalé era propício a mofo. O ar era viciado e havia flocos de poeira movendo-se em espiral nos esparsos feixes de luz do sol que conseguiam se infiltrar. Ainda era escuro de uma maneira que não parecia natural, e o fogo da lareira produzia estranhas sombras na parede. Estavam a mais de mil quilômetros de onde se encontravam havia pouco. E a mil camadas, também. Fionn ficou surpreso ao perceber que já sentia falta daquela trilha repleta de carvalhos, da fluidez da conversa que a acompanhara.

— Acho que preciso fechar os olhos por um instante.

— Claro — respondeu o garoto, prontamente. Se tinha uma coisa que ele havia aprendido com a mãe era não fazer alguém se sentir mal por estar se sentindo mal. Isso só piorava a situação. — Eu também estou bem cansado, na verdade. A gente acabou de fazer uma viagem de ida e volta de mil anos. É tipo voar para a Califórnia, cinco vezes seguidas. Deve ser o cansaço da viagem — sugeriu ele. — Ou o cansaço do tempo.

— Cansaço do tempo — repetiu o avô, as margens de sua boca se contraindo involuntariamente. — Deve ser.

O velho se retirou para deitar-se, andando lentamente pelo estreito corredor e fechando a porta do quarto.

Fionn ficou observando seu caminhar.

Então começou pelo canto da sala de estar e foi avançando centímetro a centímetro pelas prateleiras, tentando ler o rótulo de cada uma das velas. *Se algo já aconteceu na ilha de Arranmore, é possível que aconteça novamente.* Acima da poltrona, o retrato de sua avó sorria para ele. E na borda inferior do retrato, havia uma vela aninhada. Era pequena e arredondada — uma pedrinha da cor da meia-noite — com um arco-íris que passava pelo meio.

Arco-íris lunar da Winnie, dizia o rótulo.

Winnie Boyle visitara Fionn duas vezes em Dublin, quando ele era bebê. O garoto não lembrava da avó, mas sua mãe dizia que ela cheirava a rosas, que tinha um sorriso como o brilho do sol, falava como uma poetisa e dava risadas como uma pirata. Fionn passou um bom tempo olhando fixamente para a pequena pedrinha de cera. Em um chalé repleto de pores do sol e nevascas e

tudo que há entre os dois, ele já havia encontrado sua mãe e sua avó. Quem mais as velas teriam pegado ao longo dos anos?

Elas descansavam silenciosas, os rótulos piscando de volta para o garoto enquanto ele passava os dedos pelas fileiras. Porém, por mais que procurasse, Fionn não conseguiu achar a vela que desejava encontrar.

Aquela que continha o nome de seu pai.



CAPÍTULO SETE

A SOMBRA VORAZ

Fionn estava sentado de pernas cruzadas na areia, observando a balsa de Arranmore deslizar em direção ao oceano. Podia ouvir o som de gaitas de fole emanando do pub mais adiante, onde os ilhéus cantavam e gargalhavam. À beira-mar, dois menininhos de pernas pálidas e chapéus de sol amarelos riam descontroladamente, atirando punhados de areia um no outro. O sol parecia uma enorme laranja no céu, suas bordas suavizadas por nuvens finas como algodão-doce. Ele ia queimando a nuca de Fionn de cor-de-rosa, mas o garoto nem se dava conta.

Estava pensando na Caverna do Mar.

Vinha pensando nela pelos últimos dois dias, perguntando-se qual seria exatamente o nível de bronca que levaria se fosse procurá-la escondido do avô. E, mais importante, se valeria a pena o risco de despertar uma feiticeira anciã. Decidira que sim. Para começar, tinha ouvido que a avó dos Beasley não via problema algum nas aventuras de seus netos para a Caverna do Mar. Além disso, o avô de Fionn parecia propenso a um excesso de cautela. Não demorou para que ele começasse a listar uma série de coisas que Fionn não podia fazer na rua, conferir se ele estava bem várias vezes durante a noite, e franzir a testa

para ele durante o jantar, como se esperasse que o garoto fosse virar a mesa subitamente ou arremessar seu prato de comida para o outro lado da sala.

Portanto, Fionn tinha chegado à seguinte conclusão: algumas coisas, em especial as coisas impossíveis, valiam o risco da punição.

Ele havia descido para a praia após o café da manhã, atraído ao local onde a antiga Batalha de Arranmore ocorrera, na esperança de que a caverna talvez ficasse escondida na rocha ali perto. Mas a maré havia subido e levado sua esperança junto. Fionn agora olhava tão fixamente para as ondas que seus olhos começavam a vibrar.

Os menininhos passaram correndo por ele, o líder carregando uma miniatura de pá verde, enquanto o outro soltava gritinhos sem parar enquanto o perseguiu. Uma mulher de aparência irritada e o rosto repleto de sardas corria atrás deles, carregando toalhas, baldes e sapatos nos braços. Quando passou por Fionn, ela sorriu distraída antes de parar e olhar novamente por sobre o ombro.

— Espera aí. Você é o...?

— Fionn — respondeu ele, antes que velhos fantasmas pudessem surgir entre os dois.

A mulher tirou o cabelo da frente dos olhos usando a sola de uma sandália.

— Você parece... Bom, por um instante pensei que...

— Eu sou neto do Malachy — interrompeu ele.

— Ah. *Fionn*. É claro, isso mesmo. Você é o filho da Evie.

— Isso — disse o garoto, inchando o peito.

— Meu nome é Alva Cannon. — Ela tentou reposicionar um balde cheio de toalhas para apertar a mão de Fionn, mas pensou melhor no último segundo, levantado-o em seu braço e dando um sorriso de desculpas. — A Evie era alguns anos mais avançada que eu na escola. Ela costumava me dar aulas de francês nos fins de semana. Meu francês era imprestável — disse a mulher, timidamente. — Como ela está? Não a vejo desde... bom... — Alva não completou o pensamento.

— Ela vai bem, obrigado — respondeu Fionn, automaticamente. — Você também cresceu aqui?

Alva assentiu com orgulho.

— Passei minha vida toda aqui. Dou aula de inglês e história no colégio.

— Você por acaso já ouviu falar da Caverna do Mar?

— A caverna de Dagda? — perguntou ela, voltando a atenção aos filhos, que estavam se enterrando em um enorme buraco. — Não existe um morador da ilha que não tenha ouvido.

— Você sabe onde ela fica? — perguntou Fionn, entusiasmado.

Ela reagiu com um olhar severo.

— A caverna fica escondida por um motivo, Fionn. Sua mãe não ia querer que você fosse atrás dela. — Após a expressão de decepção do garoto, ela completou: — Você disse que está ficando na casa do Malachy?

— Isso. Vou passar o verão aqui.

— Só o verão? — A mulher franziu a testa, unindo as sobrancelhas. — Achei que você...

Alva foi interrompida por um grito agudo. Um de seus meninos tinha acabado de levar uma pá de plástico na cara.

— Ronan! Largue essa pá *agora*! Desculpe, Fionn — disse ela, por sobre o ombro, enquanto corria até o tumulto. — Mande lembranças minhas ao Guardião da Tempestade! Diga que ele estava certo sobre os dois terríveis!

— Vou dizer — respondeu Fionn, mas Alva Cannon já estava longe, empurrando seus filhos para fora da praia com movimentos agitados dos braços e pernas.

Fionn tentou não ficar remoendo a própria frustração. Se fosse tão fácil achar a Caverna do Mar, Tara já a teria encontrado. Ele ainda tinha tempo. Tempo de sobra.

E daí que havia uma feiticeira morta-viva maligna em algum lugar no subterrâneo? Se ninguém dava a mínima para ela, por que ele deveria se importar? Ela não pisava nesta praia havia séculos. Talvez milênios, até. Nem mesmo com a vela eles conseguiam chegar a ela.

Por que será?

Fionn pegou as sobras da *Fadó Fadó* de seu bolso traseiro e a rolou entre os dedos.

Por que fazer algo que não pode ser usado?

Piscou, surpreso, e girou a vela para um lado e para outro, só para ter certeza. Havia pelo menos dois centímetros de cera verde fresca borbulhando no topo. A vela estava se recompondo.

Fionn estremeceu assim que uma ideia brotou em sua mente. Se ele queimasse aqueles minutos que se refizeram ali na praia, veria muito mais do que conseguiram quando estavam presos no promontório olhando o passado acontecer. Ele poderia andar junto de Dagda. Poderia responder a seu grito de guerra e ficar lado a lado com seus ancestrais.

Veria as embarcações acelerando em sua direção. Corvos gritando acima dele... e veria ela. Fionn teve um calafrio ao se lembrar de Morrigan, das sombras que se moviam com a feiticeira pelo mar.

É só uma memória.

Ela ainda estaria ao mar quando a vela apagasse de novo.

Então, coragem.

Ele era capaz de fazer isso. *Precisava* fazer isso.

Tara morreria de inveja quando descobrisse.

Seu coração batia acelerado. O vento apertou, e uma leve brisa envolveu suas orelhas como se dissesse: *Vamos. Tente.*

A essa altura, a praia já estava deserta. Restava apenas Fionn e a tempestade na palma de sua mão.

O garoto levantou-se e encostou a chama do isqueiro no pavio.

A vela efervesceu, ganhando vida.

A ilha inspirou profundamente.

O vento golpeou Fionn como uma marreta e o lançou de cara na areia. O garoto ficou estatelado em um estado semiconsciente, a chama tremulando vigorosa enquanto milhares de ilhas se sobrepunham a ele rapidamente, uma após a outra após a outra. Quando despertou, sua boca estava tomada pela praia, e a praia estava tomada pela guerra.

Os gritos de batalha estavam de volta, porém mais próximos desta vez, tão próximos que Fionn podia sentir o forte cheiro de couro seco misturado com sangue fresco. O mar havia recuado e levado os barcos vazios dos guerreiros consigo. Caçadores de Almas e guerreiros dos clãs lutavam nos bancos de areia, onde lanças bloqueavam espadas e cabeças rolavam ao mar.

O céu adquiriu uma coloração roxa, como um hematoma. Enquanto se levantava, cambaleante, Fionn sentiu-se comprimido pelas nuvens da tempestade de Dagda, que estalavam com a eletricidade.

O vento o cutucava, cortante e pontiagudo como um dedo. *Ande*, disse uma voz dentro do garoto. *Eles estão aqui, em algum lugar.*

Um trovão rugiu pelo céu que desabava.

Estão esperando por você.

Fionn não ousou chegar muito perto dos Caçadores de Almas, embora pudesse enxergá-los bem o suficiente em sua visão periférica: cabelos selvagens e olhos vazios que pareciam enxergar através do mundo, em vez do mundo em si. Uma sensação de que havia algo de errado começou a ecoar dentro dele. Estava em meio a algo que não deveria existir: cascas sem alma, humanos sem nenhum resquício de humanidade.

As espadas dos Caçadores de Almas cintilavam com sangue. Seus braços e pernas eram visíveis por baixo das camadas de couro e pele de carneiro usadas como armadura de batalha. Alguns eram mais altos que outros, às vezes mais ágeis, porém todos moviam-se com uma fluidez que não era natural, e cada um exibia marcas de espirais negras que rastejavam pela extensão de seus ombros e pescoços. Nos peitos, parcialmente desnudos, Fionn podia ver de relance uma tatuagem negra de corvo.

Os guerreiros da ilha eram menores e mais magros, com peles extremamente finas e esticadas por cima do contorno aparente dos ossos. Pareciam muito *frágeis* em comparação, mas, de alguma forma, conseguiam conter a linha de frente. Fionn viu uma mulher se atirar contra as ondas tendo em mãos nada além de uma lança com uma pedra na ponta. Ela aterrissou nas costas de um Caçador de Almas e segurou seu pescoço, arrastando-o para trás, de volta ao oceano. A guerreira se moveu em torno dele girando sua lança, como se estivesse mexendo a água do mar. O oceano girava em consonância. Ela ergueu a arma, como se fosse golpeá-lo, e a água saltou no ar, despejando-se pela garganta do Caçador de Almas e adentrando seu corpo, até que seus membros foram esticados como uma estrela-do-mar e seu rosto ficou azul. O Caçador afundou como uma pedra.

Em menos de vinte segundos, a luta estava acabada.

A guerreira olhou para o céu exibindo os dentes e uma nuvem desceu rapidamente ao seu encontro, envolvendo seu corpo em tons de roxo e cinza antes de infiltrar sua pele.

Fionn fechou a boca. Ela era *humana*. Igual a *ele*. E tinha afogado um Caçador de Almas com o dobro de seu tamanho sem sequer encostar nele! O garoto reparou em algo no mesmo instante em que uma lança passava raspando por seu nariz, serpenteando magicamente antes de empalar o coração de um Caçador de Almas a cem passos de distância. Ele não pudera ver *nada* disso de cima do promontório com seu avô. A chama da vela já havia derretido toda a cera nova, mas continuava queimando, cavando um buraco para a escuridão abaixo.

Certamente não era para isso acontecer.

A batalha continuava em curso e, de alguma forma, Fionn ainda estava ali.

O vento ia ficando cada vez mais impaciente. O garoto foi sendo arrastado ao longo da praia, para longe do confronto frenético de espadas contra pedras. Adiante, os corvos haviam formado um círculo negro berrante. Fionn segurou a vela como uma lanterna, e então uma rajada sacudiu o centro de seu corpo como uma marionete, por entre bicos, penas e olhos cruéis, até que ele se viu dentro de uma caverna com dois feiticeiros anciões.

O restante da batalha transformou-se em um distante ruído branco enquanto o fôlego de Fionn saltava de seu corpo.

Eles não podem me ver. Eles não podem me ver.

Morrigan caminhava bem em frente a ele, vestindo uma capa estampada com seus piores pesadelos. Em meio àquela escuridão confusa, Fionn pôde ver vários rostos contorcidos costurados como retalho, todos esticados e com bocas enormes, como se estivessem gritando.

Mesmo invisível, o garoto não conseguia se esconder do absoluto terror que Morrigan provocava. As almas revestiam seu corpo esquelético, drenando o calor que havia no ar e transformando-o em algo frio e pavoroso. Seu cabelo negro era liso, penteado para trás e de comprimento interminável, e sua pele, tão pálida que a luz a atravessava e fazia cintilar o contorno de seus ossos glaciais.

Fionn achou que fosse vomitar. Tentou não imaginar o próprio rosto se rompendo de seu corpo para se juntar aos outros.

Coragem.

Deu alguns passos à frente com as pernas bambas.

Ela não consegue me ver. Ela não consegue me ver.

Os lábios pálidos de Morrigan murmuravam feitiços, seus olhos pretos como obsidianas focados na figura ajoelhada diante dela.

Dagda, percebeu Fionn.

Ele estava de cabeça baixa, seu rosto coberto pelos cabelos brancos, de maneira que Fionn não conseguia enxergar se estava consciente ou não. Tudo o que via era que o feiticeiro parecia mais humano do que o garoto jamais imaginara. Fraco, *frágil*. Seu cajado estava abandonado ao seu lado, a esmeralda parcialmente coberta de areia.

A escuridão ia perfurando o coração de Fionn conforme ele se aproximava. Passo a passo, o suor congelando em sua testa, as sombras beijando as pontas de seus dedos. O medo era praticamente paralisante, mas, uma vez que o garoto havia chegado até ali, fosse como fosse, precisava saber. Precisava ver qual era o fim da história.

Morrigan estava desenredando a alma de Dagda, seu feitiço cada vez mais gutural devido ao esforço necessário. Filetes de luz irrompiam do peito do homem e flutuavam pelo ar como fios de tecido finos e brilhantes. Ao se aproximarem da feiticeira, tornavam-se oleosos e negros, entrando por entre seus dentes conforme ela os engolia.

Não era assim que a história devia acontecer.

As sombras em torno de Morrigan se avolumavam, enquanto a luz de Dagda começava a morrer.

Havia algo de errado, muito errado.

O vento esmurrou as costas de Fionn. *Faça alguma coisa!*

— Ei! — exclamou o garoto, brandindo a chama quase sem vida em sua mão. — Levanta! Ela vai te matar! Você tem que levantar e lutar!

Dagda tombou para frente, seu corpo tremendo enquanto o último filete de luz o deixava.

Não, não, não, não, não!

— Levanta!

Ele não podia ouvir as súplicas de Fionn. É claro que não. Mas o que mais o garoto podia fazer?

Faça alguma coisa!

Fionn esmurrou as costas de Dagda.

— Faça alguma coisa! — gritou ele.

As pontas de seus dedos levaram um choque. Uma onda violenta de calor subiu pelo seu braço e explodiu em seu peito.

A ilha soluçou.

Morrigan lançou seu olhar incomensurável para ele.

O mundo encolheu-se a dois pontos de obsidiana.

Fionn caiu de joelhos, sentindo um grito preso na garganta à medida que um punho congelante apertava seu coração.

O feiticeiro levantou-se cambaleante.

Morrigan piscou ao olhar para os dois, as sombras ao seu redor hesitando por um breve e precioso segundo.

Dagda apontou seu cajado para a feiticeira e um raio de luz ofuscante e ardente perfurou o peito dela.

A vela na mão de Fionn apagou. Os berros de Morrigan o perseguiram por todas as camadas, enquanto o mundo saía do eixo e tudo ficava preto.



CAPÍTULO OITO

O TURISTA ESTRANHO

Demorou quase uma hora até Shelby Beasley encontrar Fionn todo encolhido na ponta da praia.

Ela cutucou seu ombro.

— Essa é sua melhor imitação de uma tartaruga marinha ou está com dor de barriga? Não sei dizer. Dê um gemido para tartaruga, ou dois para intoxicação alimentar.

Fionn levantou a cabeça.

O sol poente formava um halo em torno do rosto da garota. Ela dobrou os cantos da boca, fazendo uma careta exagerada, e olhou para trás.

— Quer que eu chame sua irmã? O Bartley tá acompanhando ela até em casa. Eu falei que daria um minuto para eles se despedirem.

Nojento, disse uma vozinha em algum canto da mente de Fionn. Ele se levantou, com os joelhos ainda estremecidos.

— Estou bem. Eu só... Eu devo ter pegado no sono.

Virou-se para o mar, sua respiração ainda instável enquanto ele observava as ondas batendo contra a costa. A praia estava deserta. A batalha tinha acabado havia muito tempo.

Eles tinham sobrevivido.

Ele tinha sobrevivido.

Por sorte, Shelby não era nada parecida com seu irmão mais velho. Ela simplesmente ignorou o comportamento estranho do garoto e disse, por entre o brilho de seu aparelho ortodôntico:

— Acho que não há nada de errado em tomar um pouco de ar fresco. Eu adoro esse cheiro de alga marinha daqui. Não tem nada parecido com isso na cidade, não é mesmo?

Acima dos dois, as gaivotas faziam seus barulhinhos de pterodátilo.

— Acho que não — respondeu Fionn, distraído. Ele ainda podia sentir a queimadura do olhar de Morrigan dentro de si.

Ela o tinha *visto*.

Um minuto, ele estava invisível. No minuto seguinte, estava preso sob o olhar dela.

Tinha sentido sua intensidade até a medula. Não conseguia se desvencilhar da sensação, não importava quantos anos houvesse entre os dois no momento.

Ela parecia estar terrivelmente perto.

Perto dele. Perto de todos.

— Shelby — disse ele, com urgência. — Sabe me dizer o que mais Dagda deixou pra trás para proteger Arranmore?

A garota piscou, surpresa.

— Você realmente não gosta de jogar conversa fora, não é?

— As dádivas — insistiu Fionn. — Preciso saber sobre as dádivas.

— Ok... — disse ela, lentamente. — Bom, tem a Caverna do Mar, para o que está fora de alcance. Mas isso você já sabe, graças a esta que vos fala.

Fionn assentiu, afobado.

— Continua...

— Humm. Tem a Árvore Sussurrante, para o que ainda está por vir.

— O que isso significa?

— Ela mostra o futuro. Tipo isso. Não tenho muita certeza de como funciona, mas minha avó diz que você pode fazer qualquer pergunta e ela vai dar a resposta. Faz *séculos* que minha avó a visitou, e ela continua com raiva. Como se fica com raiva de uma árvore, não faço ideia — ponderou Shelby. —

Mas eu a vi ameaçar uma ovelha certa vez, então acho que não deveria me surpreender.

Fionn bufou.

— Ok. Tá bom. O que mais?

— Tem as *Merrows*, para possíveis invasores. — Shelby já parecia mais segura do que estava dizendo. Seus olhos brilhavam com aquela mesma fascinação pelo impossível. — E antes que você pergunte, *merrows* não são sereias. Minha avó é muito clara quanto a isso. Aparentemente, elas são mais monstros do que humanas. Não têm muitas interações com a nossa espécie. — Shelby fez uma careta. — O que é bom, acho. Eu acabei de superar meu medo de golfinhos e seus sorrisinhos medonhos. Mas, enfim, não temos nada a tratar com um exército de criaturas bárbaras marinhas, certo?

Um exército de criaturas bárbaras marinhas. Os ombros de Fionn relaxaram.

— Além disso, tem *Aonbharr*, o cavalo voador, para perigos inescapáveis. — Shelby abriu um sorriso tão grande que o sol pareceu perder seu brilho atrás do rosto da garota. — Se dependesse de mim, é ele que a gente estaria procurando, mas o Bartley ainda está com raiva do pônei que o derrubou em sua festa de aniversário de oito anos. Mamãe diz que ele sofre de estresse pós-traumático de pôneis, mas eu não acho que isso exista. E provavelmente não importa, de qualquer maneira, porque ele está *obcecado* com essa caverna idiota. — Ela expirou exageradamente antes de continuar: — Imagino que você já saiba do Guardião da Tempestade?

— Sim, sim. O negócio do clima — disse Fionn, dispensando o assunto.

Shelby o encarou com estranheza.

— Então, que eu saiba, são esses.

Fionn já começava a se sentir melhor. A ilha realmente estava equipada para deter Morrigan. Equipada com coisas úteis.

E Bartley Beasley tinha medo de pôneis. Rá!

— Obrigado, Shelby.

A garota deu de ombros.

— Fico feliz de ter sido útil para alguma coisa hoje.

— Nada da Caverna do Mar? — perguntou ele, tentando fisgar alguma informação.

Ela balançou a cabeça, melancólica.

— Queria que o Bartley me deixasse liderar um pouquinho. Ele morre de medo de alguma de nós roubar o desejo idiota, se ele não estiver à frente.

Fionn voltou a ficar tenso. Um novo tipo de ansiedade começou a subir por sua coluna como uma aranha.

— Só tem um desejo?

— Bom, um a cada geração. É por isso que o Bartley é tão enjoado em relação a quem vai junto com ele. Eu sou família, e Tara... Bom, ela é leal a ele por causa do... romance dos dois. — Shelby torceu o nariz. — Mas ele enxerga você como uma ameaça. É culpa da minha avó por ter enfiado na cabeça dele a velha rivalidade entre as nossas famílias. Não leve a mal, mas ela tem envenenado meu irmão contra você desde que eu me lembro. Bom, meu irmão e eu, na verdade, mas eu penso pela minha própria cabeça. — Ela ofereceu um sorriso lamentoso. — Se dependesse de mim, iríamos todos juntos.

— Mas você não quer o desejo? — perguntou Fionn, tentando não parecer ofendido por toda aquela hostilidade gratuita de Bartley. — Se só tem um desejo, por que ele fica com o Bartley?

— Eu quero o cavalo — disse a garota, com entusiasmo renovado. — Eu amo a minha avó, mas quem ficar com o desejo vai acabar tendo que responder a ela. É por causa dela que o Bartley está tão obcecado, pra começo de conversa. E eu não sou marionete de ninguém.

— Mas por quê...

— Oi! Shelby! — Como se a menção de seu nome o tivesse conjurado, Bartley Beasley apareceu no promontório de queixo erguido e com as mãos na cintura. Marchou em direção a eles. — O tio Douglas já acendeu a churrasqueira! A gente tem que ir!

— Falando no demônio... — disse Shelby.

— Literalmente — completou Fionn.

— O que você tá fazendo com esse garoto esquisito aí, Shel? — gritou ele. — Para de perturbar minha irmã, Boyle!

— É melhor eu ir antes que ele fique ainda mais rabugento — disse ela, afastando-se. — A gente se vê, Fionn!

QUANDO FIONN RETORNOU À CABANA, deparou-se com um corvo empoleirado na chaminé e um homem perambulando pelo jardim. Fionn o reconheceu imediatamente por conta do cabelo ruivo flamejante. Desta vez, estava preso em um rabo de cavalo, mas a barba continuava tão cheia e vibrante quanto naquele dia na loja do Donal. E apesar do calor, o homem ainda usava o mesmo suéter esquisito. Estava inspecionando os arbustos, girando os espinhos entre seus dedos como um poeta atrás de inspiração.

— Posso ajudar? — perguntou Fionn, parando na entrada.

O corvo grasnou e voou para longe.

Fionn tentou não dar um pulo com o susto que levou.

É só um pássaro. Eu não tenho medo de pássaros.

O homem o cumprimentou com um sorriso descontraído — um conjunto completo de dentes brancos cintilantes, que pareciam ainda mais brancos em contraste com o vermelho. Ele soltou os espinhos e enfiou as mãos nos bolsos.

— Estou procurando o Guardião da Tempestade.

Fionn congelou. Talvez fosse o corvo inesperado, ou a memória do olhar de Morrigan entranhada em sua mente, mas na mesma hora o garoto se viu em alerta máximo.

— É uma pena, sua irmã disse que ele não se encontra — prosseguiu o homem. Ele era mais magro do que Fionn lembrava, com ombros ossudos e o queixo pontudo, seu corpo todo formado por ângulos, em vez de curvas. — Ou será que ela mentiu para mim?

— Desculpa, quem é você?

A risada do homem soava como um arpejo musical.

— Perdão, Fionn. Eu esqueço de me apresentar, às vezes. Meu nome é Ivan. Cheguei de Dublin faz uns dias. — Ele baixou o queixo, suas mãos ainda enfiadas nos bolsos da calça jeans. — Estou simplesmente *fascinado* pela história dessa ilha.

Fionn não sabia o que era mais desconfortável: a familiaridade com que o homem conversava com ele, ou o fato de que não havia piscado desde o início da conversa.

— O que te trouxe aqui?

— Curiosidade — respondeu Ivan, entrando em seu caminho. Fionn tentou identificar seu sotaque, mas não conseguiu. Era relaxado e fluido, com uma cadência musical que fazia parecer que o homem começaria a cantar a qualquer instante. Não parecia ser de Dublin. — Se eu soubesse que o clima bom da Irlanda estava escondido todo aqui... Teria vindo muito antes.

— Não se acostume. O tempo aqui também é imprevisível.

Houve um lampejo nos olhos de Ivan.

— É mesmo?

Algo dizia a Fionn que ele acabara de cometer um erro. A ansiedade começou a roncar em seu estômago, os eventos de mais cedo voltando a perturbá-lo. Precisava entrar na meia-luz aconchegante do chalé, se afastar de interações humanas.

— Tenho que ir.

Ivan não abriu caminho.

— Por acaso você sabe quando seu avô estará de volta? Sua irmã não sabia de jeito nenhum.

— Não faço ideia.

A barba do homem se contraiu.

— Eu tinha a impressão de que ele nunca saía de casa. Não é por isso que a Rose, do outro lado do morro, faz as compras pra ele? — disse Ivan, resgatando o detalhe da conversa de Fionn com Donal e confrontando o garoto como se estivessem em uma sala de interrogatório. — Pelo menos foi isso o que eu ouvi...

Houve um longo e duradouro silêncio.

Fionn olhou feio para Ivan.

— Sobre o que exatamente você queria conversar com meu avô?

Ivan sorriu, pronunciando a palavra entre os dentes:

— *Cavernas*.

Fionn sentiu um aperto no peito. O sorriso do homem tornou-se estrondoso subitamente, sua barba vibrando com o esforço de mantê-lo, e gotas de suor caindo pelos lados de seu rosto.

— Bom, eu aviso a ele que você esteve aqui — disse Fionn, contornando Ivan resolutamente e entrando no chalé. — Tenha um bom dia.



CAPÍTULO NOVE

A ILHA IRREQUIETA

O avô de Fionn havia se espremido no espaço entre as janelas na sala de estar, seus ombros encolhidos de tal forma que ele parecia fino como uma vagem.

— *Shh* — chiou ele. — Abaixese.

Fionn fechou a porta do chalé depois de entrar.

— Ele está indo embora — disse o menino.

O avô pressionou o rosto contra o vidro da janela, como faria o pior espião de todos os tempos.

— *Até que enfim.*

— Que cara esquisito — disse Tara, de dentro da cozinha. Ela estava reclinada ocupando duas cadeiras, enquanto deslizava o dedo pela tela do celular. — Parece que ele quer tentar te sequestrar ou algo assim.

— Provavelmente ele é só um tipo agressivo de turista. — O avô descolou o nariz da janela. — Aonde ele vai com uma barba desse tamanho? Quer superar o próprio Dagda?

— E aquela gola rulê — completou Tara, com a mesma repulsa. — Eu me senti atacada.

Fionn perambulou entre os dois, com os punhos apertados junto ao corpo.

— Preciso contar uma coisa a vocês.

— Você quer o quê? Uma música de abertura? — perguntou Tara.

Fionn limpou a garganta, seu coração galopando mais veloz do que um cavalo de corrida.

— Eu fiquei cara a cara com a Morrigan hoje. Queimei o que restava da *Fadó Fadó*.

O avô, que estava se afastando da janela a passos largos, exagerado como um desenho animado, parou na ponta dos pés.

— Você é muito mentiroso — afirmou Tara, do outro lado do arco. — Não dá pra queimar a *Fadó Fadó* até o fim.

Fionn trincou sua mandíbula.

— Eu não estou mentindo.

O avô rodopiou, sua atenção focada no neto como um pontinho laser.

— Explique-se...

A memória ainda pairava sobre Fionn feito uma sombra. O peito doía como se estivesse abarrotado, e ele não sabia dizer se era um reservatório de lágrimas contidas ou o grito que a feiticeira havia aprisionado em sua garganta.

— Eu vi a Morrigan — disse ele, com firmeza. — Eu voltei para a batalha e vi os clãs lutando contra os Caçadores de Almas. Vi uma guerreira controlar o mar sem nem encostar na água. Eles usavam magia.

— A vela queimou — disse o avô, baixinho. — Depois de todos esses anos.

Fionn desfez o nó que se formara em sua garganta e completou:

— Até o fim.

O avô piscou lentamente e com pesar.

Na cozinha, Tara arrastava a cadeira pelos azulejos.

— E aí encontrei eles — prosseguiu Fionn, apressadamente. — A Morrigan me *viu*. Ela olhou diretamente pra mim e eu *senti*. — Ele agarrou o próprio peito na altura do coração, como se tivesse levado um soco. — Aí o Dagda a atingiu com alguma coisa e a vela se apagou e acho que eu devo ter desmaiado, porque quando acordei ainda estava na praia e o restante da cera tinha derretido na minha mão. A vela já era, vô. Desculpa.

Fionn ergueu a mão enquanto Tara marchava até ele, passando pelo arco.

Ela pegou sua mão e a virou, traçando os rios de cera preta com o dedo.

— Isso pode ser qualquer coisa.

— Por que é que eu iria mentir? Eu não sou *you*. — O garoto virou-se para o avô. — Você acredita em mim, não é?

O avô se abaixou para sentar no braço da poltrona e seus joelhos estalaram em meio ao silêncio. Passou um bom tempo sem falar, olhando para um ponto no chão, seus olhos embaçados como se o velho tivesse viajado para outro lugar em sua cabeça. Fionn foi contando as batidas de seu coração: dez, trinta, cinquenta, até que...

— Sim, Fionn. Eu acredito em você.

— O *quê*? — disse Tara, perplexa.

— Eu encostei no Dagda — explicou Fionn, estimulado pelo apoio inesperado do avô. — Ele estava de joelhos, e aí não sei o que deu em mim, mas eu meio que esmurrei as costas dele, e meus dedos levaram um choque e foi nessa hora que Morrigan olhou pra mim! Ela se distraiu, então o Dagda se levantou e...

O avô encarava o garoto como se ele tivesse acabado de confessar um assassinato.

Fionn mordeu o lábio inferior com toda força.

— Mas ela morreu, não foi? — perguntou ele, com a voz trêmula.

— Não há motivo para ter medo — confortou o avô, alongando os lábios rapidamente para dar forma a um sorriso. — Não há motivo nenhum, na verdade. Eu estou aqui do seu lado. Você está em casa agora, rapaz.

— Desculpa, mas por que você tá se deixando levar por essa historinha? — interrompeu Tara. — Você mesmo disse, vô. Nós não podemos ser vistos em outras camadas. Somos como o vento! — Ela virou-se para Fionn. — Você não foi brincar com a Morrigan e o Dagda coisa nenhuma. Você jogou aquela vela no mar e inventou uma história idiota porque se sentiu excluído.

— E você, fez o *quê*? — rebateu Fionn, irritado. — Ficou perambulando pelas falésias o dia todo tentando achar aquele desejo pra entregá-lo de bandeja ao seu *namorado* idiota? Se você se *importasse* com sua família, não abriria mão do desejo tão facilmente!

Os lábios de Tara se retorceram.

— Você não tem a menor *ideia* do que é importante pra mim.

— Basta! — exclamou o avô, severo. — Se eu quisesse morrer de desgosto por um bate-boca sem propósito, Winnie e eu teríamos tido um segundo filho.

Tara fez uma cara feia para o avô.

— Aquela vela não queima pra ninguém! Por que queimaria pra *ele*?

— Porque eu sou melhor que você — respondeu Fionn.

— Vai sonhando.

— Dagda, dai-me forças. — O avô balançou a cabeça de um lado para outro como se quisesse despejar todo o estresse para fora de seu cérebro. — Quero que vocês dois me escutem com bastante atenção. E dessa vez, quando digo para escutarem, estou falando *sério*, Tara.

A garota olhou para seus sapatos, enquanto Fionn lançava um sorriso malicioso para ela.

— Existem forças em ação aqui que eu ainda não compreendo totalmente. A ilha está irrequieta. Há relatos de outras camadas se manifestando, de coisas aparecendo e depois desaparecendo. As marés têm seu próprio ritmo. O tempo continua tão imprevisível quanto sempre foi, e os pássaros, mais ainda. Já vi mais corvos essa semana do que nos últimos anos...

As bochechas de Fionn começaram a formigar.

— A ilha não estava assim no verão passado — resmungou Tara.

— Nunca fica ruim assim. Nem mesmo antes de uma tempestade.

O avô inclinou a cabeça para trás, fechando os olhos profundamente, como se estivesse dormindo.

— Deve ser por isso que aquele Ivan veio aqui — sugeriu Fionn.

— Espero que ele seja apenas um turista atrás de rumores, mas é importante desconfiar de todo mundo. Morrigan levou muitas almas para a cova. Ela tem seus seguidores, até hoje. — Ele abriu os olhos repentinamente. — Quero que vocês dois tenham muito cuidado. Não queimem nenhuma vela sem a minha supervisão, e não falem com estranhos. Sejam discretos. — Ele lançou um olhar severo para Fionn. — Especialmente você, Fionn. Será que podem fazer isso por mim? — perguntou ele, com a voz cansada. — Por favor?

— Podemos — disseram os dois, em uníssono.

— E pela última vez, fiquem longe daquela *maldita* Caverna do Mar.

— Vamos ficar — mentiram os dois.

Naquela noite, a ilha entoou uma canção de ninar para Fionn. Uma mulher o chamou por entre as camadas, puxando-o através do tempo e pelo mar. Ele foi tropeçando de sonho em sonho, e a melodia o carregou para a ponta de um despenhadeiro, onde o garoto ouviu uma serenata que vinha da caverna sob seus pés. Fionn seguiu a canção da mulher até se encontrar embaixo de um grande buraco negro, cuja entrada escancarada era tão afiada quanto as presas de um animal.

Uma sombra saltou para dentro do buraco e Fionn foi atrás dela, certo de que era seu pai.



CAPÍTULO DEZ

O DESEJO SUSPEITO

Os dias seguintes foram de tempo nublado e buscas em vão. Ciente de que havia apenas um desejo à espera dentro daquela caverna, Fionn sabia que não podia perder tempo. Comprou um mapa local de Arranmore na loja de Donal e começou a marcar as falésias que poderiam esconder a entrada de uma caverna. Infelizmente, essas áreas correspondiam a praticamente toda a encosta.

Mesmo depois de superar a caminhada de uma hora e o vento incômodo que a acompanhava, as investigações de Fionn ainda estavam sujeitas à maré, que parecia subir dia após dia como se quisesse engolir a ilha inteira. Tara passava a maior parte do tempo com os Beasley, trilhando as rochas igualmente sem sucesso, até a noite em que ela voltou com um sorriso tão grande que comprimia suas bochechas.

— Eu disse que encontraria antes de você — provocou ela quando já tinham se deitado na cama.

— Ele fez o pedido? — perguntou Fionn, alarmado. Será que estava tudo acabado?

— Ainda não achamos um jeito de descer até ela, mas vamos conseguir quando a maré baixar.

Só tem um desejo!, Fionn queria gritar para ela. E *você vai deixar o Bartley roubá-lo de nós!*

Enroscou os dedos no edredom e engoliu o desespero que borbulhava dentro de si. Ele não iria gritar. Não iria implorar. Fechou os olhos e manteve seu tratamento silencioso cuidadosamente planejado, até enfim pegar no sono ao som da irmã teclando no celular de maneira frenética.

Na manhã seguinte, acordou com o bater dos sinos da igreja.

Blém blém blém.

Os tinidos subiram pelo promontório, carregados pelo vento, e entraram por debaixo da porta, ecoando nas paredes do pequeno chalé e vibrando sob as tábuas do piso. Fionn sentiu o ruído nas solas dos pés quando se levantou da cama. Parecia que tinha se passado uma era desde que ele deixara Dublin, mas este era apenas seu segundo domingo na ilha. Seu segundo domingo longe da mãe.

Em Dublin, quando estava disposta, às vezes ela levava os dois para a feira de Temple Bar, onde ficavam a manhã toda passeando pelos quiosques, provando os crepes e as avaliando com uma nota de um a dez. Foi onde, em um domingo chuvoso, Fionn experimentou geleia de bacon pela primeira vez e Tara achou ovos de galinha pintados de azul-claro. Certa vez, sua mãe comprou uma sacola enorme de marshmallows de caramelo e os três brincaram de ver quem conseguia enfiar a maior quantidade na boca de uma vez só. Fionn saiu vitorioso naquela ocasião, com onze, mas sua mãe (em último, com sete) jurou que teria vencido se fossem azeitonas, sua comida favorita. Tara tinha exigido uma revanche, mas Fionn sugeriu que ela devia tentar manter seus nove marshmallows na boca pelo máximo de tempo possível, para que todos pudessem ter um pouco de paz.

Blém blém blém.

Vestiu uma calça de moletom e seu casaco cinza com capuz favorito. Também calçou seus melhores tênis, que sua mãe comprara no outlet da Nike em seu aniversário de onze anos. Eram pretos, com listras verde-limão

correndo pelas laterais. São tênis de aventura, disse a mãe quando ele abriu o presente, com os olhos brilhando de felicidade.

Se ao menos ela soubesse onde o garoto planejava levá-los.

Bartley e Shelby apareceram na casa pouco antes do meio-dia, durante uma discussão sobre como Bartley vinha usando o condicionador da irmã sem pedir permissão. Fionn estava perambulando pelo jardim, fingindo inspecionar flores sem cabeça.

— Boyle! — chamou Bartley, enquanto Shelby acenou para ele. — Não sabia que você tinha dom para cuidar de plantas. É isso que você faz enquanto a gente sai pra explorar? Jardinagem, feito uma senhorinha de oitenta anos?

O vento lançou uma rajada violenta, subitamente, e o arbusto de rosas curvou-se sobre Fionn, as pétalas resvalando no lóbulo de sua orelha como se sussurrassem: *Quer que eu bata nesse garoto Beasley?*

— Isso é machista — disse Shelby. — Ele pode fazer jardinagem como um *senhorzinho* de oitenta anos.

— Cala a boca — respondeu Bartley, esmurrando a porta da casa.

— Pode bater com mais força — disse Fionn. — Pra todo mundo no continente conseguir ouvir também.

Bartley virou-se rapidamente para Fionn, com uma expressão de desdém.

— Não se preocupe, Boyle. Vamos te contar *tudo* sobre a caverna depois que entrarmos nela.

— Se vocês entrarem.

Bartley deu um sorrisinho para ele.

— Você parece estar com inveja, Boyle.

— Não tô com inveja de nada — respondeu, prontamente.

— O que você desejaria, de qualquer maneira? Um amigo? Duvido que exista uma caverna mágica o bastante pra realizar esse desejo. Mas você bem que podia desejar ter algum nervo. Ou talvez tênis menos vergonhosos do que as sobras do ano passado.

— Bartley, você usa *mocassins* — disse Shelby.

Fionn abriu um leve sorriso. Disse:

— Imagino que você vá desejar uma personalidade, Bartley. Embora sua cara também fosse se beneficiar de uma intervenção divina.

Shelby segurou sua risada levando as costas da mão à boca, mas ela transpareceu no sacudir de seus ombros e deixou seu rosto vermelho.

Bartley olhou feio para a irmã, no momento em que Tara escancarava a porta. Ela tropeçou e caiu em cima dele, em um misto de casacos que não combinavam e um alvoroço de braços e pernas. O garoto conferiu o próprio cabelo freneticamente para ver se a ondinha continuava no lugar, antes de estender a mão a Tara para ajudá-la a se levantar.

— E ainda dizem que não existe mais cavalheirismo — ironizou Shelby.

— Pronta? — perguntou Bartley, depois que os dois se recompuseram.

Tara acertou seu rabo de cavalo.

— Pronta.

— Para o farol! — disse Shelby, lançando um olhar para Fionn.

— Cala a boca! — ordenou o irmão, de maneira agressiva.

Fionn revirou os olhos.

— Até mais! — despediu-se Shelby.

— Boa sorte com as enciclopédias, Fionny — disse Tara. — Não as coma, se tiver fome!

Os três partiram promontório abaixo.

Fionn contou até cem. Então, começou a segui-los.

Estava quase na igreja quando perdeu sua irmã de vista e, em vez dela, deu de cara com o peitoral do homem mais alto que já tinha conhecido. Ele era corpulento também, com braços grandes e ombros largos, duas vezes o tamanho dos de uma pessoa mediana. Tinha também um bigode desproporcional, não muito diferente das cerdas de uma vassoura.

— Fionn Boyle — disse ele com uma voz estrondosa, seus olhos maliciosos e familiares brilhando triunfantes. — Finalmente nos conhecemos!

— Humm. Oi — disse Fionn, sem jeito.

O homem era suficientemente parecido com Bartley para que Fionn juntasse os pontos de que eram parentes. Mas seu sotaque era local da ilha, o que significava que não devia ser o pai de Bartley, mas seu tio, Douglas.

Antes que pudesse perguntar, uma mulher alta e forte, de longos cabelos platinados, tirou Douglas do caminho usando o cotovelo.

— Faz muito tempo desde a última vez que te vi, Fionn Boyle — disse ela, estudando-o com seus olhos pequenos, da cor do carvão. — Muito tempo mesmo.

Fionn torceu o nariz.

— Acho que você está me confundindo com outra pessoa.

— Meu nome é Elizabeth Beasley — disse ela, estendendo a mão delicada. Fionn ficou surpreso com a força do seu aperto, com o vigor da sacudida. — Sou uma velha amiga do Malachy.

O homem bigodudo deu uma bufada, e Fionn foi lembrado de sua presença às margens da conversa. Fora rebaixado, mas continuava ali, firme e forte.

— Como tem passado o verão? — perguntou Elizabeth, docemente. — A ilha tem sido gentil com você?

— Eu, é... Sim. Tudo...

— Douglas e eu *adoraríamos* que você conhecesse uma pessoa — interrompeu a mulher.

Douglas acenou para alguém atrás de Fionn.

— Vem cá — chamou ele. — Venha conhecer o neto do Guardião da Tempestade.

Para a surpresa de Fionn, foi Ivan quem apareceu à sua frente, como se tivesse se materializado do nada. Ele havia penteado a barba, e seu cabelo ruivo estava trançado e já não cobria mais parte do seu rosto. Tinha combinado o suéter preto de sempre com um blazer e jeans, mas ainda parecia agasalhado demais para o calor que fazia.

— Nós já nos conhecemos — falou ele, alegremente.

— Ivan é um primo distante nosso — disse Elizabeth.

— É *mesmo*?

— Acho que ele sabe mais sobre esse lugar do que eu — completou ela, dando uma risada. — Ele é muito comprometido com o futuro da família. Ou, talvez eu deva dizer, o futuro da *ilha*.

Fionn encarou o homem com uma desconfiança renovada.

— Achei que você só estava interessado na história de Arranmore.

Ivan abriu um amplo sorriso.

— Nunca ouviu aquela expressão, Fionn? A história se repete.

— Exceto no caso de Guardiões da Tempestade da família Boyle — disse Douglas, seu bigode desproporcional se contraindo duas vezes mais rápido. — E antes que você tenha alguma ideia de jerico, garoto, essa dádiva vai ser passada ao meu sobrinho. Não ligo que todo mundo ache que o escolhido é você. As coisas por aqui vão mudar muito em breve...

Fionn ficou pálido. O *quê*?

Douglas deu uma piscadela para Ivan e soltou uma risada cortante.

— Ele só precisa de uma ajudinha, só isso.

O sorriso de Elizabeth desapareceu.

— Como vai seu avô, Fionn? Não o vemos por essas partes há um bom tempo...

Ivan manteve seu sorriso estático, os olhos embaçados como se ele estivesse olhando para além de Fionn; para o futuro, ou o passado. Talvez, ambos.

— Tenho certeza de que o próximo Guardião será menos... evasivo.

— É claro que sim — respondeu Douglas, como se já soubesse.

O *próximo Guardião*...

O coração de Fionn martelava em seu peito. O que ele havia perdido? E por que os Beasley estavam tão convencidos? Precisava descobrir onde estava Bartley Beasley e qual exatamente seria seu desejo.

— Com licença — disse Fionn, dando as costas para os três. — Eu tenho um compromisso.

— Espero que não seja com a Caverna — disse Douglas, quando Fionn já estava indo embora. — Um moleque esquelético como você não duraria dois minutos lá dentro. Tem uma *tempestade* a caminho, sabia?

Tempestade. Ele pôs tanta ênfase na palavra, que Fionn parou de andar. Olhou para o céu.

— Não estou vendo nenhuma nuvem.

A risada de Elizabeth foi afiada, como o chamado de acasalamento de um pássaro maligno.

— Um tipo diferente de tempestade, Fionn.

— Preparada pela ilha — completou Ivan, esbaforido.

Douglas sorriu maliciosamente.

— A primeira em quase doze anos.

Fionn virou-se para eles imediatamente.

— O quê?

— Ah, tenho certeza de que o Fionn não quer tocar nesse assunto — disse Elizabeth, com um sorriso indulgente. — Especialmente depois do que aconteceu com o pobre Cormac.

O coração de Fionn palpitou. Havia muito tempo que ele não escutava o nome do pai em voz alta. Ficou pairando no ar entre eles, como uma pequena nuvem. Fionn desejou que pudesse fisgá-lo com o dedo e tirá-lo do alcance daquelas pessoas horríveis.

— Nós achávamos que a magia passaria para ele, naquela época — continuou Elizabeth. — A ilha estava desperta. A tempestade, sendo preparada. E aí... bem... — Ela baixou a voz, as pontas de seu cabelo claro fluando em torno de seu rosto como cobras. — Acho que ele não devia ter entrado naquele barco salva-vidas. Foi procurar encrenca.

Fionn estava desesperado para dizer algo corajoso e insolente, mas seu lábio inferior tremia sem parar, e ele não conseguiu impedir-se de pensar em seu pai sendo sugado para o centro daquela tempestade. Como ele devia estar aterrorizado, e como devia estar se sentindo desesperadamente *sozinho* em seus momentos finais.

— Antes eu achava que era o Cormac que eu tinha visto naquela ocasião, sabe... — Qualquer sombra de gentileza havia sumido. Ela sorria abertamente, deleitando-se com a expressão de tristeza de Fionn. — Mas ele nunca se lembrou. E agora vejo que você é *igual* a ele. Realmente não há como diluir esses traços... *fortes* dos Boyle. Exceto... — prosseguiu ela, estreitando seus olhos escuros.

Fionn congelou, paralisado pelo sorriso venenoso da mulher.

— Exceto o quê?

Elizabeth Beasley contraiu os lábios antes de falar.

— Exceto pelo fato de que Cormac tinha o mar em seus olhos. Mesmo quando criança, se você prestasse atenção, dava pra ver. Ele era *muito* corajoso.

— Mas não corajoso o bastante, no fim das contas — disse Douglas.

Ivan limpou a garganta, desconfortável.

O garoto se afastou deles, um caranguejo eremita recolhendo-se à sua concha.

— Fionn — chamou Elizabeth, e, embora soubesse que não devia, ele parou mais uma vez. A expressão da mulher tornou-se mais fechada, como se uma sombra tivesse caído entre seus olhos. — *Nunca* será você.

Suas palavras pairaram sobre Fionn como um espectro enquanto ele passava apressadamente pela igreja. Andou tão rápido que perdeu o fôlego. O nome do pai ficou pendurado como uma placa de neon em sua mente.

Cormac tinha o mar em seus olhos.

Cormac era muito corajoso.

E o que eu sou?

Qual seria o desejo de Bartley na Caverna do Mar? E por que Fionn tinha a terrível sensação de que o desejo envolveria machucar seu avô de alguma maneira?

Para o farol. Ele correu, e o vento correu junto. Fionn tentou se convencer de que a ilha estava do seu lado, que ele pertencia àquele lugar tanto quanto qualquer outra pessoa. Que aquele lugar não tinha se revoltado e matado seu pai doze anos antes. Que a ilha não havia preparado a tempestade que o afogara.

O terreno foi subindo e Fionn foi subindo com ele, correndo ofegante, atravessando o lago, os campos desertos e as casas de pedra dilapidadas enquanto pássaros negros grasnavam no céu acima dele.

Corvos, disse para si mesmo. *São apenas corvos.*

Tentou fingir que não reconhecia aqueles chamados lancinantes enquanto eles o perseguiam pela ilha.

Quando chegou à falésia junto ao farol, agachou-se com as mãos no chão e colocou a cabeça para além da beirada.

Não havia sinal de sua irmã.

Não havia nada além de sua própria respiração pesada ecoando à sua volta.

Até mesmo os pássaros tinham desaparecido em algum lugar sobre a falésia.

Uma brisa percorreu a grama e Fionn só conseguiu pensar que a ilha estava rindo dele. Até quando pegava carona na aventura de outra pessoa, ele não conseguia se manter no ritmo.

Voltou se arrastando para casa, passando por lojas, barcos e campos intermináveis até se encontrar na estação de barcos salva-vidas, no píer. Deslizou até sentar-se no chão, encostando as costas contra o prédio em que seu pai, seu avô, seu bisavô e seu tataravô tinham passado todos os dias de suas vidas entre aventuras no mar. Entre barcos salva-vidas. Entre valentia.

Ficou ali por um bom tempo, a sós com seus pensamentos e o vento. Alguns moradores da ilha passaram em frente, de vez em quando, mas ele não os cumprimentou, nem mesmo quando pararam para olhar para ele uma segunda vez. O garoto que era igual a seu pai morto, o garoto que nunca chegaria aos pés dele.



CAPÍTULO ONZE

A ÁRVORE SUSSURRANTE

Quando Fionn finalmente voltou para o chalé do avô, Tara estava sentada à mesa da cozinha com Bartley e Shelby, assistindo a um vídeo no celular. Ela havia trocado de roupa, estava usando o seu suéter amarelo-limão, e seu cabelo ondulado contornava as bochechas sardentas.

— Onde você estava? — inquiriu ela. — Não ligo a mínima de você não estar em casa, só espero que não tenha se entupido daquela batata sabor camarão *nojenta*. É sua vez de fazer o jantar hoje.

Bartley, que estava lendo os rótulos das velas na sala de estar, sorriu maliciosamente para Fionn por sobre o ombro.

— Ainda sem amigos, Boyle?

Fionn não podia acreditar no que estava vendo. Tinha acabado de correr por toda a ilha para salvar a irmã das tramas daquele Voldemort dotado de burrice, e ali estava ela, sentada, querendo lhe dar lições de nutrição básica. Como se certa vez ela não tivesse bebido xampu de coco por causa do cheiro delicioso. Além do mais, *até parece* que ele encontraria batata de camarão à venda naquele lugar.

— Achei que vocês iam à Caverna do Mar.

— *Shh!* — disse Tara. — O vovô vai te ouvir!

— A maré não baixou — explicou Shelby, com a boca cheia de balas. — Estava alta demais pra ver qualquer coisa, e também tinha um monte de pássaros no caminho. Então desistimos e compramos doces pra afogar as mágoas, em vez disso.

— É por isso que vocês não estavam no farol — murmurou Fionn.

O garoto se arrependeu de suas palavras no segundo em que as pronunciou. Queria enfiá-las de volta na boca e mastigá-las para que não restasse nenhum rastro daquela frase.

Bartley virou-se para ele.

— Estava nos seguindo, não é?

Tara tirou os olhos do celular.

— *Meu Deus do céu.* Você estava *espionando* a gente?

— Claro — respondeu Fionn, surpreso consigo mesmo. — É óbvio.

O sorriso de Bartley foi tão grande que praticamente dividiu seu rosto em dois.

— Isso é tão vergonhoso.

— Que nem o seu cabelo — rebateu Fionn, de imediato.

— O que deu em você? — Tara ficava idêntica à mãe deles quando franzia as sobrancelhas daquele jeito. Seus olhos eram do mesmo tom castanho-escuro, mas os de Tara se expressavam de outra forma, com raiva e impaciência.

— Qual vai ser seu desejo, Bartley? — exigiu Fionn. — Eu sei que tem a ver com minha família.

Bartley lançou um olhar malicioso.

— Conheceu minha avó, Boyle?

— Sim. Ela é horrível. Qual vai ser seu desejo?

— Não é, não — disse Shelby, na defensiva. — Ela só tem uma visão muito... *diferente* de Arranmore. E ela faz cookies sem glúten deliciosos, que são equivalentes a um cookie normal aceitável.

— Por que você se importa com o desejo do Bartley, de uma hora pra outra? — perguntou Tara. — Você não tem interesse nenhum na Equipe de Natação Olímpica Irlandesa.

— Não é esse o desejo dele — afirmou Fionn, com o olhar ainda fixado em Bartley. — É algo relacionado à nossa família.

Tara voltou-se contra o namorado.

— O que ele quer dizer com isso?

— Na verdade, é algo relacionado à *minha* família — disse ele, ignorando-a. Então, apanhou uma vela fina e dourada de uma prateleira ao lado da lareira.

Fionn foi atrás dele.

— Ei! Isso não é seu! Coloque de volta!

— Não — desafiou Bartley, segurando-a fora do alcance de Fionn. — Isso *tudo* é meu! Ou pelo menos será muito em breve. E pode ter certeza de que eu vou destruir cada uma delas.

— Vô! — gritou o garoto, mas Bartley já estava de saída.

Tara levantou-se.

— Fionn! Não...

— Vô! — gritou ele, ainda mais alto. — O Bartley tá roubando a gente!

— Bartley, volta aqui! — disse Shelby, mas ninguém dava ouvidos a essa altura.

Fionn correu atrás de Bartley até o promontório.

— Devolve isso!

Bartley virou-se para o garoto, seus olhos cheios de determinação.

— Essa vela tem o nome da minha avó no rótulo! — disse ele, espetando o dedo no objeto. — Explique isso!

— Não!

— É *dela*!

— Você não pode queimar a vela! — exclamou Fionn, cada vez mais próximo.

Bartley sacou um isqueiro do bolso e o acendeu rente ao pavio.

— Para! — Fionn se atirou contra ele, segurando seu pulso no momento em que a chama ganhava vida.

A ilha inspirou profundamente.

O vento arrebatou os dois em sua corrente. Foram carregados pelo promontório com tanta velocidade que Fionn precisava sugar o ar pela boca para conseguir respirar.

— Me solta! — gritou Bartley.

— Não! — gritou Fionn de volta, agarrado a ele como uma algema. — Apague a vela! A gente não sabe o que ela contém!

— De jeito nenhum, seu idiota! — Bartley estava saltitante como uma gazela, quase tropeçando em si mesmo de tanta empolgação, enquanto tentava deixar Fionn para trás. — Minha avó tá aqui, em algum lugar!

— Podem ter outras coisas aqui também! — disse Fionn, ofegante. Tentou acompanhar o passo de Bartley, mas o medo era como um laço em torno de seu pescoço, e ele sentia os dedos gélidos de Morrigan puxando a outra ponta da corda. — É perigoso!

— Então me solte e vá pra casa, covarde! — Bartley continuava saltitando pela grama alta, dando gritos de animação e risadas enquanto a ilha ia trocando suas camadas.

Ele não podia deixar Bartley Beasley desacompanhado em uma das velas de seu avô. E se o garoto nunca voltasse? Ou pior, e se ele voltasse *ainda mais convencido* do que já era?

Ficou se perguntando o que essa vela sabia sobre Elizabeth Beasley.

Uma velha tempestade se formava. Nuvens negras e densas pairavam sobre os dois, lançando estática na atmosfera.

Bartley parou de correr.

— Me solta — disse ele, curvando-se. — Acho que vou vomitar.

— Ótimo. — Fionn usou sua mão livre para tomar a vela do garoto.

— Ei! — reclamou ele, segurando Fionn pela manga antes que ele pudesse se afastar. — Devolve isso aqui!

Fionn brandiu a vela acima deles.

— Se acha que vou confiar qualquer coisa do meu avô a você, então você é que é o idiota.

Bartley estava enfraquecido demais para discutir. Ele apertou o pulso de Fionn, seus dedos ainda tremendo devido ao enjoo provocado pelo vento.

— Tá bom.

Ao menos Fionn agora tinha controle da memória. Podia soprar a vela ao primeiro sinal de perigo...

E, no pior dos cenários, Morrigan podia devorar a alma de Bartley primeiro.

Os dois começaram a andar novamente, sendo guiados por uma brisa errante e atravessando planícies gramadas e onduladas. O ar ia ficando cada vez mais nebuloso.

Logo viram-se em meio a um campo de flores silvestres. As hastes das plantas chegavam a atingir a altura do nariz, curvando-se em torno do campo em fileiras que formavam uma espiral em direção ao centro.

Bartley entortou para si a parte superior de uma flor violeta e a cheirou.

— É lavanda.

— Agora não é hora de fazer sabonete — disse Fionn.

— Óbvio. Significa que estamos perto da Árvore Sussurrante. — Ele deu mais uma fungada, para se certificar. — Deve ser pra lá que estamos indo.

As flores balançavam de um lado para o outro, convidando-os a entrar no labirinto.

— Como você tem tanta certeza?

Bartley soltou o ramo de lavanda, que voltou ao seu lugar como um soldado enfileirado.

— Porque a localização da Árvore Sussurrante muda o tempo todo. Você só sabe que está próximo dela quando encontra o labirinto de lavandas — explicou ele, com a voz estranhamente aguda. Seu nível de informação tornava sua presença mais tolerável, embora não muito. — Depois é só o seguir.

— Ah. Legal.

— Você realmente não sabe nada, não é?

— Sei que você não tem nenhuma aptidão social — respondeu Fionn.

Bartley o puxou para dentro do labirinto, sua cabeça erguida para o céu carregado.

— Eu não gasto minha energia com perdedores.

— Então como é que você se alimenta? — perguntou Fionn, indo atrás dele a passos largos.

Os dois seguiram as flores silvestres, adentrando mais e mais pela espiral até que ela simplesmente se estreitou. Então, tiveram que entrar para um dos lados, as flores roçando em suas bochechas enquanto o trovão rugia como um leão.

No centro do labirinto, ficaram um em cada lado de um pequeno buraco negro no chão.

— E agora? — perguntou Fionn, olhando para a vela em sua mão antes de encarar aquela escuridão infinita.

Bartley olhou em volta, um tanto incerto.

— Acho que temos que pular no buraco.

— Você sabe que é possível morrer nessas memórias, certo?

— O caminho até a árvore sempre muda. Esse deve ser o que minha avó teve que fazer. Do contrário, por que uma vela com o nome dela traria a gente até aqui?

Só havia um lugar aonde ir. Pela primeira vez desde que haviam chegado àquela camada, Fionn estava aliviado por os dois estarem juntos.

— Tudo bem.

— Não me solte, Boyle.

— Está com medo que eu vá te largar no limbo?

Para a satisfação de Fionn, Bartley mordeu os lábios para não soltar um insulto.

— Só um pouco.

— Bom, não se preocupe. Eu não sou um Beasley.

— Para sua eterna tristeza. No três?

Fionn assentiu.

— Um. Dois. Três.

Pularam juntos, seus gritos crescentes em perfeita harmonia enquanto despencavam ao fundo da terra. Os dois garotos ficaram em queda livre por um total de seis segundos, atravessando camadas antigas de Arranmore até emergirem do buraco no sentido inverso, seus estômagos se revirando ao serem lançados de dentro da terra como foguetes.

Quando aterrissaram, foi em uma confusão de braços e pernas entrelaçados, no mesmo campo de lavandas de antes. Desta vez, não havia labirinto algum. As hastes das plantas eram menores, roçando em seus joelhos e distribuídas como de costume para flores silvestres: de forma completamente aleatória. As nuvens de tempestade estavam de volta, porém suas bordas reluziam.

Os garotos se levantaram.

Do outro lado do campo, um antigo carvalho erguia-se do solo. Era mais imponente e mais alto do que qualquer outra árvore que Fionn já vira. A maioria de seus galhos era voltada para o céu, como os braços musculosos de um guerreiro vitorioso, enquanto outros inclinavam-se para a terra, como se estivessem procurando algo no solo. O tronco era inacreditavelmente grosso, e torcido em tantas direções que parecia haver centenas de rostos entalhados na madeira.

— *Irado* — disseram Fionn e Bartley ao mesmo tempo.

Não havia como discordar de certas coisas. Inimigos ou não.

No chão, em frente à árvore, dois adolescentes encontravam-se lado a lado.

Um deles era Elizabeth Beasley.

O outro era Malachy Boyle.

Embora estivesse décadas mais jovem e com a cabeça cheia de cabelos castanhos, Fionn reconheceu a postura dos ombros do avô, a maneira como ele se apoiava um pouco mais na perna esquerda e o perfil do nariz quando ele virou o rosto para falar algo para Elizabeth.

Os dois encostaram as palmas das mãos no tronco.

O céu se incendiou.

Fionn e Bartley deram um pulo, chocando seus ombros um contra o outro no momento em que um raio desceu das nuvens como um chicote e atingiu a árvore bem no centro.

Malachy e Elizabeth saltaram para trás quando uma fissura longa e escura dividiu o tronco em dois.

A árvore estava em chamas, o fogo se alastrando pela casca e incendiando os galhos, até cobrir todas as suas partes em um dourado radiante e reluzente.

— Isso foi muito mais incrível de ver pessoalmente! — disse Bartley, e por um breve e precioso momento ambos esqueceram sua inimizade e admiraram a árvore em chamas com igual fascinação.

Os galhos balançavam de um lado para outro, querendo se livrar das folhas. O fogo foi se espalhando ao cair na grama, até que Malachy e Elizabeth se encontraram dentro de um círculo de luz dourada.

Fionn não conseguia tirar os olhos daquela cena.

— Eles estão bem?

— É claro que sim, seu idiota. Eles ainda estão vivos no presente, não é?

— Eu estou a *um passo* de chutar você desta camada — alertou Fionn.

O carvalho começou a sussurrar. Era um barulho alto e sibilante, como um sopro de vento e um tremor sob a terra. Os dois aproximaram-se, esticando o pescoço para poderem ouvir por sobre os estalos do fogo.

— *Ffffaale ou escute-me ffffalar.*

— Essa é a parte em que seu avô rouba a dádiva — disse Bartley, amargo. Toda a empolgação havia desaparecido, o senso de aventura e descoberta substituído pelo forte ressentimento que havia entre as famílias. — Minha avó diz que aconteceu num piscar de olhos.

Adiante, Elizabeth Beasley limpou a garganta, e sua voz aguda ecoou pelo campo:

— A tempestade da ilha retornou. O tempo de Maggie Patton está chegando ao fim. Quero saber se eu serei a próxima Guardiã da Tempestade de Arranmore.

Por um longo momento, a árvore permaneceu em silêncio. Elizabeth foi ficando impaciente, batucando a casca com os dedos, seus suspiros cada vez mais longos e barulhentos.

Então, Malachy Boyle caiu de joelhos e começou a tremer. Seus olhos fecharam e seu rosto virou-se para a árvore incendiada, enquanto as sombras das chamas começaram a rastejar por sua pele. O corpo do garoto se contraía e se mexia abruptamente, e Elizabeth começou a gritar.

— O que tá acontecendo com ele? — perguntou Fionn, apavorado.

— O *que tá acontecendo com ele?* — imitou Bartley. — Ele tá roubando a dádiva bem debaixo do nariz da minha avó!

— Malachy! Abre os olhos! — gritou Elizabeth. — Sou eu! Diz que tem que ser eu! Você nem queria isso!

Fionn e Bartley aproximaram-se um pouco, em meio às folhas queimadas e flores silvestres curvadas para a terra em devaneio.

— A ilha não tinha um Guardiã da Tempestade da família Beasley fazia nove gerações — disse Bartley. — O Malachy sabia que era a vez de um herdeiro Beasley, mas não se importou. Ele roubou a dádiva da minha família anos atrás e agora é hora de eu tomá-la de volta!

Então, começou a chover. Pingos grandes e gordos caíam na terra com a força de projéteis.

Fionn mal percebeu. Não conseguia tirar os olhos do avô, que ainda se contorcia no chão como uma serpente. Parecia que sua coluna ia quebrar. Fionn fez uma nota mental de nunca pedir nada a essa árvore.

— Por que você quer isso tanto assim, de qualquer maneira? — perguntou ele. Elizabeth Beasley estava pisoteando o chão de um lado para outro e gritando para a árvore, como se ela tivesse acabado de matar seu cachorro. Fionn podia sentir um pouco desse mesmo desespero em Bartley enquanto ele a observava. — Quer dizer, você *realmente* se importa tanto assim com as velas?

Bartley virou-se para Fionn. Seu rosto cobriu a árvore e as chamas coroaram sua cabeça, criando a ilusão de que seu cabelo estava pegando fogo.

— Você realmente não sabe nada, não é, Boyle? — disse, com desprezo. — O Guardião da Tempestade não faz só velas climáticas. O Guardião da Tempestade *controla os elementos*.

— O quê?

— A ilha despeja a magia dela no Guardião. Ele passa a ter *todas* as dádivas na palma da mão. Ele passa a ter o *poder* da ilha na palma da mão!

Fionn ficou encarando Bartley por um bom tempo, o silêncio sendo preenchido pelos estalos do fogo enquanto a chuva batia em seus rostos. Essa versão de Malachy Boyle não fazia sentido para Fionn. Não conseguia imaginar o avô longe de sua bancada de trabalho, estantes empoeiradas e panelas de cera. Não conseguia sequer conceber a ideia do avô em pé no meio do oceano, como Dagda havia feito, convocando os elementos até ele, empurrando as águas do mar, comandando o vento... Como ele faria isso?

Como ele faz as velas?, disse uma voz em sua mente. *Como ele coloca o tempo na cera?* Isso não é igualmente impossível?

— Por que você acha que todo mundo em Arranmore respeita tanto o Malachy? — disse Bartley, cuspidando gotas de água da chuva. — Acha mesmo que é porque ele passa o tempo todo fazendo velas arcaicas com um monte de temporais inúteis e pores do sol idiotas? — Fionn sequer teve tempo de responder. — Malachy ajuda os habitantes da ilha com as colheitas. Ele

mantém os animais saudáveis. Ele acalma a maré para os pescadores. — Bartley deu um sorriso malicioso. — Mas *essa* tempestade ele não vai poder impedir.

Fionn balançou a cabeça, incrédulo.

— Isso não faz sentido.

Bartley revirou os olhos a tal ponto que suas íris desapareceram.

— O que exatamente não faz sentido pra você, Boyle? A Caverna do Mar, para o que está fora de alcance. Terra — disse ele, irritado. — A Árvore Sussurrante, para o que ainda está por vir. Fogo. — Apontou o polegar por sobre o ombro, como prova. — As *Merrows*, para possíveis invasores. Água. — Bartley estava com a mão levantada entre os dois, contando nos dedos. — Aonbharr, o Cavalo Alado, para perigos inescapáveis. Ar. — Bartley respirou com um arrepio. — E o Guardião da Tempestade. *Para manipular os elementos em nome de Dagda!*

Para *manipular*.

Não para registrar. Mas para *manipular*.

Para *comandar*.

— Acho que eu saberia, se meu avô fosse tão poderoso assim — disse Fionn, incerto.

Bartley arqueou a sobrancelha.

— Saberia mesmo?

— Por que ele esconderia isso? — rebateu Fionn, sentindo-se ainda mais inseguro.

— Porque o Malachy Boyle é um velho de mente limitada que tem medo do passado — disse Bartley, como se fosse a coisa mais óbvia do mundo. Fionn podia praticamente ouvir a voz de Elizabeth Beasley saindo por entre aqueles lábios finos e estúpidos. — Você não percebe como a vida seria muito melhor se a gente parasse de esconder a magia de Dagda? Se a gente saísse de trás das cortinas de uma vez por todas? — Quanto mais Bartley falava, mais intensamente queimava sua coroa de chamas e mais furioso ficava seu olhar. Apontou o dedo para a Árvore Sussurrante. — Pense em todas as coisas que eu poderia fazer. Eu seria um rei. E não só aqui, mas fora de Arranmore também. As pessoas iriam me amar! O mundo inteiro passaria a conhecer o nome

Beasley. Não seríamos mais deixados de lado, sem poder fazer nada enquanto os Boyle desperdiçam a *nossa* dádiva.

Bartley começava a soar mais e mais como sua avó. Ela havia entranhado essa ideia na cabeça do garoto tão profundamente, que ele não conseguia enxergar o quanto parecia ridículo.

— Você tá parecendo um louco — disse Fionn, afastando-se.

No entanto, conseguia imaginar perfeitamente. Bartley faria de si mesmo todo poderoso, e pessoas como Alva Cannon e Donal teriam que obedecê-lo. Ele tornaria a vida de todos miserável, tudo em nome da esquecida glória dos Beasley. Fora as implicações maiores: o segredo sendo revelado para o mundo inteiro. Os seguidores de Morrigan voltando aos montes em busca de suas almas esquecidas.

— A magia não existe pra ficar se exibindo — disse Fionn. — Ela existe para proteger a ilha! Temos uma feiticeira maligna enterrada aqui!

Bartley revirou os olhos.

— A Morrigan sequer se mexeu em centenas de anos! O passado está morto e enterrado. Os Beasley são o futuro, e Ivan vai me ajudar a garantir isso!

— *Ivan*? — disse Fionn. — Você nem conhece ele!

— Ele é um primo perdido há muito tempo — disse Bartley, na defensiva.

— Está mais pra um mentiroso perdido. Ele não se parece em *nada* com nenhum de vocês. E eu também nunca ouvi aquele sotaque antes!

— Você só está com inveja porque ele está do *meu* lado — provocou Bartley. — Ele nos mostrou a árvore genealógica da família.

Fionn estava quase arrancando os cabelos.

— Isso não significa que ele é quem diz ser! E se ele não for? E se for um Caçador de Almas?

Bartley bufou.

— Você é mais paranoico que seu avô, Boyle.

— E você é mais burro do que eu pensava — rebateu Fionn. — O que é realmente algo extraordinário.

— Se o Ivan não é um Beasley, então por que ele me contou onde encontrar a Caverna do Mar?

Fionn ficou boquiaberto.

— Isso mesmo — disse ele, arrogante. — Ele passou a vida toda estudando essa ilha. Só levou dois dias pra descobrir. Agora tudo que eu preciso fazer é chegar lá.

— Se o Ivan realmente é um descendente, por que ele não pega o desejo pra si mesmo?

— Porque ele quer que *eu* seja o próximo Guardião da Tempestade. Ele sabe que eu sou capaz de botar o nome Beasley de volta no mapa! — disse Bartley, com os olhos brilhando. A chuva havia apertado bastante, mas ele parecia não se importar. — Fui treinado desde que nasci pra ter essa responsabilidade. Eu vou ser o próximo Guardião da Tempestade de Arranmore, e você não pode me impedir!

— *Vai vendo* — respondeu Fionn.

Bartley segurou Fionn com mais força, seus dedos ardendo na pele do garoto. Ele olhou para o céu turbulento.

— É essa tempestade que está a caminho da gente. Acha mesmo que a ilha vai escolher você? Um *covarde*?

— Eu não sou covarde! — mentiu Fionn. — E talvez não seja nenhum de nós dois! Pode ser a Tara, ou a Shelby, ou um monte de outras pessoas... — Fionn deixou seu pensamento morrer.

Bartley sorriu, mostrando os dentes de um jeito aterrorizante.

— Não se engane, Boyle. Eu vou entrar na Caverna do Mar antes da tempestade chegar e vou fazer o desejo. E *aí*, você vai ver do que eu sou capaz sem o seu avô idiota no...

Fionn o empurrou com tanta força que Bartley soltou seu braço e caiu tropeçando para trás.

— Boa sorte com isso!

— Boyle...

O ar engoliu o garoto, produzindo um leve estalo e tremeluzindo ao seu redor, até que a ilha o catapultou a uma versão diferente de si.

Fionn sentiu-se melhor na hora.

Se ao menos eu pudesse fazer isso sempre.

Ficou sozinho com o toco da vela, em frente à velha árvore em chamas do outro lado do campo. Elizabeth Beasley estava de braços cruzados rodeando

seu avô.

Fionn caminhou até ela cuidadosamente, ansioso para investigar. Podia sentir o cheiro de amargura no ar, mas não sabia se vinha de Elizabeth ou de Bartley... ou talvez de si mesmo.

Elizabeth plantou seu sapato no peito de Malachy e o pressionou, como se fosse um botão.

— Ei! — gritou Fionn. — Para com isso!

A garota cambaleou para trás, seus olhos hostis brilhando ao encará-lo diretamente.

— Boyle — sibilou. — Me diga! Sou eu?

Fionn olhou fixamente para ela por um instante, então despejou sua raiva na forma de três palavras:

— *Nunca* será você.

Elizabeth partiu em sua direção.

Fionn soprou a vela.

Faz muito tempo desde a última vez que te vi, Fionn Boyle. Muito tempo mesmo.

A ilha inspirou profundamente, e Elizabeth Beasley desapareceu diante de seus olhos, levando consigo a árvore em chamas e seu olhar igualmente flamejante.

Nunca será você.



CAPÍTULO DOZE

A MEDALHA DO REI

Fionn levou quase uma hora para chegar em casa, retracando seus passos enquanto o sol derretia a ilha em um mar ardente. Quando chegou em *Tír na nÓg*, se esforçou ao máximo para ignorar as fileiras de corvos acomodados no telhado. Aproximou-se lentamente da entrada e marchou pelo pequeno corredor, batendo a porta atrás de si.

— Eu tenho muitas coisas para te dizer.

O avô estava debruçado em sua bancada de trabalho, remexendo uma poça de cera.

— Eu sei.

— O quanto exatamente você sabe?

— Praticamente tudo — afirmou ele, refletindo. — Embora, preciso confessar, eu não tenha a menor ideia de onde foi parar a pilota famosa Amelia Earhart e seu avião.

Fionn respirou fundo, conjurou toda a sua frustração, e então desencadeou a tempestade que vinha se formando dentro dele desde o momento em que desceu da balsa.

— Quando é que você vai começar a me contar as coisas que eu preciso saber? Ou não sou importante o suficiente pra ficar sabendo dos segredos da minha própria família?

O avô olhou para o garoto por sobre o aro de seus óculos.

— De onde você tirou essa ideia?

— Da sua completa falta de respeito comigo! — gritou Fionn. — Será que eu estou condenado a aprender todos os fatos sobre essa ilha e sobre *você* através de um Beasley?! — Cerrou os punhos com tanta força que suas unhas fincavam as palmas da mão. — Você roubou a dádiva de Guardião da Tempestade da Elizabeth Beasley?

O avô apoiou as mãos na beirada da bancada.

— Bom, sem dúvida você herdou o temperamento da sua avó.

— Eu estou prestes a arrancar meus cabelos.

O velho deu uma batidinha no topo da própria cabeça.

— Cuidado. Pode não voltar a crescer.

— Vô!

— Tá bem, tá bem — disse ele, adotando um mínimo de seriedade. — A verdade é que essa questão nunca esteve nas minhas mãos, nem nas de Elizabeth. O Guardião da Tempestade é escolhido para proteger a ilha e, por conseguinte, o restante do mundo contra Morrigan. A *ilha* escolhe a melhor pessoa para cumprir essa tarefa. Alguém capaz de liderar os ilhéus contra a Morrigan, se um dia for necessário. Essa pessoa pode ser qualquer indivíduo de qualquer das cinco linhagens. A ilha não faz revezamento.

— Bom, o Bartley discorda — disse Fionn, enfaticamente. — Ele acha que o próximo Guardião da Tempestade tem que ser um Beasley e vai usar o desejo da Caverna do Mar pra se certificar disso.

O avô franziu o cenho, acentuando suas rugas em torno da boca.

— Os Beasley sempre quiseram usar as dádivas para favorecer a si mesmos. Eles não temem a Morrigan como deveriam.

Fionn ficou arrepiado com a lembrança daquele olhar penetrante.

Os olhos flamejantes de Elizabeth Beasley também brotaram em sua mente.

Nunca será você.

Agora tinha sido uma humana a vê-lo nas dobras do passado.

— Elizabeth Beasley me viu dentro de uma memória hoje.

— Ah — disse o avô, formando um V profundo nas linhas de sua testa. — Pelo visto, você não é tão invisível quanto o resto de nós.

— Por que não? — perguntou Fionn, cada vez mais desconsolado.

O avô processou seus pensamentos.

— Acredito que a resposta possa estar no seu encontro com Dagda. Mas confesso que não tenho a menor ideia do exato motivo — disse ele, franzindo ainda mais a testa.

Os ombros de Fionn haviam se contraído até a metade do pescoço. Ele lembrou-se do choque que seus dedos levaram ao encostar em Dagda, da estranha e perfurante sensação de calor que o havia tornado carne e osso diante de Morrigan. Será que aquilo ainda estava dentro dele?

— Elizabeth me disse que viu um garoto estranho igualzinho a mim, perto da Árvore Sussurrante, quando a visitamos juntos muito tempo atrás — prosseguiu o avô, recapitulando a história mais para si mesmo do que para o neto. — Eu achava que era o Cormac que ela tinha avistado. Bom, agora sabemos a resposta.

Fionn não gostava de como tudo parecia envolver os Beasley de alguma forma, e de como eles pouco se importavam com a maior ameaça a Arranmore. Como estavam próximos de roubar a proteção mais importante da ilha.

— Bartley disse que eles já sabem onde fica a Caverna do Mar.

— A Caverna do Mar é muito elusiva — disse o avô. — É extremamente difícil encontrar um jeito de descer até ela, mesmo sabendo onde procurar.

Fionn relaxou um pouco a coluna.

— Ótimo.

O avô levou a mão ao próprio queixo.

— Desculpe, Fionn — disse ele, suspirando. — Fiz você se sentir desimportante, e isso não poderia estar mais distante da verdade. Achava que seria melhor você se acostumar com a ilha e suas peculiaridades antes de saber do meu papel aqui. Mas, ao tentar não te sobrecarregar, deixei você no escuro. E aqui, mais do que em qualquer outro lugar, o escuro é um local muito perturbador para se estar.

Fionn desfez o nó em sua garganta.

— Sim, é mesmo — disse ele, um pouco rouco. — Pelo menos estamos falando a mesma língua agora.

— Com toda certeza — respondeu o avô, solenemente.

Fionn agachou-se para se sentar no banquinho em frente ao avô, deslizando os cotovelos na bancada e estudando o velho de perto.

— Você consegue mesmo controlar o clima? — perguntou, desconfiado.

— Raramente. E só para o bem da ilha. Era bem útil quando eu trabalhava nos barcos salva-vidas. — Fionn ficou boquiaberto, perplexo com a simplicidade do avô ao admitir que possuía um poder tão além da compreensão. — Eu procuro não o alterar muito, no entanto.

— Mas... *pra quê?* — perguntou Fionn, gaguejando. — Você não prefere usá-lo?

O avô remexeu-se para trás no banco, batucando os dedos na mesa.

— O que você acha que eu deveria fazer, Fionn? Lançar raios do topo de arranha-céus? Viajar pelo mundo exigindo dinheiro e favores, como o Bartley Beasley faria?

Fionn não teve que pensar muito em uma resposta.

— Não, mas você podia lançar um temporal pra cima dele. Ou trancá-lo num palácio de gelo. Ou arremessá-lo dentro de um furacão interminável.

O avô bufou.

— Como sempre, você é um pilar de maturidade.

— Como você faz as velas? De onde vem a magia?

— Acho que essa é uma conversa para outra hora, Fionn. — O avô juntou as mãos e levantou a cabeça. — Agora que você já sabe quem eu sou, temos que discutir a questão do próximo Guardião da Tempestade.

— Eu quero falar sobre as velas.

— Não. Você quer falar sobre a magia do Guardião da Tempestade — retrucou o avô. — E isso vai depender de quem será o próximo Guardião.

— Achei que estivéssemos falando a mesma língua — disse Fionn, novamente frustrado.

— E estamos, mas ainda temos sotaques diferentes.

Fionn curvou-se em seu assento, derrotado. Às vezes sentia que o avô tinha prazer em ser tão irritante.

— Tá bom. Vamos falar do próximo Guardião da Tempestade. Eu obviamente não acho que deva ser o Bartley.

— Eu também não — disse o avô, tirando poeira das mãos. — Agora que isso foi resolvido, vamos ao próximo item da lista.

— Você quer que seja eu? — perguntou Fionn, preocupado. — Parece ser muita pressão...

O sorriso de seu avô nesse momento foi sinistro.

— Responsabilidade e poder, em porções iguais. *Você* quer ser o próximo Guardião da Tempestade, Fionn?

Poder.

Fionn ficou paralisado. Ser o guardião daquele lugar antigo e selvagem significaria aprender sobre nevascas em vez de como fazer uma divisão longa, sobre a composição dos arcos-íris em vez de poemas acrósticos. Todos na ilha saberiam seu nome. Ele faria parte de uma tribo minúscula, unida sob o seu céu, com a obrigação de proteger os demais contra a escuridão. Os elementos estariam na palma de sua mão. Terra, Fogo, Ar e Água.

A magia do Guardião da Tempestade. Ele poderia utilizá-la como bem quisesse.

Já tinha visto o que ela era capaz de fazer, e naquele momento a desejou intensamente.

Mas então, lembrou-se de Morrigan. A marca deixada pela mão da feiticeira em seu coração.

E se ela retornasse para valer?

Sentiu um aperto no peito.

— Acho que eu não sou bom o bastante — disse, enfim. — Sou um Boyle que mal consegue olhar para o mar sem ficar enjoado. A ilha vai descobrir isso logo, logo, se é que já não descobriu. — Deu um sorriso melancólico. — Não sou corajoso o bastante pra ser um Guardião da Tempestade.

Fionn traçou as linhas da bancada com o dedo. A decisão havia flutuado para longe de suas mãos e voltado à terra das impossibilidades, como espuma marinha dispersa pelo vento. Deixou para trás uma dor no centro de seu peito;

esse destino pelo qual valia a pena lutar, algo muito maior do que sua vidinha solitária.

O avô franziu a testa para ele.

— E por que você tem tanta certeza disso?

— Porque até o meu pai não era corajoso o bastante — disse Fionn, baixinho. — E ele era *muito* corajoso. Até a Elizabeth Beasley achava.

Essa era a verdade nua e crua.

O pai de Fionn havia se afogado na costa de Arranmore durante uma das piores tempestades da história da ilha. Os detalhes eram um tanto vagos porque Cormac não sobreviveu para contar a história, mas, em algum momento durante a tarde, ele zarpou sozinho em um dos barcos salva-vidas. A tempestade apertou, e seu barco ficou encalhado após bater contra as rochas. Então, o mar o engoliu. Ninguém se lembra de nenhuma chamada de emergência ter sido feita, e ninguém foi dado como desaparecido depois do evento. Quando o funeral de Cormac Boyle finalmente aconteceu, a mãe de Fionn já estava na balsa a caminho do continente, com Tara no colo e Fionn ainda na barriga. Depois disso, nunca voltou a pisar em Arranmore.

As unhas de Fionn haviam formado meias-luas em suas palmas.

— Bartley disse que um novo Guardiã é escolhido durante uma tempestade. É assim que funciona. A ilha fica agitada, prepara uma tempestade por conta própria, e então a dádiva é passada à geração seguinte.

— Isso — confirmou seu avô.

Fionn sentiu uma tristeza profunda.

— Bom, então aquele resgate deve ter sido algum tipo de teste. E meu pai falhou. Do contrário, ele estaria aqui com a gente. *Ele* seria o Guardiã da Tempestade.

O avô coçou o queixo, estreitando as linhas de seu rosto até fazer uma careta.

— Aquela tempestade foi tão forte que suas extremidades estavam reluzindo. Sim, nós achávamos que seria o advento de um novo Guardiã da Tempestade. Seu pai tinha visitado a Árvore Sussurrante duas semanas antes da tempestade. Achei que ela tivesse confirmado o que todos suspeitávamos: que seria ele. Mas estávamos errados, Fionn. Ninguém sabe o que a Árvore

mostrou ao Cormac. Ele levou esse segredo consigo, no final. — O avô limpou a garganta, rouco. — Seu pai foi a pessoa mais corajosa que eu já conheci. A ilha saberia disso, mais do que qualquer um. Ela não precisava testá-lo.

— Então ele morreu por nada.

Essa era a manifestação da pior parte de Fionn, de suas sombras e espinhos. E embora aquilo fosse triste e doloroso, ele sentiu um pouco de alívio em poder finalmente falar sobre a injustiça de ter perdido o pai sem nunca o conhecer. De poder falar sem ter medo de aborrecer sua mãe ou fazer com que ela tivesse um episódio ruim que a deixasse trancada em seu quarto durante dias.

— Por que ele partiu naquele barco sozinho?

— Não sei — admitiu o avô, e Fionn sentiu que finalmente teve uma vitória naquela conversa. Não foi uma sensação que o aqueceu, no entanto, mas sim fria e pegajosa, como um chiclete na sola do sapato.

Não conseguia se desvencilhar da imagem de sua mãe lutando contra o mar. Naquele momento, quando a realidade da morte do pai emergiu em torno deles como uma nuvem de vapor, Fionn não conseguiu acreditar que uma ilha tão mágica pudesse também ser tão cruel.

— Ela alguma vez já deu algo de volta? — perguntou ele, amargo.

— Bom... Certa vez, muito, muito tempo atrás, quando eu era ainda mais novo do que você, o mar também tirou meu pai de mim. Mas, naquela ocasião, a ilha o devolveu.

As palavras o atingiram como um soco no estômago. Fionn ficou surpreso com a rapidez com que as lágrimas eclodiram. Elas escorreram por suas bochechas como se disputassem uma corrida, pingando dentro da gola de seu suéter. Era como se alguém estivesse despejando tudo que havia dentro dele. Seu avô havia pedido o pai de volta, e o mar concedera seu desejo. Doze anos atrás, sua mãe fizera o mesmo, mas a ilha deu as costas para ela.

O avô continuou falando enquanto Fionn recolhia os cacos de si mesmo e tentava se recompor.

— Foi em dezembro de 1940. O tempo nunca esteve tão ruim. Não eram só os ventos, com a força de um furacão, mas granizo, neve e gelo também. Era algo muito além do controle da Guardiã da Tempestade. O temporal veio do

norte e tirou um navio de carga holandês de sua rota, com destino a Liverpool. — O avô indicou o tamanho do navio alargando a distância entre uma mão e outra, e então esticou-as por cima da cabeça como se estivesse bocejando. — Ele colidiu com umas rochas a várias milhas da costa de Arranmore.

As sobranceiras do velho se juntaram, e Fionn teve a impressão de que ele estava viajando no tempo dentro de sua mente, tentando costurar a memória.

— O navio se chamava *SS Stolwijk* — disse ele. — E na hora em que meu pai e seus companheiros salva-vidas receberam o chamado de emergência, dez tripulantes já haviam se afogado e muitos outros estavam no mar revolto, dando tudo de si para sobreviver.

Fionn sentiu um calafrio. Ele conseguia imaginar nitidamente: um navio enorme virado de cabeça para baixo sob um céu tempestuoso, e marinheiros saindo de dentro dele freneticamente, como se fossem suas vísceras.

— O barco salva-vidas de Arranmore era a última esperança do *SS Stolwijk*. — Dessa vez, o avô aproximou os dedos até sobrarem apenas dois centímetros entre eles. — O barco salva-vidas era pequeno, não era feito para velejar em meio a ventos daquela velocidade, e seu motor também não era apropriado para uma tarefa daquela magnitude. Era uma missão suicida, Fionn. E todo mundo na ilha sabia disso. Mas quem trabalha nos barcos salva-vidas de Arranmore faz um juramento — disse o avô. — Um juramento de colocar as vidas dos que estão em perigo à frente da própria. Você tem que ir, mesmo com medo. Mesmo achando que não vai conseguir voltar.

Fionn olhou para baixo. Para ele, o juramento era como grilhões em seus tornozelos, acorrentando-o a um mar agitado. Ele não conseguia se imaginar comprometendo a própria vida daquela maneira, como seu pai e seu avô haviam feito antes dele.

— Quando receberam o chamado naquele dia gélido de dezembro, cada um deles teve que tomar uma decisão, Fionn. — O avô o encarou, o azul de seus olhos ganhando vida com a lembrança do mar violento. — Ficar com suas famílias na ilha e aguardar o fim da pior tempestade que já tinham visto...

— Ou ir — completou Fionn, baixinho. — Apesar do medo.

Ir, como seu pai fizera no dia em que a tempestade o levou.

O avô assentiu.

— Eles foram. Todos os nove.

Fionn limpou as teias de aranha que se formavam na garganta. As lágrimas tinham dado trégua, mas ele ainda podia sentir o formigamento embaixo das bochechas, os batimentos desesperados de seu coração.

— Às 6h30 da manhã eles passaram pela primeira onda, e logo em seguida atravessaram a segunda, na saída do porto. Pelo resto do dia e da noite, as mulheres da ilha andaram de uma ponta da praia até a outra vestidas de preto.

— Como você os trouxe de volta? Você foi na Caverna do Mar?

Os olhos do avô cintilaram.

— Nossa Guardiã, Maggie Patton, nos guiou até a Caverna do Mar. A ilha foi gentil conosco naquele dia.

— A ilha os trouxe para casa — disse Fionn, suspirando.

— Depois de um longo e sofrido resgate, eles chegaram ao porto. — O avô balançou a cabeça, como se ainda não conseguisse acreditar. Seus olhos brilhavam com um tipo de fascinação que Fionn só podia imaginar; a sensação satisfatória de algo finalmente dar certo. — A tripulação do barco salva-vidas resgatou dezoito marinheiros holandeses e os levou de volta ao continente. Depois disso, a rainha Guilhermina da Holanda condecorou todos os nove tripulantes com medalhas de bravura por sua valentia. A *Royal National Lifeboat Institution*, uma instituição que resgata pessoas do mar, também premiou os homens com medalhas de bravura. — Ele inclinou-se para frente, e Fionn imitou seu movimento sem nem perceber. O branco dos olhos do avô brilhava ainda mais claro na penumbra, e o sorriso em seu rosto era o mais amplo que Fionn já tinha visto. — O rei George IV era patrono da RNLI, então gosto de pensar que ganharam uma medalha do rei também.

Bravura. Não era o tipo de palavra que só existia em contos de fadas?

O avô levantou-se, erguendo o dedo indicador como se pedisse silêncio, embora Fionn não estivesse falando nada.

— Espere aqui! — O velho retornou quase que imediatamente. — Estenda a mão.

O avô largou uma medalha de bronze na palma de sua mão. Não era muito maior do que uma moeda de dois euros, porém era muito mais pesada do que parecia. Fionn a levantou contra o luar, sentindo seu cheiro na mesma hora.

Era forte e metálico, com um toque terroso nas beiradas. Dava para ver que a medalha era viajada, que tinha passado por muitos bolsos e armários ao longo dos anos. Ela era estranhamente reluzente para seu tempo de vida, e exibia a gravura de um resgate marítimo na face da frente. Embaixo, as palavras: *Não permita que as profundezas me engulam.*

Fionn traçou o contorno da medalha com o polegar.

— A medalha do seu pai — disse o menino.

— E agora ela é sua.

O banco rangeu quando o avô sentou-se novamente. O quintal estava escuro, mas a lua ia ascendendo lentamente no céu, irradiando sua luz. Os pássaros tinham ido embora, e Fionn ficou contente com a privacidade.

— Eu ia dar a medalha para o seu pai, mas, bem... — Fionn não ousou piscar, receoso de que as lágrimas escondidas sob suas pálpebras comesçassem a escorrer de novo. — É tarde demais para desejá-lo de volta, rapaz — continuou o avô, medindo suas palavras com cuidado para não partir o coração do neto. — Se era isso que você estava pensando em pedir na Caverna do Mar. Nem mesmo Dagda era capaz de levantar os mortos.

Fionn segurou a medalha com força em seu punho, e apertou e apertou até a dor em sua mão tornar-se mais forte do que a dor em seu peito.

— Seu pai fez o juramento, Fionn. Ele sabia como tudo poderia terminar. E por todo o tempo que estive ao seu lado, ele sempre foi o mais corajoso de nós todos.

— Mas ele não esteve em um naufrágio. Ele terminou sem uma história.

— Você é a história dele, Fionn. Você e Tara. E sua mãe. E eu. Enquanto houver alguém que se lembre de você, você continuará vivo, assim como sua história. Essa é uma das maravilhas de Arranmore. A ilha nunca esquece.

Fionn abriu a mão e liberou o calor acumulado dentro dela.

— Eu não mereço isso aqui, vô. — Colocou a medalha em cima da bancada, pensando nas palavras de Elizabeth Beasley quando estavam ao lado da igreja. — Eu não tenho o mar nos meus olhos.

O brilho da lua estava passando por entre uma nuvem que se partira, lançando um foco de luz no topo da careca do avô. Ele deslizou a medalha de volta ao garoto.

— Bravura é simplesmente se esquecer de sentir medo, Fionn. Nada mais. Nada menos. — Deu uma batidinha na medalha. — Você não precisa usá-la. Coloque-a debaixo do travesseiro, se preferir.

— Pra quê? Para a Fada do Mar me visitar?

O garoto deu uma risada e o vento rodopiou em torno dos dois, bagunçando o cabelo de Fionn como se também estivesse rindo.

— Nunca se sabe — disse o avô, dando uma piscadela.



CAPÍTULO TREZE

A FADA DO MAR

Muito antes da meia-noite, Fionn mergulhou em um sonho no qual o mar subia as falésias e cuspiam suas vísceras na terra. Merrows com caudas ensanguentadas e dentes pretos agarravam seus tornozelos, cantando enquanto descascavam suas escamas e as colavam na pele do garoto. Não permita que as profundezas me engulam, gemiam elas, enquanto medalhas de bronze caíam de suas bocas enormes. Não permita que as profundezas me engulam.

— Ei! — Uma voz distante ecoou.

As Merrows começaram a bruxulear, acendendo e apagando feito hologramas. Um lamento familiar se fez ouvir, e o sonho começou a mudar conforme a canção da mulher da ilha era carregada ao vento na sua direção.

Venha até mim, valente Boyle,

E veja a magia que eu posso tecer.

Dessa vez ele ouviu as palavras nitidamente, a melodia arqueando-se enquanto ele descia a falésia em busca da voz.

Venha visitar-me sob o solo.

E me deseje de volta junto a você.

— Fionn! — O garoto acordou com um susto, deparando-se com o nariz do avô a menos de três centímetros do seu. — Hora de acordar, seu tempestinho!

Fionn resmungou. Seus braços e pernas estavam esplendidamente pesados, e os lençóis ao seu redor pareciam areia movediça.

O avô ficou quicando, sentado na lateral da cama.

— Pronto para uma aventura?

— Não estou interessado — respondeu Fionn, virando de lado.

O avô arrancou as cobertas de cima dele, no que Fionn soltou um ganido. O quarto estava *congelante*, seus pijamas leves demais para conter o frio súbito do despertar indesejado.

— Devolve meu edredom!

O avô pulou para longe da cama, puxando Fionn consigo. Guiou o neto para fora do quarto tagarelando a todo volume, apesar de Tara ainda estar dormindo atrás deles.

— Olá! Meu nome é Malachy Boyle, e eu serei sua Fada do Mar esta noite!

— Ele ainda trajava seu pijama e mocassins que faziam seus passos ecoarem por todo o corredor sem iluminação, onde as velas os observavam em silêncio, curiosas. — Por favor, mantenha os braços e as pernas dentro da embarcação o tempo todo.

— Que embarcação? — perguntou Fionn, para as costas do avô.

O avô foi assobiando desafinado uma música, parando apenas para se certificar de que Fionn ia calçar seus tênis na cozinha.

— Amarre bem os cadarços, rapaz.

Pegou uma boina cinza no cabideiro ao lado da porta de entrada e assoprou para tirar a camada de poeira que a cobria. Várias partículas saíram voando em espiral pelo ar, iluminadas pela vela sobre a lareira.

Ainda semiacordado e, portanto, excepcionalmente obediente, Fionn agachou-se para amarrar os cadarços.

— Por quê? — perguntou ele. — O que aconteceu?

O avô sacou uma vela do bolso do pijama e a balançou para frente e para trás.

— Passei a noite toda procurando essa tempestade — disse ele, triunfante.

— Ela tinha caído dentro de um dos meus sapatos!

Fionn levantou-se com um salto e tentou tirar a vela da mão do avô.

— Não! — exclamou o menino.

O velho deu um pulinho para trás.

— Cuidado, ou a Maggie Patton vai voltar pra nos assombrar! Ela teve que dormir por trinta e seis horas depois de registrar essa aqui!

Fionn sabia exatamente por quê.

A vela era comprida, espessa e perfeitamente redonda. Era de um azul tão voltado para cinza quanto para verde, praticamente transparente em algumas partes e turva na base, em que o sedimento se acumularia em um oceano. Fionn podia sentir seu cheiro perfeitamente; mesmo apagada, o aroma se prendia ao interior de suas narinas. Era madeira molhada de chuva e as velas surradas de um navio, os chamados exaustos de homens agitados, cobertos de algas marinhas, dentro de uma onda de sal e água do mar. Eram lâminas de chuva congelante e o grito ardente de um raio atingindo o mar. Era perigo, aventura, terror e esperança, todos ao mesmo tempo, e com um odor escancaradamente acre.

O avô foi puxando Fionn para fora do chalé, até o jardim. Com um olhar triunfante, ele colocou a vela entre os dentes, entrelaçou seus dedos com os do neto e levou a chama ao pavio da vela em cujo rótulo lia-se O SS *Stolwijk*. Ela ganhou vida, e a porta fechou-se atrás deles.

Uma brisa saiu de dentro do chalé como uma onda e formou um enorme círculo. Todas as coisas ao redor de Fionn — os arbustos, as árvores, a grama e as flores — inclinaram a cabeça para a terra e curvaram-se para o Guardiã da Tempestade de Arranmore.

O portão para *Tír na nÓg* se abriu com um rangido.

— Vamos lá! — disse ele com a voz carregada de entusiasmo, que os impulsionou promontório abaixo quando ele tirou a vela de entre os dentes. Brandiu-a bem alto, a chama acenando para a lua sem parar, como se dissesse: *Oi. Lembra de mim?*

— Vô! — gritou Fionn, sendo empurrado pelo vento impacientemente. — Você tá indo rápido demais!

— Joelhos para cima, rapaz! — gritou o avô de volta, levando seus próprios joelhos à altura do peito com cada passada. — Isso mesmo, muito bem!

Levante-os ainda mais! Assim mesmo! Ótimo! Excelente! Vamos mostrar para a ilha como você pode ser corajoso!

Os dois seguiram correndo pelo promontório enquanto as estrelas explodiam acima deles, e a lua nadava pelo céu, partindo a escuridão.

— Mais rápido! — exclamou o avô, e o vento bateu contra as costas de Fionn, ajudando-o a seguir em frente.

— Eu vou ficar enjoado! — berrou o garoto, puxando a roupa do avô para que ele desacelerasse.

A ilha passava voando a uma velocidade alarmante, as casas e árvores desaparecendo sob a terra.

— Quando maior a tempestade, mais rápido a vela queima — gritou o avô. — O tempo não espera ninguém! Nem mesmo os Boyle! — O velho soltou um berro empolgado quando mais uma camada da ilha se sobrepôs a eles, aos poucos dando forma à memória. — Quase lá, rapaz! Temos que chegar no píer antes do amanhecer!

Fionn estava sentindo uma pontada terrível no lado do peito.

— A gente. Pode. Apagar. A vela? — pediu ele, ofegante. — Por favor!

— Não existe medo envolvido no fazer! — As palavras do avô fluíam sem nenhum tipo de cansaço. Sua respiração era perfeitamente regular enquanto ele corria, brandindo a vela acima de si como uma tocha olímpica. — Só existe medo no antes, Fionn, e isso aqui é o antes!

— Se acha que isso vai mudar alguma coisa, você está errado! — gritou Fionn. — Já disse que não sou corajoso!

— Besteira! Como é possível saber quem você é verdadeiramente, antes de descobrir de onde você veio? — A calça azul e branca do pijama do avô já estava acima de seus tornozelos, e a camisa do pijama batia ao vento atrás dele como uma capa. — Cuidado com a raiz dessa árvore!

No exato momento em que o avô avisou, uma árvore brotou do chão. Ele pulou, passando por ela sem esforço algum, como uma gazela em um programa sobre natureza. Fionn, por sua vez, tropeçou.

O avô levantou o garoto pelo braço e o arrastou adiante.

— Eu disse para ter cuidado!

— Como você sabia que isso ia acontecer? — perguntou Fionn, arquejando. Logo em seguida, o garoto foi puxado bruscamente para a direita, saindo do trajeto de uma velha carruagem de madeira que havia surgido do nada, subindo o morro e quase atropelando o garoto.

— Exatamente como eu suspeitava! — O avô balançou a vela de um lado para outro, seus olhos cintilantes de alegria. — Eles não conseguem ver você se a vela não estiver nas suas mãos! Nossa viagem continua!

Fionn apertou os dedos do avô com ainda mais força, tentando acompanhar seu ritmo.

— Como você descobriu isso?

— Usei minha intuição de gênio! — A risada do velho voou, unindo-se ao vento. Eram a ilha e seu Guardião trabalhando em conjunto. — Eu não me aventuro assim faz muito tempo, Fionn. Tinha me esquecido de como era esse cheiro!

Para Fionn, era um cheiro repentino e desconcertante de esterco. As camadas continuavam se sobrepondo e, entre elas, Fionn pôde enxergar cavalos de carga com cascos largos, homens com chapéus estranhos e jornais de tamanho exagerado, e senhoras vestindo xales, carregando cestas para cima e para baixo do promontório.

Em um instante, o píer surgiu diante dos dois. A manhã havia chegado rapidamente e trouxera o inverno consigo. Os dentes de Fionn tremiam, e ele não conseguia sentir as pontas dos dedos nem o nariz. Acima, o céu era escuro, com uma coloração cinzenta, e mar adentro, para além do porto, as nuvens esbravejavam.

A memória havia se cristalizado. Ela tinha cheiro de trovão e chuva, e para Fionn parecia menos uma aventura, e mais uma fera rosnando.

Tentou puxar o avô para trás.

— Já chega! — gritou, quase tropeçando em si mesmo ao correr pelo extenso píer de madeira. — A gente não devia estar aqui! Não é seguro!

O avô reagiu gargalhando, e todos os pássaros grasnaram com ele.

— Isso é seu medo falando, rapaz! Eu já disse, não vai existir medo no fazer!

Na ponta do píer, um grupo de mulheres e crianças se amontoava em torno de um barco salva-vidas de madeira, abraçando os homens que estavam prestes

a embarcar. O coração de Fionn foi parar em sua garganta. A embarcação estava mais para uma canoa gigante do que um navio capaz de salvar qualquer coisa. Os homens vestiam capas de chuva pretas que pareciam lona encerada, galochas e chapéus impermeáveis, com abas tão grandes que elas escondiam seus rostos. Fionn não sabia identificar se estavam com medo ou não.

As crianças no píer choravam.

— Não, não, não, não, não, não — implorou Fionn ao avô. — Qualquer coisa, menos o barco. Eu não posso chegar perto da água!

O tempo engasgou novamente. A massa de pessoas que se despediam dividiu-se em duas, e o avô de Fionn correu exatamente entre elas. Ninguém percebeu os dois passando às pressas de pijama, nem mesmo o menininho com grandes olhos azuis que quase foi derrubado na água quando o avô se lançou para fora do píer.

Fionn tropeçou para dentro do barco salva-vidas depois dele e o tempo moveu os dois para longe da ilha. O barco se sacudia de um lado para o outro conforme os homens se dispersavam para lados opostos do mastro. Fionn se esforçou para manter-se no mesmo passo que o avô, até que os dois ficaram encolhidos juntos bem na popa do barco, o menino com um dos braços envolvendo firmemente a corrente da âncora, para o caso de o vento derrubá-los ao mar.

— Você quase matou aquela criança lá atrás! — berrou Fionn, por cima do barulho furioso do mar.

O avô deu uma risada, totalmente despreocupado com os gritos de pânico dos homens que marchavam de um lado ao outro do convés, tentando guiar o barco em direção ao mar.

— Aquele menininho era eu! — Sua risada saiu um pouco mais ofegante dessa vez, resfriada pela água congelante que empoçava entre os dedos de seus pés. — Devo ter achado que era o vento!

Uma onda violenta bateu contra o casco do barco, tombando-o para o lado. Fionn agarrou-se à corrente da âncora e gritou, enquanto um dos salva-vidas inclinava-se sobre ele e puxava a vela de volta à sua posição. O mastro quase acertou seu ombro, mas o garoto abaixou-se bem a tempo, enfiando a cabeça entre os joelhos.

O avô apertou sua mão, puxando-o para perto até os dois ficarem totalmente colados, em uma mistura disparatada de braços e pernas em pijamas encharcados. A vela resistia bravamente, ainda acesa entre eles.

— Deixe que eu seguro a vela, rapaz — disse o avô, piscando um olho para o menino. — Acho que todos os homens neste barco teriam um piripaque se um garoto de onze anos aparecesse do nada em meio a eles.

Fionn estava feliz de não ter que segurá-la. Ou ele acabaria comprometendo a missão de resgate, ou a ilha o chutaria para fora da camada, e para dentro do mar, antes que ele tivesse a chance de...

— PRENDA A RESPIRAÇÃO!

O garoto segurou o fôlego no exato momento em que uma onda quebrava em cima deles, entrando em seus ouvidos, por sua garganta e através de sua pele até chegar a seus ossos, até que ele mal podia respirar devido à tremedeira súbita. Gritos começaram a soar por todo o convés, as velas do barco sendo ajustadas freneticamente à medida que a água o invadia, o tempo engasgava e eles eram levados mar adentro, até o centro da tempestade.

Fionn coçou os olhos para limpar o sal ao mesmo tempo em que cuspiu um bocado de água do mar. A ilha havia desaparecido atrás deles, e começava a chover. Ele sentiu um calafrio subir pela espinha, até chegar a seu peito. Ótimo. Já posso riscar pneumonia da minha lista *de desejos*.

— Está tão *frio* — reclamou Fionn, em tom acusatório. — Por que não podíamos ter velejado pra uma onda de calor?

— Porque isso aqui constrói caráter — disse o avô, alegremente. — Sabe, se você for bastante cuidadoso, é possível queimar várias velas ao mesmo tempo e costurar camadas totalmente separadas em uma só.

— Então por que você não trouxe um *Sol de Verão* junto? — resmungou Fionn.

O avô inclinou a cabeça na direção dos tripulantes.

— É melhor não arriscar com tanta gente envolvida. E de qualquer maneira, isso faz parte da aventura! — disse ele, batendo o ombro contra o de Fionn. — Estamos quase lá, rapaz.

Não havia como voltar a essa altura, nem viajando no tempo, nem viajando pelo mar. Não havia nada a fazer além de persistir na memória e torcer para

que os dois não se afogassem.

Se eles sobrevivessem, Fionn *com certeza* contaria tudo à sua mãe.

O tempo os carregava rapidamente na direção da tempestade em meio às ondas cada vez maiores, grandes o bastante para derrubá-los ao mar sempre que o barco tentava passar por cima delas. Fionn manteve os olhos fechados, prendendo a respiração quando o avô avisava para fazê-lo.

— Abra os olhos! — gritou ele, depois de certo tempo. — Estou vendo o *Stolwijk*!

— Barco à vista! — bradou um dos salva-vidas.

Fionn levantou a cabeça. O homem que gritava havia recolhido as velas, mantendo o equilíbrio firme, apesar do balançar caótico da embarcação. Seu chapéu tinha voado em algum momento da viagem, e naquele instante o garoto conseguiu ver o rosto do homem. Ele era incrivelmente alto, com a cabeça careca e reluzente, e olhos da mesma cor do mar turbulento. Era um azul familiar e inesquecível.

— Aquele é meu pai! — exclamou o avô de Fionn. Dessa vez, havia mais do que empolgação em sua voz, um tipo de sentimento que belisca os cantos do seu coração e faz com que a pessoa se sinta completa, de uma hora para outra. — Ele não é incrivelmente corajoso, Fionn?

Fascinado pelo homem estranha e espantosamente parecido com uma versão jovem de seu avô, o olhar de Fionn foi atraído para o colosso que se avolumava atrás dele. Um navio de carga cinzento gigantesco, mais de dez vezes maior que o barco salva-vidas, estava tombado para o lado. Rochas saíam do fundo do oceano como se fossem cacos de vidro, espetando a ponta da embarcação e mantendo-a firme em seu lugar enquanto o mar a devorava.

O convés foi tomado por uma sinfonia de palavrões quando todos os homens simultaneamente deram-se conta da impossibilidade da tarefa que os aguardava.

— É hora do show! — exclamou o avô de Fionn, enquanto um buquê refrescante de gotas de chuva caía em sua boca.

— Lançar âncora! — gritou o bisavô de Fionn.

Fionn e o avô se apertaram em um canto do barco, longe do pisoteio das botas e das ondas cobiçosas que o transbordavam de água. O tempo os

carregou adiante, conforme a corrente da âncora ia se desenrolando e o barco salva-vidas se nivelava ao SS *Stolwijk*.

A tripulação do *Stolwijk* estava amontoadá na popa do navio. O vento obstruía seus chamados de emergência, mas os homens balançavam os braços, até que uma onda quebrou em cima deles e por um instante todos desapareceram completamente. Fionn sentiu um grito preso em sua garganta.

— Você disse que não existiria medo no fazer — berrou para o avô. — Mas eu nunca senti tanto medo na vida!

O avô puxou o garoto para mais perto, segurando a vela firmemente em seu punho.

— Apenas assista! — disse ele, e então mais uma onda engoliu os homens.

O tempo dançava e girava, pintando o céu de cinza e em seguida de branco, enquanto Fionn observava. Viu os salva-vidas lançarem uma corda para o outro lado com uma boia de resgate suspensa, feito um arreio para cães. A corda se partiu uma vez, duas vezes, até que finalmente, na terceira tentativa, ela aguentou. A tripulação do *Stolwijk* a segurou firme, puxando-a por toda a popa e amarrando-a ao navio.

— Excelente! Sensacional! Você viu isso, Fionn? Não foi brilhante? — O avô comemorava como se estivesse assistindo a um filme, e não sentado com água até os joelhos e tremendo feito vara verde.

Fionn olhou para a vela. A chama continuava acesa, porém mais de metade da cera já havia derretido. O garoto sabia que, se ela apagasse, os dois cairiam no meio do oceano sem qualquer tipo de barco ou boia para salvá-los.

— Olha!

O avô apontou com a vela. Os homens de Arranmore amontoaram-se na lateral do bote, puxando a corda e trazendo o primeiro sobrevivente na boia. As ondas batiam nos joelhos dos salva-vidas conforme o guiavam pelo mar até o barco. Os homens puxavam e gemiam, até que o marinheiro enfim chegou até eles. Arrastaram-no para o barco pelos ombros, e a boia vazia foi lançada de volta com a corda.

— O primeiro sobrevivente, Fionn! E veja como ele está aliviado! Mal consegue ficar em pé!

Fionn suspeitava que era o trauma, e não alívio, que havia deixado o pobre marinheiro holandês de joelhos. Mas não contrariou o avô; estava distraído demais. A adrenalina corria em seus dedos e aquecia as pontas de suas orelhas, e então o garoto percebeu que estava se esquecendo de sentir medo.

Fionn observou enquanto, um após o outro, os dezoito sobreviventes do SS *Stolwijk* eram puxados pela corda e arrastados para o barco salva-vidas. A pele dos homens estava azulada nas extremidades do corpo e eles batiam os dentes quando tentavam falar. Logicamente, Fionn sabia que o processo tinha levado horas, e a escuridão do céu era um verdadeiro indicativo da noite, mas o tempo pareceu passar voando em meio à tempestade, até os dois finalmente encontrarem-se navegando de novo, com destino a Arranmore.

A pequena embarcação continuava inundada pelo mar, mas já não balançava com a mesma intensidade. Fionn não sabia dizer se era o peso adicional de dezoito homens que ajudava a estabilizar a embarcação, ou se era a realidade prevalecendo sobre seu medo. Apoiou o corpo no avô ao lado do motor, no único centímetro de espaço que restava em um barco lotado com vinte e sete marinheiros e dois passageiros clandestinos.

Ficaram sentados em silêncio, observando os marinheiros holandeses se amontoarem da mesma maneira enquanto eram conduzidos para casa pelos homens da ilha. Os olhos do avô de Fionn estavam embaçados, mas era impossível dizer se era devido à chuva ou à visão do próprio pai, a menos de dez metros, fitando através dele.

Fionn olhou para a vela no punho do avô. A cera escorria por sua pele e misturava-se com sua mão. Já estava quase inteiramente queimada.

Finalmente, a tempestade passou. A ilha foi surgindo aos poucos de dentro do mar, e o sol lançou seus raios por entre as nuvens e clareou a coloração cinzenta do céu. Os dentes de Fionn pararam de bater e seus dedos começaram a descongelar.

— Viu? — disse o avô. — Não existe medo envolvido no fazer, existe?

— Acho que não — respondeu Fionn, um pouco incerto.

O píer enfim surgiu diante deles. Uma multidão de curiosos estava amontoadada em sua ponta. Gritos de felicidade ecoaram, atraindo o pequeno

barco de volta para casa. Estavam quase lá quando o avô de Fionn puxou o garoto pelo braço, levantando-o.

— Me lembre de uma coisa, rapaz. Você disse que sabia nadar?

— Não muito bem. Por quê?

Ele olhou para a vela na mão do avô. Ela havia se dissolvido em uma pequena poça de cera em sua palma. A chama começava a apagar-se bem diante de seus olhos.

— Porque tenho uma notícia preocupante... — disse o avô, e na mesma hora a vela apagou.

Fionn deu um grito e a ilha inspirou profundamente, estremecendo. O barco desapareceu sob seus pés e os dois caíram no mar.



CAPÍTULO CATORZE

O CÉU CADENTE

Fionn engoliu um bocado de água do mar. Sua visão ficou embaçada enquanto dava chutes para tentar voltar à superfície, balançando os braços e pernas desesperadamente. Não sabia mais que direção era para cima e, quanto mais ele lutava, mais pesado ia ficando seu corpo. As luzes começavam a apagar dentro de sua cabeça, e ele soube, em algum lugar em meio ao pânico, que estava se afogando.

O mar viera reivindicá-lo.

Uma mão passou por baixo de seu braço e se apertou em volta de seu peito. Ele foi carregado para cima, das profundezas do oceano, como uma marionete. Chegando à superfície, o garoto soluçou e tossiu violentamente, vomitando rios de água e inspirando o ar fresco.

O avô o manteve boiando com um braço em torno de seu peito, como um cinto de segurança, e o outro nadando para o banco de areia.

— Está tudo bem, rapaz — disse o avô, ofegante. — Deite a cabeça e olhe para o céu. Eu cuido de você.

Fionn deixou a cabeça cair sobre o ombro do avô. A lua acompanhava o movimento dos dois pela água, que cintilava com um lençol de estrelas. Já era

meia-noite de novo, e fazia um silêncio perturbador na ilha.

Eles engatinharam pela areia com as cabeças curvadas em direção à ilha. Fionn sabia que haviam passado poucos minutos no oceano, mas a sensação era de que tinham sido horas. Sua cabeça pulsava e sua garganta estava seca de tanto tossir.

— Você me salvou — disse ele, coaxando. — Achei que fosse morrer.

O avô ficou de cócoras e piscou para a lua. Então, virou a cabeça e olhou para Fionn.

— Cormac?

Algo frio e gelatinoso escorreu pelas costas do garoto.

— O q-quê?

Seu avô olhou para a areia, onde as sombras dos dois se espalhavam ao redor deles. Virou-se de novo para Fionn, baixando as sobrancelhas sobre os olhos, que estavam mais escuros do que o normal. O azul tornara-se opaco e nebuloso, e as estrelas não refletiam dentro deles como de costume.

— O que estamos fazendo aqui, Cormac? Está frio. *Eu* estou com frio.

Fionn encarou o avô de olhos arregalados.

— Sou eu, vô. Fionn. — O garoto apontou para si mesmo, e então arrependeu-se da absurdez do gesto. — Você tá se sentindo bem?

O avô balançou a cabeça.

— Quero ir pra casa — disse ele, com a voz baixinha. — Me leve pra casa, Cormac.

Fionn levantou-se e estendeu a mão ao velho.

— Tudo bem. Vamos pra casa.

O avô pegou sua mão, apertando com bastante força, como se estivesse com medo que o garoto fosse soltá-lo.

Fionn conduziu os dois promontório acima, a trilha demarcada pelo luar.

— Quanto tempo será que passamos fora? — perguntou ele, catando fios de alga marinha do cabelo.

O avô caminhava a passos lentos atrás dele, olhando para baixo.

— Acha que Tara se deu conta? — perguntou Fionn. — Aposto que não. Aposto que ela continua dormindo.

Seu avô permaneceu em silêncio.

— Ela sempre teve sono pesado. Quando eu era pequeno, costumava tomar o pulso dela para ter certeza de que ainda estava viva.

Seguiram em frente a passos arrastados.

— Ela não é tão ruim assim — continuou o garoto, sem conseguir esconder um leve desespero na voz. — Quando está dormindo, digo. Na verdade, ela é bastante tolerável quando está desacordada. Tirando o fato de que às vezes ela ronca e soa mais como um cavalo do que uma humana. Eu disse isso pra ela um dia, e ela ficou uma semana sem falar comigo. Foi a melhor semana da minha vida.

Fionn tentava ignorar a dor que sentia na garganta, como se cada palavra fosse uma lâmina cortante ao proferi-las.

— Mamãe me obrigou a pedir desculpas, no fim das contas. Na minha opinião foi bastante injusto, mas acho que é porque ela é outra que ronca, e talvez estivesse com medo de também soar como um cavalo.

O avô apertava sua mão com tanta força que os dedos de Fionn estavam ficando roxos, porém o garoto não ousou largá-la.

— Mas a mamãe não soa como um cavalo quando ronca. Ela soa mais como um elefante. Especialmente quando está resfriada. Mas eu não a culpo, porque não há nada que ela possa fazer sobre isso. E, diferente de Tara, ela tem muitas qualidades que a redimem.

Depois de um tempo, Fionn desistiu de falar. Não suportou o silêncio que se seguia às suas palavras, nem o som de sua voz ficando mais e mais aguda enquanto ele tagarelava sobre coisas sem sentido. O vento balançou contra as costas dos dois, e a ilha foi tirando pedras e rochas do caminho à medida que eles subiam o promontório lado a lado.

Obrigado, pensou Fionn. Não era muito, mas era o suficiente para que ele não se sentisse tão sozinho naquele instante. *Obrigado por nos ajudar*. E no farfalhar das árvores, no pio da coruja salpicando poeira estelar em seus ombros, a ilha respondeu: *De nada*.

Quando estavam quase chegando no *Tír na nÓg*, o avô se pronunciou:

— Espero que sua mãe não esteja acordada ainda. Ela detesta quando a gente sai depois de escurecer.

Fionn parou em frente ao portão.

— Minha mãe está em Dublin, vô.

Ele soltou a mão do neto.

— A Winnie morria de medo do escuro quando era pequena, sabia? Acho que ela nunca superou esse medo. Mas não diga que eu falei isso, Cormac, ou vamos levar uma bronca daquelas.

Fionn seguiu o avô até a casa. Era sua vez de ficar em silêncio. Os dois entraram e ele fechou a porta, trancando-os dentro do chalé. O avô caminhou lentamente até a lareira e ficou parado em frente à vela acesa, fazendo barulho ao inspirar. Fionn colocou a chaleira para ferver e foi ao banheiro pegar as duas maiores toalhas que conseguiu encontrar.

Quando voltou, o avô estava sentado em sua poltrona de olhos fechados. A luz da vela dançava sobre seu rosto e pintava sombras de chamas em suas bochechas. Fionn estendeu uma toalha a ele.

— Você deveria se secar — disse o garoto. — Vamos pegar um resfriado se a gente não se aquecer.

O avô apanhou a toalha.

— Quer que eu prepare a banheira pra você? — ofereceu Fionn.

O velho balançou a cabeça, recusando.

— Só não conte para sua mãe onde fomos. Ela detesta quando a gente sai depois de escurecer.

— Não vou contar — disse Fionn, baixinho.

Fionn retirou a boina encharcada de seu avô e a pendurou de volta no cabideiro. Ele o ajudou a remover seus sapatos e trocá-los pelas meias mais grossas que encontrou em sua mala.

— A Winnie morria de medo do escuro quando era pequena, sabia? — disse o avô, flexionando os dedos dentro das meias. — Não sei se ela chegou a superar esse medo, sendo sincero. Mas não diga que eu falei isso, ou ela vai me dar uma bronca daquelas.

— Não vou dizer — respondeu Fionn, retornando à cozinha.

Preparou uma caneca de chá e a passou para o avô, sentindo o coração escalar até sua boca.

O avô ficou olhando fixamente para o chá, como se estivesse à procura de algo dentro do líquido marrom leitoso.

— Posso fazer mais alguma coisa por você?

Ele deu um gole e balançou a cabeça. O azul de seus olhos ia aos poucos retornando.

— Vá se deitar. Eu também já vou, daqui a pouco.

Fionn hesitou por um momento no corredor, olhando para a vela na lareira.

— Boa noite, vô.

O avô deu um sorriso, a caneca em suas mãos tremendo só um pouquinho.

— Boa noite, Fionn.

Fionn colocou um pijama quentinho e subiu na cama. Então, puxou as cobertas até o queixo e ficou olhando para o teto por um bom tempo. Seu avô tinha razão ao dizer que não existia medo envolvido no fazer alguma coisa, mas estava errado quanto ao resto. Havia medo no antes e havia medo no depois. Na escuridão, o medo desceu pela garganta de Fionn e o preencheu até ele sentir que não conseguia mais respirar.

O garoto estava tão absorto no que a ilha poderia escolher para ele, que não havia parado para pensar no que aconteceria com o velho Guardião da Tempestade quando um novo surgisse. Ao deixar-se levar por um sono desconfortável, não pensou no oceano sem fim. Pensou nas nuvens tempestuosas nos olhos do avô, e no novo e crescente medo de que o céu poderia estar caindo em algum lugar dentro dele.

Na mais profunda escuridão, a canção de ninar o encontrou novamente.

Venha até mim, valente Boyle,

E veja a magia que eu posso tecer, cantou a voz.

Venha visitar-me sob o solo.

E me deseje de volta junto a você.

Fionn estava diante da boca da caverna, vendo as sombras saindo de dentro dela como esqueletos.

Encontre-me onde os corvos se ajuntam

E me desperte do sono infinito.

A voz foi se tornando cada vez mais alta e estridente, e as palavras começaram a mudar, até Fionn perceber que não estava mais encantado, mas sim apavorado.

Desenterre-me das rochas que avultam

E me dê sua alma neste rito!



CAPÍTULO QUINZE

A ESTANTE SECRETA

Na manhã seguinte, Fionn esperou o avô sair de seu quarto. — O que deu em você? — perguntou Tara ao entrar na cozinha um pouco antes de meio-dia. — Há quanto tempo você tá sentado aí nessa cadeira sem fazer nada?

Fionn tirou os olhos da vela *Arco-íris lunar*, sob a fotografia de sua avó. Ele vinha se perguntando sobre a memória contida ali dentro. Sua irmã estava parada embaixo do arco entre a cozinha e a sala de estar, com as mãos na cintura. Ainda vestia seu pijama, e seu cabelo estava amarrado no topo da cabeça como um ninho de passarinho.

— Nem chega perto do tempo que você dormiu — respondeu Fionn. — Acho que é um novo recorde.

— Não me enche hoje — avisou Tara, andando até a cozinha e servindo um copo de suco de laranja que estava na geladeira. — Não estou de bom humor.

— Mas que situação rara e infeliz — disse Fionn, sarcástico. — Por quê?

Ela inseriu duas fatias de pão na torradeira.

— Porque eu não tenho dormido bem ultimamente. E além do mais, está *chovendo*, o que significa que eu não posso sair hoje.

— Por quê? Está com medo de derreter feito a Bruxa Má do Oeste?

Uma garoa fraca tinha ido e vindo a manhã toda, e a umidade havia mudado pouco depois do amanhecer. Felizmente, o tempo chuvoso estava mantendo Bartley Beasley longe do chalé.

— Deixa de ser mala.

Tara jogou uma bolsinha de chá no irmão, mas ela passou direto por ele e caiu dentro da lareira.

— Vai lá pegar — ordenou ela.

— Não.

— *Argh*. Não acredito que eu vou ficar presa aqui o dia todo — resmungou ela. — É tão injusto.

— Queime uma vela com uma onda de calor e vá ficar no meio dela, então — sugeriu Fionn. — De preferência, o mais distante possível de mim.

— Eu não posso queimar nenhuma vela sem a supervisão do vovô porque *um certo alguém* gastou o toco da *Fadó Fadó*. — Ela lançou um olhar para o irmão. — *Supostamente*.

Fionn fez uma careta para ela, do outro lado do arco.

— Da próxima vez vou ver se aprendo com você e simplesmente não te conto *nada*.

O raspar determinado da faca no pão ecoou até a sala de estar, enquanto Tara passava manteiga na torrada. Ela soltou um suspiro pelo nariz.

— A gente não pode falar sobre a magia fora da ilha. Foi vovô que mandou. A mamãe nem fala sobre isso comigo, se quer saber.

Fionn imaginou o tamanho do esforço necessário para a irmã chegar tão perto de pedir desculpas, quando sua boca nunca havia formado a palavra *desculpa* sua vida inteira.

— Ela nunca mencionou isso pra você? Nem depois que você voltou?

Tara descansou a faca.

— O que ela teria dito? Que a ilha de onde viemos matou nosso pai? Que as tempestades são mágicas e a magia roubou ele da gente? Não, Fionny. Só vendo para crer. — Ela deixou a torrada para trás e andou até a sala de estar, onde pegou uma vela em forma de floco de neve de uma prateleira e a girou entre os dedos. — O vovô também não tinha me contado nada, até que um dia eu

acendi uma dessas e fui parar em uma nevasca. Quase congelei um dedão do pé.

Fionn olhou para ela com uma desconfiança crescente.

— Isso é um... pedido de desculpas?

Tara deslizou a vela de volta ao seu lugar na prateleira.

— É um fato. Você tinha que esperar. Assim como eu tive. É assim que deve ser.

— Me parece um pedido de desculpas — disse Fionn.

— Mas não é.

— Isso significa que eu posso ir com você à Caverna do Mar? — perguntou, esperançoso.

Ele não tinha decidido o que desejaria, depois de descobrir que não poderia ter o pai de volta, mas ainda tinha certeza absoluta de que precisava impedir o desejo de Bartley. Mesmo que Fionn não fosse corajoso o bastante para ser o próximo Guardião da Tempestade de Arranmore, Bartley seria um desastre.

— Não — disse Tara, com dureza. — O Bartley disse que você não pode ir junto, e essa aventura é dele, Fionny.

— Você realmente vai deixar ele fazer o desejo, não é? — Fionn balançou a cabeça, incrédulo. — Tem noção de que a caverna só concede um desejo por Guardião? Você vai deixar o Bartley usá-lo, ou melhor, desperdiçá-lo, para virar o Guardião da Tempestade e provavelmente destruir a ilha.

— Ah, deixa de ser dramático. O Bartley não é uma pessoa ruim.

— Se você acredita nisso, então aquele cabelo de cone de sorvete te deixou mais cega do que eu imaginava — disse Fionn, saindo do cômodo antes que a hostilidade entre os dois se intensificasse de novo.

No corredor, ele bateu à porta do avô e pressionou a orelha contra ela.

— Vô?

— Qual é a senha? — perguntou ele, do lado de dentro.

— Não sei.

O avô imitou um barulho de campainha disparando.

— ERRADO. Tente novamente.

Fionn pressionou a testa contra a porta.

— Abracadabra?

— Blasfêmia! — gritou o avô.

— Arranmore?

— Esquentou um pouco — respondeu o avô, sua voz abafada. — Mas você ainda está na Antártida.

Fionn deu um suspiro.

— É Malachy-Boyle-É-Muito-Bonito?

Houve uma longa pausa.

— Pode entrar.

Fionn fechou a porta atrás de si. Apesar de o chalé não ser muito maior do que uma caixa de sapato, o garoto nunca havia entrado no quarto do avô. O velho sempre tinha o cuidado de deixar sua porta fechada. O cômodo, agora que Fionn encontrava-se no meio dele, era exatamente como ele imaginava: um completo e organizado caos. Era pequeno e quadrado, mas ainda assim o avô tinha conseguido amontoar muita coisa ali dentro. O armário estava escancarado, suas camisas e gravatas transbordando para fora das gavetas, como se tentassem fugir. Havia livros entulhados em todos os cantos, em pilhas desordenadas e cambaleantes, e embaixo das cortinas florais da janela, encontrava-se uma prateleira de madeira, onde uma pequena seleção de velas estava alinhada como soldados.

A curiosidade subiu pela coluna de Fionn e cutucou seu ombro.

Na outra ponta do quarto abarrotado, o avô estava enterrado sob uma montanha de cobertas e travesseiros, cercado de lenços amassados.

— Não se preocupe, Fionn. Não é meu leito de morte, apesar das aparências. Só estou com um resfriado terrível. — Era perceptível. A ponta de seu nariz estava vermelha, e sua voz, agora que a ouvia bem, soava estranhamente anasalada. — E como você sem dúvida já deve saber, resfriados são *sempre* muito piores nos homens.

— É o que minha mãe diz — falou Fionn, solenemente. Ele estava triste de ver o avô doente, mas também ficou aliviado por ele ter voltado à sua personalidade tagarela de costume. — Posso trazer algo pra você? Um chá?

O avô afundou-se novamente em seus travesseiros.

— Fionn, achei que não fosse perguntar nunca.

— Quer com mel e limão?

Fionn não fazia ideia se havia esse tipo de coisa guardada nos armários da cozinha.

— Não me ofenda — disse o avô. — Quero do jeito correto. Uma bolsinha de chá descansando por exatamente dois minutos e meio, com trinta mililitros de leite.

Fionn aproximou-se da cama, estudando as linhas no rosto do avô, a coloração azulada que permanecia em torno de sua boca.

O velho suspirou.

— Ao menos um de nós sobreviveu à noite de ontem sem cicatrizes.

— Se servir de consolo, eu com certeza estou com cicatrizes emocionais.

O avô franziu a testa.

— Sabe, não consigo me lembrar exatamente como tudo terminou. — Ele coçou o espaço entre as sobrancelhas com o indicador, como se estivesse tentando aquecer sua memória. — Parece que a aventura ofuscou o final.

Fionn olhou para os pés, sem saber se deveria lembrar o avô do que ele havia se esquecido.

— Bem, sem dúvida foi... agitado — falou ele, em vez disso. — Só sei que vou ficar um bom tempo sem dar um mergulho no mar.

O avô sentou-se na cama e assoou o nariz de forma extremamente barulhenta, até qualquer sinal de constrangimento se dissipar.

— Argh — resmungou ele, amassando o lenço de papel. — Resfriados são muito piores quando se tem que lidar com um nariz desse tamanho.

Fionn cruzou os olhos para poder enxergar o próprio nariz, e então franziu a testa ao ser lembrado de sua grandeza.

— Nem me fale.

— Mas, por outro lado, um olfato refinado não é menos impressionante que assar os melhores muffins de mirtilo deste lado do Oceano Atlântico — ponderou o avô. — Ou alcançar todas as notas de “Bohemian Rhapsody” perfeitamente.

— Não faço ideia do que seja isso.

O avô encarou o garoto sem esconder seu horror.

— Vou trazer seu chá — disse Fionn, olhando para a prateleira sob a janela. — E uma torrada também.

Deixou o quarto com a curiosidade ainda sentada em seu ombro.

Sua irmã passou a tarde mexendo a maior panela do chalé, da mesma maneira que uma bruxa tomaria conta de seu caldeirão.

— Estou fazendo uma sopa especial — disse ela a Fionn quando ele foi inspecionar sua poção. — Ela vai curá-lo. Você vai ver.

A chuva não dava trégua, batendo contra o vidro da janela enquanto Fionn passava o tempo com as enciclopédias de A a F, imaginando a si mesmo em Camelot, como um cavaleiro da Távola Redonda do Rei Artur.

Quando bateu à porta do avô para avisar que o chá estava pronto, não obteve resposta. O garoto abriu a porta com cuidado e espiou o quarto por entre a fresta. Seu avô estava dormindo, soltando pequenos roncos ao respirar. Fionn andou na ponta dos pés até a mesa de cabeceira para recolher o prato de torrada que tinha levado mais cedo. Então, caminhou silenciosamente até o outro lado do quarto para examinar a prateleira.

A chuva pingava nas vidraças da janela, e Fionn teve bastante certeza de que a ilha o vigiava.

Havia uma fileira de seis velas arrumada impecavelmente.

As duas primeiras eram de diferentes tons de azul: *Menor registro de maré baixa 1959*, *Maior registro de maré alta 1982*. A terceira, de um preto absoluto e pontuada por uma centena de estrelas cintilantes, chamava-se *Chuva de meteoros Perseidas*. A quarta vela, *Lua de sangue*, era redonda como uma moeda e de um tom mais fechado que carmim. A quinta vela formava uma espiral ascendente perfeita, e era feita com pinceladas rodopiantes de um verde fosforescente. Seu nome era *Aurora boreal*.

A sexta vela chamava-se *Cormac*.

O prato balançou na mão de Fionn, que deixou algumas migalhas rolarem da beirada e caírem nas tábuas de madeira do piso.

A vela parecia ter sido esculpida a partir da própria tempestade, retirada de um céu raivoso e moldada na forma de uma coluna que borbulhava nas laterais, como se houvesse nuvens irrompendo de dentro dela. Eram cinza-escuro no centro e roxas nas beiradas. No topo, a cera oscilava para frente e para trás como ondas, suas curvas aos poucos adquirindo um tom de azul

profundamente escuro. A cera também era cortada ao meio por um fio de prata, que brilhava de maneira pouco natural na penumbra.

É só uma memória, tentou convencer-se Fionn. Mesmo que suas bochechas estivessem fervendo e seus lábios tremendo.

O avô começava a roncar novamente, ainda mais barulhento, como uma motocicleta dando partida.

Não é só uma memória, disse uma voz diferente. É meu pai.

Então pegue-a!

Os dedos do garoto pairaram sobre a vela. O vento agitou as vidraças e fez seu avô rolar na cama, transformando seu ronco em um espirro que o arrancou do sono.

Fionn levantou-se com um salto quando o avô se rendeu ao seu súbito despertar, uma pálpebra preguiçosa de cada vez.

— T-tem sopa — disse Fionn, rapidamente. — A Tara que fez. É uma receita própria. Faz horas que ela tá cozinhando. É uma sopa cor de laranja. Eu não recomendaria, pra ser sincero, mas ela parece ter certeza de que a sopa vai curar você. — Deu um sorriso que se mostrou vacilante nos cantos da boca. Suas bochechas pegavam fogo, e o sentimento de culpa pelo que quase havia feito levou as palavras a saírem tropeçando de dentro dele. — Eu entrei aqui pra te acordar e bati à porta mas você não ouviu então decidi simplesmente entrar e levar o prato desculpa se te assustei enfim só queria contar sobre a sopa você quer um pouco de sopa?

— Ah, que maravilha — disse o avô, bocejando. — Eu estava sonhando com uma sopa agora mesmo. Sua avó fazia a canja de galinha mais deliciosa de todas.

— Não crie muita expectativa.

O avô estalou os lábios.

— Pode me ver uma tigela robusta de Soupe du Tara, por favor.

Fionn se esforçou ao máximo para não olhar para as velas.

— Certo. Ok. Vou trazer, então.

O avô se ergueu apoiando-se nos cotovelos.

— Vou me levantar — disse ele, girando as pernas para fora das cobertas e flexionando os dedos. — Uma caminhada viria a calhar. Mas só até a cozinha.

Fionn disparou para fora do quarto antes que pudesse dizer algo incriminador. As vidraças pararam de balançar, e a chuva, cansada, limitou-se a um chuvisco suave salpicando gotas silenciosas contra o vidro.

Os três comeram a refeição juntos. Após uma colherada tenebrosa, a vida de Fionn passou diante de seus olhos e ele recusou educadamente a sopa, preparando um sanduíche em vez disso. Tara fez questão de tomar sua sopa inteira e a do irmão, enquanto o avô lhes servia por sete minutos de uma versão *a cappella* de “Bohemian Rhapsody”, que ninguém havia solicitado. Depois, Tara recolheu-se ao quarto e ficou assistindo a YouTubers pregando peças uns nos outros.

Quando ela se afastou o bastante para não conseguir mais ouvi-los, o avô bateu no peito como se estivesse morrendo, tomando fôlego e empurrando a tigela para longe.

— Não fez bem o seu gosto? — perguntou o garoto.

— Fionn, eu teria recusado isso aqui até em uma crise de fome.

— Consegue identificar o ingrediente secreto?

O avô examinou o líquido laranja.

— ... uma pitada de sofrimento?

— Quase — disse Fionn, dando uma mordida em seu sanduíche. — A resposta certa é vinagre.

— Cenoura e *vinagre*. — As palavras saíram afiadas e espinhosas, como se fossem maldições. — E eu achando que ela gostava da gente.

— Ela tolera a gente. Já mencionei que ela é a pior pessoa?

Após livrar-se da sopa secretamente, o avô voltou para a cama. Fionn se encolheu na poltrona ao lado da lareira com uma enciclopédia no colo e nada além da chuva para lhe fazer companhia. Quando anoiteceu, o garoto voltou seus pensamentos para o pai e as velas escondidas no quarto do avô.

Talvez houvesse outra maneira de conseguir aquele desejo.



CAPÍTULO DEZESSEIS

O ROUBO DA VELA

N aquela noite, a chuva apertou impetuosamente. Durou dias e dias, caindo desde a madrugada até o anoitecer e manchando a ilha com um borrão cinza interminável. A monção os deixou trancafiados dentro do pequeno chalé. Durante esse tempo, o avô de Fionn ficou abstraído em uma obsessão renovada por fazer velas, enquanto corvos aglomeravam-se no telhado, um após o outro após o outro, até seus grasnados poderem ser ouvidos descendo a chaminé.

Ao chegar o fim da semana, Fionn já tinha lido três entediantes autobiografias de atletas e uma sobre um russo chamado Rasputin, enquanto Tara havia assado oito fornadas de cookies intragáveis. Dentre os três, era ela quem mais parecia sofrer com o confinamento, em grande parte devido ao que Fionn suspeitava ser abstinência de um tal Bartholomew “Topetão” Beasley, um garoto que evidentemente não apreciava sua irmã tanto quanto o próprio cabelo sem *frizz*.

Felizmente, a terça-feira seguinte trouxe um céu azul e temperatura amena. Fionn acordou mais tarde do que de costume, esquecido, como em todos os dias anteriores, da voz que cantara para ele na escuridão. Permaneceu deitado,

alongando-se e bocejando, enquanto pardais gorjeavam alegremente do lado de fora da janela. Tinha quase decidido que aquele seria um dia agradável, quando o rá-rá-rá de Bartley Beasley infiltrou-se em seu quarto como um gás nauseante.

Fionn deu um suspiro para o teto.

Passou uma quantidade de tempo descomunal se arrumando, levando o dobro do tempo no banho e escovando os dentes três vezes, na esperança de que, quando enfim aparecesse, Bartley teria desaparecido magicamente. Tara vinha sendo quase que amistosa com ele nos últimos dias, e Fionn não tinha certeza se ela continuaria a ser tolerável depois que tivessem sua liberdade restaurada.

Quando finalmente deu as caras, Fionn ficou (negativamente) surpreso ao encontrar Bartley reclinado na poltrona do avô, com suas pernas desengonçadas apoiadas na lareira. Ele estava ouvindo música a um volume tão alto que Fionn conseguia escutar o som do fone de ouvido do outro lado do cômodo.

— Oi! — Fionn acenou com a mão em frente ao rosto de Bartley. — ALÔ!

Bartley abriu os olhos de súbito, quase acertando a vela sobre a lareira com o pé.

— Cuidado! — disse Fionn, dando um tapa no pé do garoto. — Não apague essa vela!

Bartley abaixou as pernas e deu pontapés para frente, machucando o tornozelo de Fionn. Em seguida, diminuiu o volume da música em seu iPhone.

— Por quê? — provocou ele, com um olhar malicioso. — O que ela vai fazer com a gente?

— Por que você não cuida da sua vida? — rebateu Fionn. Foi uma resposta melhor do que a verdade, que teria sido “Não faço ideia”.

Bartley alongou os braços por cima da cabeça e girou o pescoço.

— Não nos vemos desde que você me expulsou da memória da minha avó. Demorei *uma hora* pra chegar em casa, sabia? E o celular ficou sem serviço metade do caminho.

— Então você teve que ficar sozinho com seus próprios pensamentos? Parece horripilante.

— Não tive nem o luxo do silêncio, com todas aquelas gralhas escandalosas em volta.

— Corvos, você quer dizer — corrigiu Fionn, sem muito jeito.

Bartley deu um tapa no ar, como quem faz pouco caso.

— Que seja.

— Cadê a Tara?

Bartley apontou para a direita com o queixo.

— No telefone com sua mãe, contando como você tem se comportado mal.

— Minha mãe ligou?

Ele não esperou resposta. Abriu a porta da casa e saiu em busca da irmã. O céu estava azul e totalmente aberto, e o sol acima dele, caloroso. Tara estava no promontório, andando para cima e para baixo com o celular pressionado à orelha.

Fionn deu uma corridinha até ela, acenando com as mãos para tentar chamar sua atenção. A garota continuou andando. Olhou para o irmão somente uma vez antes de desligar o celular abruptamente e enfiá-lo no bolso de trás.

— O que você tá fazendo? — perguntou ele, ao alcançá-la. — Por que desligou?

— Ela precisou desligar — disse Tara. — Só pode falar certa quantidade de tempo por semana.

Fionn ficou encarando a irmã.

— Como assim, *por semana*?

Ela inclinou a cabeça para o lado.

— Que parte do que eu disse você não entendeu?

— Ela tem te ligado? — perguntou ele, sem fôlego, tamanha a mágoa.

— É claro. Você não achou que ela fosse despachar a gente pra esse lugar e simplesmente esquecer da nossa existência, achou?

Era exatamente isso o que Fionn achava.

— Por que ela não *me* ligou?

Tara virou de costas e começou a caminhar de volta para o chalé, balançando os braços decididamente ao lado do corpo.

— Não sei, Fionn. Ela disse que tem tentado, mas você obviamente não está carregando seu celular.

Fionn foi atrás dela.

— Então por que você não me avisou? Por que não me deixou falar com ela?

— Porque eu esqueci! — respondeu ela, pisoteando o caminho do jardim.
— Só tenta se acalmar, tá bom?

— Você tinha que ter me dito que ela tem ligado! — disse Fionn, subindo cada vez mais o tom de voz. — Você sabe o quanto eu quero falar com ela!

— Não, não sei — afirmou Tara, sem sequer dar-se o trabalho de olhar para o irmão.

Ela marchou para dentro da sala de estar e afundou na poltrona de frente para Bartley.

— Oi — disse ela, com uma voz completamente diferente, amorosa e grudenta. — Desculpa por isso.

— E aí? — perguntou ele, abrindo um sorriso. — Como vai sua mãe?

— Indo, aos poucos. Ela estava um pouco mais quieta hoje.

Fionn encontrava-se parado entre os dois.

— Eu fiquei invisível de repente ou algo assim?

— O que você quer? — perguntou Tara, exacerbada.

— Você não vai ao menos se *desculpar*?

Tara revirou os olhos.

— Pelo quê, Fionn?

— Inacreditável — disse ele. — Eu sabia que você era cruel, mas não achava que era ruim a esse nível.

Tara irritou-se.

— Minhas ligações com a mamãe não são da sua conta.

Fionn sentiu um impulso de quebrar alguma coisa. Como ela não conseguia ver o quanto ele estava magoado? Como era capaz de deixá-lo no escuro *de novo* e sequer se importar?

— Por que você me trata de um jeito tão horrível? — perguntou ele, desalentado. — Você é tão determinada assim a me deixar de fora de *tudo* relacionado à nossa família?

Bartley reclinou-se na poltrona do avô, seus braços jogados para os lados.

— Conta pra ele, Tara. Assim ele fecha o bico de uma vez.

— Contar o quê? — perguntou Fionn.

— Esquece — disse ela, com a voz cansada.

— Vai em frente — insistiu Bartley.

Tara mastigou o canto da boca, igual sua mãe fazia quando algo a incomodava.

— Fala — disse Bartley.

— Falar o quê? — perguntou Fionn.

Tara levou os dedos à ponte de seu nariz.

— Amanhã é aniversário de morte do nosso pai. Você tinha esquecido?

Fionn sentiu-se empalidecer. Ele sabia que a data estava próxima, mas devia ter perdido a conta dos dias. O tempo passava despercebido na ilha, e ele não vinha pensando sobre a data ultimamente porque seu celular não funcionava direito, e ele não estava indo para a escola, e...

— Claro que não!

Tara estreitou os olhos.

— Bom, a mamãe está mais triste do que o normal.

— Não entendi por que você tá me punindo por isso! — protestou Fionn.

— Não é culpa minha!

— Ah, pelo amor de Deus — interferiu Bartley, irritado. — É culpa sua *sim*, Boyle. Você ainda não entendeu isso? Não percebe?

— Chega — disse Tara.

Mas Bartley a ignorou.

— É culpa *sua* porque você é igualzinho ao seu pai, e sempre que sua mãe olha pra você, ela é lembrada da morte dele e se deprime. E aí ela fica doente!

— Bartley — disse Tara, respirando fundo. — Chega.

— Foi o que você me falou, Tara. — Bartley levantou-se e se impôs para cima de Fionn, seus olhos hostis cintilando. — Entendeu, Boyle? Faz sentido pra você agora? É culpa sua *sim*. Então o que *diabos* te faz achar que sua mãe iria querer falar com você?

Fionn cambaleou para trás. As palavras atingiram seu peito como facas.

— Foi por esse motivo que ela mandou você pra cá, em primeiro lugar! — prosseguiu Bartley. — Da próxima vez que for queimar uma vela, por que não faz um favor a todos nós e se manda pra longe num tornado?

A visão de Fionn começou a se afunilar, até que ele passou a enxergar apenas Bartley Beasley parado à sua frente, com aquela cara avermelhada e exibindo os dentes.

— Isso não é verdade.

Bartley deu um sorriso malicioso.

— Pergunte pra sua irmã.

— Tara? — disse Fionn, baixinho. — Diz que não é verdade.

Ela sequer olhou para o irmão.

A verdade sugou todo o calor do cômodo.

Como ele podia não saber?

Ele havia destruído sua mãe.

Ele era o motivo pelo qual ela teve que ir embora.

Ele era o motivo pelo qual ela nunca tinha conseguido se desvencilhar da sombra por trás de seus olhos — ao menos não devidamente, e nunca por tempo suficiente.

Bartley abanou as mãos como se estivesse afugentando um cachorro.

— Agora saia daqui e nos deixe em paz. Estamos tentando calcular a porcaria da maré.

— Fionn — disse Tara, com a voz fraca.

Ele não quis esperar para ouvir o que a irmã tinha a dizer; seu silêncio já dissera tudo. Deixou o cômodo a passos firmes, para que eles não ouvissem os soluços estranhos que saíam de dentro dele.

À meia-luz do pequeno corredor, Fionn tentou se controlar. Cabia a ele consertar aquela desordem, não chafurdar nela. Talvez não pudesse desejar o pai de volta, mas sua mãe continuava viva e estava sofrendo por causa dele. Fionn devia isso a ela, acabar com esse sofrimento. Fazê-la ficar bem de novo. De uma vez por todas.

Seu avô encontrava-se no quintal, na bancada de trabalho, mas a porta de seu quarto estava entreaberta, e Fionn já não se importava mais se a ilha o vigiava ou não. Ele iria encontrar a Caverna do Mar naquele dia, iria curar sua

mãe, e depois faria Tara engolir todas aquelas palavras horríveis que Bartley havia disparado contra ele.

Estamos tentando calcular a porcaria da maré.

Fionn faria melhor do que isso. Ele iria afundá-la.

Ele passou pela fresta da porta e se abaixou sob a janela. Pegou a vela *Menor registro de maré baixa 1959*, esperando que algo dramático pudesse acontecer, mas o vento pareceu não notar e os pássaros do lado de fora continuaram a cuidar das próprias vidas. Fionn espiou pelo cantinho da janela. Seu avô estava inclinado sobre a bancada, revolvendo uma panela de cera.

A vela desapareceu perfeitamente no bolso do casaco de moletom. Fionn aproximou as outras velas entre si para que a ausência de uma não ficasse óbvia. Seu coração palpitou quando ele encostou na vela do pai, mas o garoto se forçou a deixá-la ali. Levar duas ao mesmo tempo seria muito mais evidente e, além do mais, aquele não era um dia para lembranças, para testar o perímetro de seu coração. Aquele era um dia para ação.

Na sala de estar, Tara e Bartley estavam suspeitosamente quietos. Fionn pegou a caixa de fósforos de cima da lareira sem olhar para nenhum dos dois, então caminhou para fora com irritação e bateu a porta atrás de si.



CAPÍTULO DEZESSETE

O MAR RASO

Fionn fechou os dedos em torno da vela em seu bolso enquanto atravessava a ilha. O tempo passava rapidamente, e o sol da tarde ia tornando os gramados em um verde-escuro vivaz. O garoto cortou caminho andando pelo meio da ilha, onde os campos eram selvagens e desertos, e a distante movimentação da vida em Arranmore era substituída por flores silvestres e pássaros.

Quando chegou ao farol, Fionn andou até a beirada da falésia e olhou para baixo. A maré estava no nível mais alto que ele já tinha visto, mas a água mostrava-se estranhamente calma. Em algum lugar muito abaixo da superfície, o desejo o aguardava. Ele puxou a vela de dentro do bolso.

— Fionn Boyle!

O garoto deu meia-volta e viu Ivan andando lentamente pelo promontório, caminhando na sua direção. Havia surgido do nada, como se tivesse saído do oceano e escalado a falésia para chegar até Fionn. Estava vestido com seu traje preto de costume, e seu cabelo voava de maneira selvagem na repentina corrente de ar.

— De onde você veio? — perguntou Fionn.

Ivan olhou por sobre o ombro para o declive no gramado. Então, virou-se de novo para Fionn, abrindo um sorriso malicioso. Gesticulou com o dedo indicador, chamando-o para perto.

— Vou lhe mostrar.

Fionn não se mexeu.

Então, Ivan fez um gesto com sua mão inteira, como se estivesse cavando o ar e jogando-o para trás, por sobre o ombro.

— Eu disse para vir *aqui*.

O homem continuava sorrindo, mas Fionn teve uma sensação de estranheza. Não sabia se era por causa dos avisos de seu avô ou da associação entre Ivan e os Beasley, mas algumas dessas coisas fez com que desse um passo atrás. E então, mais um.

Fionn apertou a vela *Maré baixa* em sua mão enquanto Ivan caminhava até ele, balançando os braços determinado. De repente, Fionn se deu conta de como estava sozinho naquele lugar. Não havia mais ninguém à vista, nem ao menos a uma distância audível.

— Quer que eu te mostre onde ela fica? — gritou Ivan. — Não foi por isso que você veio?

Fionn andou para trás.

— Por que você me ajudaria? Achei que fosse um Beasley.

Mentiroso.

— Preciso de um Guardião da Tempestade — disse Ivan, seu cabelo manchando o ar com pinceladas vermelhas cor de sangue. — Não importa quem seja.

— Por quê? — perguntou Fionn, seus olhos fixados nos de Ivan.

O homem sorriu.

— Por que você não se concentra no *onde* e deixa que eu me concentro no *por quê*?

Fionn tirou os fósforos de dentro do bolso.

— Você só precisa me ouvir! — Ivan apressou o passo, emitindo uma risada como se fosse uma canção. Havia algo de maníaco nele naquele momento. Era como se tivesse comido açúcar demais e não soubesse o que fazer consigo mesmo. Como se não se lembrasse de como piscar. Como se no fundo, apesar

de suas risadas delirantes, uma parte dele estivesse gritando. — Por que vocês de ilha nunca *ouvem*?

Os dedos de Fionn tremiam quando ele acendeu um fósforo.

— Espera! — gritou Ivan.

Fionn levou a chama ao pavio no mesmo instante.

A ilha inspirou profundamente.

Ivan dissolveu-se em nada à medida que o vento começou a envolver o garoto.

Ele foi carregado para o promontório, onde se viu novamente sozinho na ponta de Arranmore. Uma Arranmore que não era bem a sua. Deixou escapar um suspiro regular. As falésias se estendiam para os dois lados, e a terra precipitava-se em um mar raso. Era como se alguém tivesse tirado a tampa do ralo.

O vento o impulsionou pelo promontório, na direção da qual Ivan tinha surgido. A grama cresceu acima de seus tornozelos, e o sol subiu ainda mais alto no céu. A luz movia-se gradualmente pelas rochas de sal próximas à base da falésia, transformando-as em cristais que piscavam para o garoto.

De costas para o farol, Fionn seguiu pela beirada da falésia, procurando aberturas na pedra. A maré distanciou-se da ilha, e uma ampla faixa de areia emergiu em seu lugar.

O gramado ia ficando mais verde conforme Fionn descia o promontório. A maré estava tão baixa, que ele conseguia ver estuários de algas rastejando pela areia. Manteve-se colado na beirada da falésia à medida que ela descia e fazia uma curva em torno dele, até que finalmente viu: um buraco enorme em sua parte de baixo.

Fionn aproximou-se, com a ansiedade apertando sua garganta.

A Caverna do Mar ficava escondida sob um ponto inclinado da falésia, onde a rocha curvava-se para dentro, como se estivesse prendendo a respiração. A abertura encontrava-se a quase 800 metros do farol.

E ainda assim, apesar da surpresa, Fionn sentiu que aquele lugar era estranhamente familiar, como se já o tivesse visitado antes, porém sem conseguir lembrar quando, exatamente...

O céu escureceu quando um bando de corvos chegou de repente, vindo do mar, voando em círculos em direção à boca da caverna. Fionn pressionou a mão contra o coração para estabilizar seu batimento frenético.

São apenas pássaros.

Ele deu alguns passos arrastados até a beirada, cantarolando baixinho uma melodia falha de que não conseguia se lembrar muito bem. A letra estava enterrada em algum lugar de seu subconsciente.

O vento continuava soprando, e as últimas camadas da *Maré baixa* 1959 sobrepunham-se a ele. Degraus esculpidos na pedra começavam a aparecer, ampliando-se e roncando como se a terra os estivesse cuspidos. Surgiu, então, um corrimão, barras de metal enferrujadas unidas por uma corda azul em mau estado. Fionn observou em silêncio e paralisado o caminho até a Caverna do Mar se materializar, estendendo-se até a praia.

O vento lhe deu um empurrãozinho para baixo, na direção da maré que desaparecia.

Fionn deu seu primeiro passo. Um corvo voou sobre sua cabeça e mergulhou na direção da caverna, como se estivesse lhe mostrando para onde ir. O garoto engoliu em seco, preparando-se mentalmente. Bem acima dele, o guincho de uma gaivota ecoou. Deu mais um passo. Outra gaivota surgiu no céu, e então outra, até que havia um bando inteiro guinchando para ele.

— Por favor, não comecem — murmurou Fionn.

As gaivotas mergulharam mais baixo, voando em círculos sobre o garoto enquanto grasnavam. Algumas se separaram e voaram para a caverna, atrás dos corvos que já haviam entrado.

Fionn deu mais um passo, tremendo.

— S-só m-me deixa descer.

Ele apressou o passo, tropeçando pelos degraus enquanto os pássaros o cercavam, batendo as asas para tentar afastá-lo.

— Eu preciso do desejo — disse, rangendo os dentes. — Me deixa ter o desejo.

Muito abaixo, uma pessoa cantava. Fionn tentou concentrar-se naquela canção suave em vez do caos ao seu redor, seguindo a direção da música.

O vento uivava e a pedra roncava, e quando Fionn estava quase na metade da descida, uma das gaivotas separou-se das demais e voou diretamente para ele. O garoto brandiu a vela para o pássaro, apontando a chama como se fosse uma espada. Mas o pássaro apanhou a vela com suas garras e a largou dentro do mar.

A ilha inspirou profundamente.

Fionn soltou o corrimão e pressionou a bochecha contra a rocha enquanto destroços caíam em frente a ele, alguns pedaços batendo em seu ombro e machucando seus braços na queda. O nível do mar subiu acima da boca da caverna enquanto os degraus desmoronavam. Alguns desapareceram inteiramente, incluindo a lasca seguinte àquela sobre a qual ele estava em pé. O corrimão caiu em um abismo sem fim, sumindo e levando a corda consigo, até que Fionn ficou segurando-se na beira da pedra, ilhado no meio de uma escadaria velha e em ruínas.

Ele conseguiu subir aos poucos, pendurando-se nos tufo de grama que brotavam da rocha. Manteve o olhar fixo nos pés, ciente de que qualquer deslizamento poderia se provar fatal. Depois do que pareceu uma era, finalmente se arrastou sobre a beira do precipício e ali permaneceu deitado, ofegante, até a ventania cessar.

Ele havia fracassado. A melhor oportunidade de ajudar sua mãe fora arrancada de suas mãos por uma gaivota, e aquela *Maré baixa* tinha sido perdida para sempre. Fechou os olhos com força até suas bochechas pararem de formigar. Ele não desistiria. Não quando tudo aquilo era sua culpa. Não enquanto ainda houvesse uma chance de reverter a situação.

Deu um suspiro. Pelo menos sabia exatamente onde ficava a Caverna do Mar. Poderia encontrar facilmente os degraus ocultos na falésia, agora que sabia onde procurar. Se esperasse a *maré baixa*, *realmente* baixa, talvez conseguisse descer até o fundo sem precisar da intervenção de uma vela.

Mas havia mais um pensamento alfinetando-o enquanto ele subia o morro a passos lentos: é possível que a ilha não o permitisse. Se ele quisesse tirar aquele desejo da caverna, precisaria que Arranmore estivesse do seu lado, e no momento isso estava longe de ser realidade.

Quando retornou ao farol, Fionn ficou aliviado de ver que Ivan já tinha ido embora. Mas essa sensação durou menos de um minuto, quando Bartley Beasley entrou em seu caminho com toda a confiança de Peter Pan:

— Sabia que eu ia te achar!

— Cai fora — disse Fionn, passando direto por ele. — Eu não estou de bom humor.

Bartley seguiu ao seu lado, acompanhando seu passo.

— Eu *sabia* que você tentaria entrar na caverna — disse ele, em tom acusatório. — Você queimou uma vela? Passei o dia todo procurando uma de maré baixa!

Fionn começou a andar duas vezes mais rápido para fugir de Bartley.

— Até diria que grandes mentes pensam igual, mas você é um idiota.

— Conseguiu achar uma descida? — perguntou Bartley.

— Sim.

— Você entrou lá dentro sozinho? — perguntou Bartley, seus passos largos mantendo-o junto a Fionn. — Você é um idiota, se tiver entrado!

Fionn continuou em frente.

— Você obteve o desejo? — De repente, o garoto parecia em pânico.

Um sentimento de raiva começava a crescer dentro de Fionn, com a lembrança do que ocorrera mais cedo ainda martelando em sua mente. Tudo aquilo que Bartley havia dito sobre sua mãe, a maneira como havia desdenhado dele como se fosse menos que um nada.

— Obtive — exclamou ele, por sobre o ombro. — Encontrei a Caverna do Mar e desejei que seu cabelo ficasse verde.

— Não tem a menor graça — rebateu Bartley. — Qual é o seu problema, Boyle?

— Sendo bem específico, *voce*. Tanto de maneira geral quanto agora, já que você tá no meu caminho — disse Fionn, e então correu em disparada. O vento estava de volta e desta vez ele o empurrava adiante, fazendo as orelhas do garoto vibrarem com sua força. Havia pássaros no céu novamente, e Fionn podia jurar que aquela gaivota maldita os rondava.

— Me diz onde ela fica, Boyle! — Bartley continuou perseguindo-o. — É melhor dizer de uma vez. Nós dois sabemos que você não tem coragem de ir.

— Eu fui mais longe do que você, não fui? E não precisei da ajuda do seu primo, além do mais. Mas agradeça a ele pela oferta!

Bartley não conseguiu esconder sua surpresa, e Fionn acrescentou:

— Achei que vocês estavam do mesmo lado.

— Nós estamos — respondeu ele, prontamente. — Ele tá torcendo por mim.

Fionn olhou por sobre o ombro.

— Tem certeza de que ele não tá torcendo por si mesmo?

— Você só está ressentido porque eu te contei a verdade sobre sua mãe — provocou Bartley. — Não é minha culpa se ela não pode mais tomar conta de você.

Fionn parou de andar. Se fosse mais forte ou mais alto, ele teria dado um soco em Bartley na mesma hora.

— Não fale da minha mãe — avisou, apontando o dedo em sua cara. — Nunca.

Bartley afastou o dedo com um tapa.

— Eu falo o que eu quiser, de quem eu quiser, Boyle.

A respiração de Fionn começou a se intensificar e sua visão foi ficando vermelha nos cantos. Ele havia esquecido todas as palavras que queria dizer. Só havia raiva, frustração, determinação e o sorriso azucrinante no rosto de Bartley Beasley. De repente, uma gaivota sobrevoou suas cabeças, guinchando triunfante ao soltar uma torrente de cocô de pássaro por todo o cabelo de Bartley.

— Eeeeeecaaaa — esganiçou-se o garoto enquanto o excremento escorria por seu rosto e seu casaco. Ele levou a mão à bochecha e em seguida fitou-a, horrorizado. Olhou para Fionn, seu rosto mais vermelho do que um tomate. Então, deu meia-volta e saiu correndo.

Fionn ficou simplesmente paralisado, boquiaberto, olhando o garoto ir embora. Depois, riu tanto que quase desmaiou.



CAPÍTULO DEZOITO

O ARCO-ÍRIS LUNAR DERRETIDO

Fionn ainda estava rindo sozinho quando chegou ao chalé. Tinha pensado em agir com maturidade em relação a tudo aquilo, mas a visão da cara de Bartley Beasley, toda viscosa e vermelha, estava gravada em seu cérebro, e ele ainda gargalhava com aquela imagem mental. Se ao menos uma tempestade pudesse guardar aquele momento. Fionn colocaria aquela vela em um armário de troféus bem em cima de sua cama.

Assim que abriu a porta do *Tír na nÓg*, sua risada evaporou. O avô estava sentado em sua poltrona, curvado e levando as mãos à cabeça. Havia uma poça de cera espalhada pelo braço da poltrona, azul meia-noite misturado com vermelho, amarelo e violeta.

Fionn olhou para a foto de sua avó e sentiu o sussurro de sua presença nos pelos da nuca. A vela *Arco-íris lunar* estava gasta, seu toco restante pingando no braço da poltrona favorita do avô.

O garoto deu um passo à frente. As tábuas de madeira rangeram sob seu peso.

Seu avô ergueu a cabeça.

— D-desculpa — disse Fionn. — Não me dei conta de que você ia... Eu só... Desculpa.

O velho piscou, e uma lágrima escorreu por sua bochecha.

— Ela estava feliz como uma criança naquela noite. Me acordou bem depois da meia-noite e me arrastou até o promontório. Fazia um frio congelante. — O velho balançou a cabeça, com os olhos embaçados enquanto viajava a algum lugar dentro de sua mente. — Eu nunca tinha visto um arco-íris formado pela luz da lua. Nem sabia que isso era possível. Winnie disse que tinha feito aquele pedido para o meu aniversário. A ilha deu a ela... É claro que deu. Era impossível dizer “não” a Winnie... Aquele sorriso não deixava. Aquele lindo sorriso.

Fionn limpou a garganta.

— Posso fazer um chá pra você ou alguma coisa?

Ele piscou para o neto.

— Que horas são?

— Ah. Humm. Não sei. Acho que estamos no meio da tarde — disse Fionn, olhando pela janela, onde o sol continuava alto no céu. — Talvez três ou quatro?

Ele franziu a testa.

— Já é tão tarde assim?

— Acredito que sim.

— Minha nossa — murmurou o avô. — Você viu meus óculos?

— Estão na sua cabeça.

O velho assentiu, reflexivo, mas não os retirou.

— Você tá com fome? — perguntou Fionn, um pouco sem fôlego. — Você e Tara almoçaram?

O avô franziu a testa novamente.

— Tara... — disse ele, devagar. — Não sei.

Fionn não estava gostando nem um pouco da sensação que tomava conta dele.

— Que horas são? — perguntou o avô.

— Acho que são três ou quatro.

— Já? Está mais tarde do que eu pensava.

— Você tá se sentindo bem? — perguntou Fionn.

O avô examinou a poça de cera ao lado de seu braço direito.

— Queimei a *Arco-íris lunar*.

— Eu sei.

— Desperdicei ela — disse ele, pesaroso.

— Não desperdiçou não — afirmou Fionn. — Você a viu. Como isso poderia ser um desperdício?

O velho fechou os olhos, apertando-os.

— Elas são para o garoto. Todas para o garoto. Ele vai precisar delas. E eu sei disso. Eu sei. Estou me esforçando. Mas às vezes... às vezes... eu esqueço. — Ele perdeu sua linha de pensamento.

— Vô? — chamou Fionn, ansioso. — Do que você está falando?

— Ela estava ainda mais linda do que eu lembrava. — O velho recostou-se e ficou olhando distraído para o teto, perdido em suas memórias. Fionn olhou para a vela em cima da lareira. A chama nunca estivera tão forte.

Foi até a cozinha e preparou um sanduíche para seu avô. Não havia mais nada a fazer.

— Aqui — disse ele, depois de juntar pão integral, queijo e presunto. — Acho que você devia comer isso.

O avô pegou o prato de sua mão, surpreso com sua chegada repentina. Fionn cortara o sanduíche em triângulos, porque sua mãe dizia que eles ficavam mais saborosos assim, e ele concordava.

— Obrigado... Fionn. — O nome saiu lento e trêmulo, como se ele tivesse acabado de recordá-lo. Voltou-se para o neto, a cor do mar retornando aos seus olhos. — Não estou tendo um dia muito bom.

— Eu sei — disse o garoto, com a voz suave.

— Estou esquecendo o tempo todo — continuou ele, baixinho.

— Tudo bem.

Tudo não poderia estar menos bem, na verdade, mas Fionn conhecia as várias faces do medo, e podia ver que seu avô estava assustado. O temor estava estampado na rigidez de sua boca, na maneira como ele inspirava marcadamente entre as palavras.

O avô pegou um triângulo de sanduíche e ficou olhando para ele.

— Come — encorajou Fionn. — Você vai se sentir melhor.

Fionn afundou na poltrona de frente para o avô e ficou o observando comer enquanto a chama da vela entre os dois esforçava-se para alcançar o teto.

— Me conte alguma coisa que vai me alegrar — disse o avô, com a boca cheia de pão.

— Acabei de ver uma gaivota fazer cocô na cabeça do Bartley Beasley.

O velho quase engasgou com o sanduíche. Bateu no peito para forçá-lo a descer depois de engolir, deixando uma risada escapar como se fosse um espirro.

— O quê? — disse ele, radiante. — Não acredito em você.

Embora o incidente já não parecesse tão hilário para Fionn, ele ficou feliz que o avô estivesse se divertindo.

— Foi a melhor cena que eu já vi na minha vida.

O avô abriu um grande sorriso.

Fionn ficou olhando enquanto ele devorava o restante do sanduíche, e sentiu-se aliviado quando suas bochechas retornaram à cor natural. Era a cara de Tara sair de casa sem se certificar de que o avô teria o que comer.

O velho deu um beijo estalado nos dedos ao terminar o sanduíche.

— Delicioso. Obrigado.

— O segredo é lembrar de colocar o pão.

O avô assentiu, com uma expressão pensativa.

— Que horas são?

— Por volta de quatro horas.

— É mesmo? Como está tarde. — Seus joelhos estalaram quando ele se levantou. — Acho que vou tirar uma soneca. Pode me acordar daqui a uma hora?

— Claro — disse Fionn. — Posso cuidar do jantar também, se você quiser.

— Maravilha — respondeu o avô, já distante. — Obrigado, Cormac.

FIONN DEIXOU O AVÔ DORMIR POR DUAS HORAS antes de acordá-lo. Parte dele esperava que esse tempo a mais pudesse ajudar a desembaraçar sua memória.

Outra parte estava simplesmente assustada demais para confrontar a possibilidade contrária.

Às seis da tarde, ele bateu à porta do quarto. Tara ainda não tinha voltado, e ele ficou aliviado de não ter que dividir o chalé com a irmã enquanto cozinhava.

— Hora de acordar! — gritou Fionn, do outro lado da porta. — Fiz espaguete à bolonhesa!

— Do zero? — respondeu o avô, com a voz abafada.

— Ahn, não — disse o garoto, abrindo a porta.

O velho estava sentado na cama, ainda vestido com mesma camisa e a mesma calça. Ele deu uma risadinha.

— Estava brincando, Fionn. Sei que você é meu neto, mas não perdi totalmente a noção dos seus talentos.

Fionn deu um sorriso sutil.

Os olhos do avô eram de um azul claro e límpido.

— Tem algo que você queira me contar, Fionn?

— Como assim?

— Ah, acho que você sabe muito bem do que estou falando.

Fionn congelou. Por um instante, considerou mentir, mas não teve coragem.

— Eu queimei a vela da *Maré baixa* para tentar encontrar a Caverna do Mar — confessou ele. — Sinto muito.

— Não sente, não — afirmou o avô.

Fionn olhou para baixo.

— Como soube que eu peguei? — perguntou o menino.

O avô apontou para a prateleira.

— A verdade é que você deixou uma trilha de migalhas de pão muito óbvia. Parecia até algo tirado de João e Maria.

De fato, havia uma grande quantidade de migalhas de pão no chão, em frente à prateleira.

— Ops.

O avô deu um suspiro.

— Embora o furto casual tenha me desagradado, fico mais preocupado com o fato de você ter queimado a vela apesar de tudo que eu disse na semana passada. E *pior*, com você ter ido à Caverna do Mar *sozinho*.

Com exceção daquela noite no chalé em que Fionn havia soprado a vela em cima da lareira, isso era o mais próximo que seu avô tinha chegado de ficar realmente bravo com ele. Não era uma experiência nada agradável.

— Desculpa — disse ele, com a voz baixinha. — Na hora eu não pensei muito. E, se serve de consolo, nem cheguei à caverna. Quando estava na metade do caminho, descendo os degraus, uma gaivota roubou a vela da minha mão e eu quase caí no mar.

— Que bom.

— Que bom?

— Como eu já falei um milhão de vezes antes, você não tem permissão de ir à Caverna do Mar. *Especialmente sozinho*.

— Mas a caverna já ajudou no passado. Você mesmo disse.

— Ela também já tirou uma vida, Fionn.

O garoto ficou de queixo caído.

— Está falando sério?

O avô de fato estava com uma expressão de seriedade, as rugas em torno de seus olhos destacando-se.

— Um garoto chamado Albert Cannon morreu naquela caverna, trinta anos atrás. Era da turma do seu pai na escola. Ele conseguiu descer sozinho, quando a maré estava baixa, mas não contou a ninguém para onde ia. Quando a tripulação do barco salva-vidas finalmente o encontrou, ele já estava morto. Ficou perdido em meio à escuridão, sem comida nem água e, no final, imagino que sem esperança também. Ele havia adentrado tanto a caverna, que ninguém conseguiu ouvir seus gritos. — O avô balançou a cabeça, pesaroso. — Aconteceu algo de errado com a Caverna do Mar há muito tempo, Fionn. Tem uma escuridão estranha lá dentro, e, se você não tomar cuidado, pode acabar se perdendo em seu interior. É por isso que você nunca pode adentrá-la sozinho.

O velho fez uma pausa, e com um olhar expressivo acrescentou:

— Existe um motivo pelo qual eu mantenho minhas marés baixas escondidas. Não se deve mexer com a caverna. Já basta a maneira como a ilha é

volátil. Não quero que você saia *em busca* de problemas. Entendeu?

Fionn soltou um suspiro, sentindo um coquetel de culpa e vergonha dentro de si.

— Sim.

— Que bom que a ilha gosta de você — disse o avô. — Senão, você já estaria...

— Morto — completou Fionn.

— Ou bem encaminhado, pelo menos.

Fionn sentiu uma forte tontura, de repente. Estivera tão perto de dar aquele passo seguinte na falésia, tão perto de cair no oceano quando o degrau desapareceu. E o que teria acontecido se ele tivesse chegado à caverna? Teria se perdido, como Albert Cannon? Será que o barco salva-vidas o teria encontrado a tempo?

O avô deu batidinhas ao seu lado na cama, convidando o neto a sentar-se. Sua expressão suavizou quando disse:

— Por que essa urgência toda em fazer o desejo, de repente? Tem algo a ver com o aniversário da morte do seu pai, amanhã?

Fionn desmanchou ao seu lado, sentindo a tristeza de mais cedo voltando a borbulhar.

— Tara e eu brigamos. Ela disse que era minha culpa a mamãe estar triste o tempo inteiro. Disse que é porque sou parecido com meu pai. Eu só queria ajudar. Queria conseguir o desejo antes do Bartley pra curar a mamãe.

— Ah. — O avô reclinou-se apoiado nas palmas das mãos, com os ombros erguidos na altura do pescoço. — Bom, faz sentido.

— Faz? — perguntou Fionn, chocado.

— Não a parte sobre sua mãe, Fionn. A parte de você pegar a vela e tentar resolver tudo sozinho — corrigiu-se o avô. — A teoria da Tara está longe de ser verdade.

— Mas como você pode ter certeza?

— Tendo, simplesmente — disse ele, cheio de confiança. — Tara talvez acredite nessa explicação porque ela é fácil e direta, mas assuntos do coração e assuntos da cabeça nunca são simples assim, Fionn. Sua mãe ama vocês dois. Ela me bombardeia de fotos e histórias de vocês desde que eu me lembro.

Honestamente, se eu mesmo não tivesse tanto investimento emocional, já teria denunciado ela por perseguição há muito tempo. — Ele sorriu para Fionn, seus olhos brilhando em meio ao cair da noite. — Ela te adora. Você não sente isso?

— Só às vezes — confessou o garoto.

— Você e Tara são como o sol no céu da sua mãe. A verdade é que ela nunca pôde se despedir do seu pai, nem de Arranmore. Levou o luto e o medo consigo na balsa naquele dia, e toda essa escuridão transformou-se em uma nuvem. Às vezes essa névoa tapa o sol e o encobre por um tempo. Você não é a tristeza, rapaz. Você é o *antídoto*. O fato de você se parecer com o Cormac é uma dádiva, Fionn. Não é algo que você deveria lamentar, não importa o que sua irmã diga no calor do momento.

Fionn olhou nos olhos do avô e viu o azul límpido de um mar de verão, a verdade brilhando além dele. Acreditou nele, e essa crença alterou o peso em seu coração.

— Eu só quero que ela fique bem de novo. De uma vez por todas.

— Existem muitos tipos diferentes de coragem, Fionn. Muitas vezes, as jornadas que fazemos dentro de nós mesmos são mais difíceis do que os mares mais turbulentos. — Ele bagunçou o cabelo do neto, e falou com uma voz suave e confiante: — Sua mãe tem um coração de guerreira e a alma de uma habitante da ilha. Algum dia isso irá guiar Evelyn McCauley para casa. Um dia aquele céu ficará límpido.

Fionn pressionou sua mão trêmula no peito, para acalmá-lo.

— Tente perdoar sua irmã, Fionn — disse o avô, com delicadeza. — Ela falou de um lugar de tristeza. A Tara tem um bom coração, apesar do que você pode achar.

Fionn assentiu, desanimado.

— Posso ao menos ignorá-la por um tempo?

— Claro. Você não precisa ser nenhum santo.

Durante o resto do dia e da noite seguinte, foi exatamente isso que Fionn fez.

Quando a irmã tentou falar com ele na cama aquela noite, o garoto colocou seu fone de ouvido e virou de costas para ela. Em seus sonhos, ele conseguiu

chegar ao fim dos degraus da falésia e encontrou a Caverna do Mar, repleta de possibilidades. Dentro dela, sua mãe o aguardava de braços abertos, com o sorriso mais amplo que ele já tinha visto.

Venha até mim, valente Boyle, cantava ela.

E veja a magia que eu posso tecer.

A mulher deu um passo à frente e a escuridão da caverna avançou junto com ela, que a vestiu em torno dos ombros como uma capa.

Venha visitar-me sob o solo.

E me deseje de volta junto a você.

Fionn sentiu a terra rachar sob seus pés. Quando piscou, viu que aquela mulher diante dele não se tratava de sua mãe, mas de alguém completamente diferente. Os corvos surgiram e o enterraram na escuridão. Fionn deixou-se levar, desesperado para esquecer o que tinha visto.



CAPÍTULO DEZENOVE

O SABOR MELOSO DO REMORSO

— **P** reparei o café da manhã — anunciou Tara na manhã seguinte, na porta do quarto. — Fiz rabanada. Sua favorita. Pensei que a gente podia comer no quintal, tipo um piquenique.

Fionn olhou para a irmã por debaixo do edredom.

— Por que...

— Tinha fatias de bacon também, mas queimaram. — Tara saltitou de um pé para o outro. — Comprei uma toranja no mercado também. Mas talvez seja um melão. Não sei diferenciar um do outro. Desculpa.

Fionn sentou-se na cama, coberto pelo edredom como se fosse um xale.

— Tudo bem...

Tara limpou a garganta.

— Não pelo café da manhã, Fionn. Quis dizer... Desculpa por ontem, pelo que o Bartley falou.

— Ah.

— Eu realmente disse aquelas coisas pra ele — admitiu Tara, sem conseguir olhar para o irmão. — Mas não acho que eu acreditasse nelas. Só estava com

raiva e irritada. O aniversário da morte do papai sempre faz com que eu me sinta esquisita. Às vezes é mais fácil culpar alguém pelo que aconteceu com a nossa mãe e... Não sei. Não era minha intenção ferir seus sentimentos. Então você pode, por favor, só comer a rabanada pra podermos deixar tudo isso pra trás? — pediu ela, antes de acrescentar rapidamente: — Prometo que ela não foi envenenada.

A importância daquele momento não se perdeu para Fionn. Era a primeira vez que Tara pedia desculpas por qualquer motivo que fosse. Ele girou as pernas para o lado da cama e se espreguiçou.

— Eu como a rabanada — informou à irmã. — E também vou aproveitar o sabor meloso do seu remorso.

Tara revirou os olhos.

— Não precisa deixar a situação esquisita.

Fionn sorriu para ela.

— Mas quem sabe quando isso vai acontecer de novo? Pode demorar mais cinquenta anos até eu vivenciar a autêntica experiência de um pedido de desculpas de Tara Boyle.

Tara exibiu um sorriso torto.

— Mas isso é só porque eu nunca estou errada.

Fionn soltou uma risada de um único rá.

— Vamos, então — disse ela, saindo do quarto com um gingado. — Antes que a comida fique fria.

Fionn seguiu a irmã até o lado de fora, ainda de pijama, onde o sol iniciava sua trajetória de subida pelo céu azul cerúleo. Tara havia transformado a bancada de trabalho do avô em uma mesa de piquenique improvisada, cobrindo-a com uma das mantas de crochê de sua avó e colocando um pequeno vaso de dentes-de-leão no meio. Fionn não teve coragem de contar para ela que as plantas eram ervas daninhas.

— Você soube o que aconteceu com o Bartley ontem? — perguntou ele.

— Soube — disse Tara, servindo três copos de suco de laranja. — Ele ficou bastante irritado.

Fionn pegou uma fatia de melão e a enfiou na boca.

— Não acredito que ele te contou.

— Não contou. — Tara destampou uma pilha fumegante de rabanadas e serviu duas fatias em seu prato. — Shelby e eu estávamos na casa do tio dele quando ele voltou. Foi... difícil não ver o cocô do pássaro.

Fionn não se preocupou em esconder a alegria em seu rosto ao fincar uma rabanada com o garfo e levar ao próprio prato. O cheiro estava delicioso, quentinho e amanteigado, familiar como se estivessem em casa. Como ainda não estava preparado para perdoar a irmã totalmente (ela continuava tendo péssimo gosto para namorados), resolveu não ser generoso demais com os comentários.

— Parabéns, Tara. Estão com uma cara comestível.

— Vou tomar isso como um elogio. — Ela se sentou de frente para ele, antes de gritar a todo pulmão: — VÔ, CAFÉ DA MANHÃÃÃÃ!

Fionn se encolheu.

— Ele tá aqui do lado, não na Sibéria.

— Sim, mas ele é velho — disse ela, espremendo uma quantidade alarmante de xarope de bordo na rabanada e usando uma fatia de melão para limpar o excedente.

Fionn abriu a lata de xarope dourado e enfiou a faca do lado de dentro, girando-a sem parar enquanto riachos de açúcar meloso caíam em sua rabanada.

— Bartley disse que você encontrou uma descida até a Caverna do Mar. — Tara deu uma mordida da rabanada, suas palavras saindo pegajosas e abafadas: — Como você conseguiu?

Fionn tomou um gole do suco de laranja.

— Usei minha intuição natural de aventureiro.

— Não, falando sério.

— Eu achei uma vela de *Maré baixa* no quarto do vovô e a queimei — explicou ele. — O mar foi todo drenado e eu encontrei um declive até a praia. Mas não cheguei a entrar na caverna. A ilha meio que enlouqueceu quando eu estava na metade da descida.

Tara ficou encarando o irmão.

— O vovô sabe?

— Infelizmente.

— Ele deve ter ficado furioso.

Fionn assentiu enquanto mastigava.

— Pelo visto, eu podia ter morrido de vários jeitos diferentes.

— Não acredito que você tentou ir sozinho.

Fionn exibiu um sorriso cheio de xarope para a irmã.

— Já não sou mais tão covarde assim, não é?

— Só é um idiota. — Tara balançou a cabeça, incrédula. — Estou aliviada que nada de ruim aconteceu com você. Podia ter sido *muito* pior.

— Foi o que ouvi dizer.

— Posso saber onde ela fica, então?

— Não — disse Fionn. — Não sei se confio em você.

Tara refletiu por um instante, enquanto mastigava. Então, abaixou o queixo, como se a conclusão do irmão fosse justa.

— E se nós formos juntos da próxima vez, só eu e você? Podemos usar aqueles degraus.

— Por que você iria querer isso? — perguntou Fionn, desconfiado. — Achei que você quisesse ir com o Bartley.

Tara repousou o garfo e inclinou-se na direção do irmão, falando tão baixinho que era como se estivesse com medo que os pássaros pudessem ouvir.

— Olha, eu não estou nem aí para o desejo do Bartley, Fionn. Sei que ele tá obcecado com a ideia de ser o próximo Guardião da Tempestade, e a avó dele não o deixa em paz por um minuto, mas acredito que é a ilha que deve tomar essa decisão, não os Beasley. E, de qualquer maneira, desde que não seja eu a escolhida, pra mim tanto faz quem será.

— Você não tem vontade? — perguntou Fionn, surpreso.

— Eu sou jovem e talentosa demais para ficar presa a essa pedra pra sempre. Como é que eu iniciaria minha carreira de atriz em Hollywood? — Ela engoliu o sorriso, voltando a ficar com a voz séria: — Pensei em usarmos o desejo para a mamãe. Quero que ela venha pra cá ficar com a gente.

— Por que você não me disse isso antes? — perguntou ele. — Pensei que tivesse perdido todos os seus neurônios.

Tara olhou feio para o irmão.

— Porque você estava sendo um mala.

Fionn revirou os olhos.

— E fazia mais sentido ir sem você, de qualquer maneira — acrescentou ela. — Assim, o Bartley não ficaria preocupado com a gente se aliando para enganá-lo.

— Tornando mais fácil que *you* pudesse enganá-lo — disse Fionn, cheio de admiração. — Pobre coitado do seu namorado idiota.

— Agora que sabemos exatamente como chegar lá, faz sentido nós dois irmos juntos. Queremos a mesma coisa. Não vamos entrar em nenhum tipo de discussão lá dentro.

— Acho que o vovô não ficaria feliz com nós dois tentando conseguir aquele desejo. — Assim que voltou a considerar a aventura, a ansiedade de Fionn manifestou-se novamente. — Ele disse que a caverna pode nos engolir.

— Não se estivermos juntos — afirmou Tara, ignorando o argumento do irmão. — É só uma questão de tempo até a maré voltar a se comportar. Bartley está tão perto quanto a gente. Talvez mais perto, com a ajuda daquele esquisitão do Ivan. Se o desejo vai ser gasto de qualquer maneira, por que não sermos nós a ficar com ele?

Fionn mordeu o lábio inferior, pensativo.

— Já passamos tanto tempo procurando por ele, você realmente quer desistir agora que ele está a nosso alcance? — insistiu Tara, aticando a determinação de Fionn com maestria. — A caverna é parte da ilha, Fionny. Dagda a deixou para nós. Será que ela é tão perigosa assim?

— Não sei — disse ele, inseguro.

— O vovô não vai ficar sabendo até a gente voltar. — Ela olhou para o prato, sua voz estremecida ao completar: — Nós devemos isso à mamãe, Fionny. Somos tudo que ela tem.

O coração de Fionn bateu dolorosamente. Tara estava com um sorriso triste igual ao de sua mãe, e naquele momento ficou tão parecida com ela que o garoto derreteu. Se havia uma chance de ajudar sua mãe, então eles tinham obrigação de tentar.

Baixou a voz para não ser escutado no quarto ao lado:

— Vamos amanhã de manhã, então. Teremos tempo suficiente para procurar outra *Maré baixa* enquanto o vovô estiver dormindo.

— E se o Bartley chegar à caverna antes disso? — sussurrou Tara.

— A maré não está dando trégua. — Fionn deu mais uma mordida na rabanada, o xarope açucarado explodindo em sua boca e fazendo suas papilas gustativas dançarem.

E ele também não sabe dos degraus secretos, pensou, satisfeito consigo mesmo.

— Ok. — Tara comeu mais uma garfada, seus olhos intensos de determinação.

Quando restavam apenas três rabanadas na pilha, seu avô apareceu.

— Ora, ora, ora. Estou sentindo um cheiro doce de reconciliação?

— É o xarope dourado — disse Fionn.

— Guardamos essas pra você. — Tara tilintou a borda do prato com sua faca.

— Mas estão um pouco frias, agora.

Seus olhos brilharam.

— Ah, rabanada! Meu favorito.

O velho sentou-se na cabeceira da bancada e comeu rapidamente as rabanadas, afogando-as primeiro em xarope de bordo e depois no xarope dourado, generosamente. Fionn observou o avô comer, seu olhar atraído para as rugas em sua testa e debaixo dos seus olhos. Ele parecia muito mais idoso naquele instante do que apenas alguns dias antes.

Fionn pensou novamente no desejo... na mãe deles em Dublin, lutando contra a sombra em seu interior... Em todas as coisas que vinham escapando por entre os dedos do avô recentemente: seus óculos, as horas, as pessoas...

Um desejo e duas angústias.

— Sabe, tem anos que eu não faço um piquenique — disse o avô. — Que excelente ideia, Tara. E que maneira apropriada de fazer uma homenagem ao seu pai hoje. Winnie e eu costumávamos levar o Cormac para piqueniques na praia o tempo todo. Tínhamos que revezar quem ia correr atrás dele quando ele fugia para procurar as *Merrows*.

De repente, surgiu um clarão violeta na visão periférica de Fionn. Seu olhar foi atraído para o céu, onde um arco-íris ganhava forma.

— Olha! — exclamou.

O avô virou o rosto na direção do sol, que espalhou raios luminosos por suas rugas até ele já não parecer mais tão senil quanto antes.

— Ah, uma dádiva.

As gaivotas voavam em círculos sobre eles, em silêncio, refletindo a luz do arco-íris em suas asas e pintando rodas de cores no chão.

— E tem outro ali! — exclamou Tara, empolgada.

Ali, um pouquinho acima do primeiro, um segundo arco-íris era pintado no céu.

— Um para cada um de vocês — disse o avô.

— Eles estão bem em cima do chalé! — Tara demonstrava um tipo especial de fascínio, que suavizava seu sorriso e dava um brilho em seus olhos. Fionn percebeu que não via a irmã daquele jeito havia muito tempo. Perguntou-se se ela também teria uma sombra, em algum lugar dentro de si. Se ambos teriam. — Parece que eles são só para nós.

— Parece, não é? — disse o avô, com os olhos cintilantes.

Tara e Fionn ficaram olhando para os arcos-íris até eles dispersarem suas cores pelo céu e se dissolverem no éter.

O avô comeu sua rabanada, mastigando alegremente, como se aquele momento fosse não apenas correto, como também distintamente esperado.

— Isso acontece todo ano? — perguntou Fionn.

— Claro que sim.

Foi então que o garoto entendeu por que o avô havia dedicado toda a sua vida a proteger os segredos daquele estranho lugar, e por que ele não se ressentia de Arranmore pela perda de seu filho. A ilha lembrava. A ilha se importava. E Fionn imaginou que ela talvez também lamentasse pelo que fora tirado deles.

— Então — disse o avô, depois de lambe cada última gota de xarope dos dedos. — O que temos na agenda para o resto do dia?

Tara afastou seu banquinho da mesa.

— A Shelby quer fazer um bolo para o aniversário da tia dela. Eu disse que daria uma mãozinha.

— Bom, isso é muito altruísta da sua parte, Tara, mas você tem que se lembrar de me trazer pelo menos três fatias escondidas.

— Pode deixar — disse ela, voltando para dentro do chalé.

O avô apontou seu garfo vazio para a testa do neto, enquanto fios dourados de xarope pingavam da ponta.

— E quanto a você, Fionn? Tem um tempinho para dedicar ao seu elegante avô essa tarde?

— O que você tem em mente?

— Pensei em te mostrar como as velas são feitas. Topa?

Fionn engoliu a súbita sequeidão em sua garganta.

— Eu *com certeza* topo.

O avô deu uma piscadela para ele, com a promessa do encantamento viva em seu sorriso.



CAPÍTULO VINTE

O SEGREDO DO GUARDIÃO DA TEMPESTADE

— **S**ó um minuto — disse o avô de Fionn de dentro do galpão, suas palavras pontuadas por uma cacofonia de clangores, estouros e pancadas. — De onde veio essa tralha toda? Mal consigo enxergar a dois centímetros do meu nariz aqui dentro...

Após uma busca que pareceu durar uma eternidade para Fionn, o velho finalmente desenterrou a caixa que estava procurando, escondida embaixo de um guarda-sol quebrado e enfiada no meio de uma coleção de discos antigos. Ele a carregou até sua bancada de trabalho, largando-a com um baque satisfatório. Em um dos lados da caixa, uma anotação em caneta Pilot preta dizia: *Artesanato de velas para iniciantes*.

No outro lado, havia nomes rabiscados em diferentes caligrafias, em sua maioria borrados e desgastados pela passagem do tempo. Fionn reconheceu o nome do avô entre *Maggie Patton* e *Ferdia McCauley*. Também havia outros Boyle, além de Canon, McCauley e Patton, mas o garoto levou quase um minuto para encontrar um Beasley — uma mulher chamada Bridget —, cujo nome estava escrito em um terceiro lado da caixa.

Fionn olhou para o interior da caixa. Ela consistia basicamente em moldes de velas — estrelas e esferas, quadrados e corações — e facas de talhar antigas. Havia sacolas com lascas e pedras de cera usadas amontoadas no fundo, pedaços de galhos e tiras de alga marinha espalhadas aleatoriamente pelo topo. Nada que sugerisse como seu avô juntava todos os ingredientes corretos, como destilava o cheiro de uma tempestade ou de um raio caindo no mar.

O velho ajustou os óculos na ponte do nariz.

— Certa vez você me perguntou por que eu registrava as condições climáticas.

— Sim — disse Fionn.

Ele colocou a panela de metal em cima da grade sobre o fogo.

— Nosso clima é magia elemental em seu estado puro, Fionn. Ele corre nas veias do Guardião da Tempestade tão seguramente quanto nosso céu. É a fonte do poder do Guardião da Tempestade. Armazenar o clima é armazenar a magia.

Fionn piscou, surpreso.

— Então você *guarda* o clima?

— Isso. — O avô balançou a sacola com pedras de cera. — Nós mantemos a magia por trás de uma chama, para podermos utilizá-la contra a escuridão de Morrigan, caso ela retorne.

Fionn pegou a sacola de cera com as mãos um pouco trêmulas. O momento era mais grandioso do que parecia à primeira vista. O simples ruído da cera no metal, a chama sibilando ao vento... Talvez um dia aquele fosse seu legado.

— Isso quer dizer que há uma maneira de usá-la? — perguntou ele, enquanto despejava a cera. — De liberar a magia?

O avô segurou um pavio entre eles, uma corda fina e comprida com um disco de prata redondo em uma das pontas. Ele virou o disco com um peteleco, e então o pressionou contra a parte de baixo de um dos moldes, rolando o pavio para frente e para trás entre os dedos, até ele permanecer reto.

— Nós ainda nem a colocamos, e você já está me perguntando como fazê-la sair?

Fionn repousou a sacola de volta na caixa de papelão sem tirar os olhos das lascas na panela... observando, aguardando...

— Você... — O avô de repente ficou rígido em seu assento. Deu uma fungada no ar e passou a língua no lábio inferior. — Ah. — Ele franziu a testa para a cera em derretimento, em vez de olhar para o sol, como se o astro fosse irrelevante para a questão. — A tempestade está vindo um pouco mais cedo do que eu esperava.

Fionn não se moveu.

— Como você sabe?

— Consigo sentir a mudança dentro de mim — disse o avô, ele mesmo mudando de posição em seu banquinho. A cera dentro da pequena panela estava transformando-se em uma poça branca e cremosa. Os olhos do avô brilhavam. Ele voltou-se para Fionn. — Um novo Guardião está surgindo.

— Agora?

Fionn baixou as mangas do casaco quando uma nuvem surgiu do nada e encobriu o sol. Sombras dançavam na bancada. Um bando de pássaros começou a voar em círculos acima deles, surgindo tão subitamente quanto. Não só gaivotas e corvos, mas também andorinhas, tentilhões e tordos, todos misturados. Quanto mais ele olhava, mais pássaros apareciam, observando os dois com enorme curiosidade. À espera de algo.

— Tem certeza?

O avô assentiu sombriamente.

— Acredite, rapaz. É evidente quando a magia começa a deixar o seu corpo, da mesma maneira que é evidente quando ela continua vibrando dentro de você, fazendo seu coração bater como um tambor.

— Você tá se sentindo bem?

— Estou me sentindo muito cheio e muito vazio. — Os óculos do avô caíram levemente em seu nariz quando ele abaixou o queixo para examinar o neto. — Você está se sentindo bem?

— Não estou sentindo nada — disse Fionn, ignorando o pavor que subia veloz por sua espinha. — E se não for eu? E se for outra pessoa?

O avô colocou a panela em cima da bancada e apagou o fogo.

— Fionn, no dia em que você desceu da balsa, a ilha acordou. Ela tem estado mais agitada nessas últimas semanas do que jamais esteve.

O garoto encarou o avô.

— As velas reagem a você de uma maneira totalmente diferente — prosseguiu o velho. — Você consegue queimar ceras que nunca foram inflamáveis. O vento te carrega aonde quer que você vá. É como se Arranmore reconhecesse você, não só nesta camada, mas em todas elas... — Então, o avô ficou em silêncio, descansando o queixo sobre o peito como se estivesse falando mais consigo mesmo do que com Fionn. — Eu acredito que ela está à sua espera faz um bom tempo.

A declaração do avô tinha um peso enorme, com espanto e impossibilidade mais que suficientes para se afogar, mas ainda assim ele não parecia intrigado nem surpreso... apenas conformado. E isso alimentou o nervosismo que, havia muito, estava aceso dentro de Fionn.

O garoto olhou fixamente para a cera derretida.

— O que vai acontecer com você quando a tempestade vier?

A essa pergunta, seu avô não ofereceu resposta.

Na súbita ausência dos cantos dos pássaros e da brisa, Fionn podia ouvir sua própria respiração inconstante.

— Você devia manter sua dádiva. Dizer para a ilha que ainda não está pronto pra entregá-la. — O menino afastou seu banco da mesa e se levantou. — Eu posso esperar. O Bartley pode esperar. *Todos* podemos esperar.

— Fionn — interrompeu o avô.

— Não, honestamente, eu estou bem.

— Fionn.

— Só estou com frio. Vou entrar dentro de casa e...

— Sente-se.

O garoto sentou-se.

Seu avô remexia a cera.

— Eu não tenho mais capacidade, Fionn. Estou perdendo a memória.

— Não — respondeu o garoto, baixinho, mas não conseguiu dizer mais nada. A mentira era grande demais para sair de sua boca.

— Passei minha vida inteira relembrando, Fionn. É natural que, em algum momento, eu fosse atingir meu limite. Que eu fosse começar a esquecer.

O céu estava cada vez mais escuro. Nuvens espessas cinzentas e negras haviam brotado do nada e se posicionado obstinadamente na frente do sol. O

cenário era idêntico ao que acontecia dentro de Fionn. Ele olhou para a cera na pequena panela e sentiu a insignificância de milhares de pores do sol e nevascas entre os dois. Seu avô tinha passado tantos anos capturando a magia da ilha, trabalhando com os olhos vermelhos e dedos cansados, que esquecera de fazer os registros de si próprio. Naquele momento, suas memórias escorriam por entre os dedos como areia. Quem se importava com magia, se era assim que as coisas terminavam?

— Então pare de colocar o clima dentro da cera e encontre um jeito de colocar *a si mesmo*, em vez disso.

— Já coloquei, Fionn.

As nuvens baixaram e outra camada delas emergiu por trás da primeira, expandindo-se pelo céu em grandes bolsões cinzentos. A escuridão invadiu a bancada, e mãos e rostos e braços e dedos encobertos rastejaram sobre Fionn, assim como a compreensão. Ela estivera lá o tempo todo — a silhueta dela, mas o garoto nunca havia entendido.

— A vela em cima da lareira. A memória... é *you*.

Seu avô abriu um sorriso discreto e verdadeiro, em resposta.

— O segredo do Guardião da Tempestade — disse o velho.

Fionn examinou o avô mais de perto, aquele homem que vivia com a ilha dentro de si. Aquele homem que, de alguma maneira, havia encontrado um jeito de registrar suas próprias condições para que pudesse se ancorar ao mundo. Por um período de tempo, ao menos.

— O que vai acontecer quando ela acabar? Você consegue fazer outra vela?

— Eu já estou mudado, Fionn. Quando a vela apagar eu esquecerei, de uma vez por todas.

Fionn mordeu o lábio inferior com toda força, para impedi-lo de tremer.

— Mas isso não é *justo*.

E essa era a verdade: nua e crua, e tão sombria quanto as nuvens de chuva sobre suas cabeças. Não era justo mesmo.

Seu avô continuou a mexer a cera, no sentido anti-horário, depois no horário, para um lado e para o outro, para um lado e para o outro.

— Existem coisas piores a temer, Fionn. Uma vida sem amor. Uma trajetória sem propósito. Um coração sem coragem.

— Você está com medo?

— Não, Fionn. Não estou com medo.

Em algum lugar a distância, um corvo solitário trançou seu grasnido por entre as nuvens descendentes.

— O céu está caindo — afirmou Fionn.

— O sol vai voltar a raiar — respondeu o avô.

Essas duas frases carregavam muito mais significado do que tudo que fora dito antes delas.

O garoto queria dizer algo mais. Queria dizer que amava demais seu avô, que ele foi a única pessoa do mundo que o fizera se sentir melhor de habitar seu próprio corpo, que ele era a estrela mais brilhante do céu de Fionn, que não suportaria ver o avô esquecer-se de um único fato sequer, ou descobrir que, entre todas as coisas de que ele esqueceria, o neto estaria entre elas. As palavras foram se amontoando na ponta de sua língua até ele se sentir cheio demais para falar qualquer coisa.

— Não se sinta mal por mim, rapaz — disse o avô, com a voz suave. — Eu preenchi minha mente com aventura, risadas e amor, e todas as histórias daqueles que me antecederam... — Ele inclinou-se na direção de Fionn até enxergar somente o mar ondulante em seus olhos, não as nuvens tempestuosas acima dos dois. — Sendo sincero, eu fui um tanto ganancioso, no final das contas.

Fionn não conseguiu conjurar um sorriso.

O avô suspirou.

— Já que você *insiste* em sentir pena, então tenha pena de si mesmo. Sua mente ainda está muito vazia.

Fionn franziu a testa, e a indignação tomou conta da vontade de chorar por um breve e precioso segundo.

O avô deu uma risada.

— Comece a preenchê-la, garoto. É essa a sua maior responsabilidade. Viver uma vida de sucessivos encantos, para que, quando ela começar a escapar de você, você ainda possa sentir a sombra da felicidade no seu peito e o sentimento de satisfação por ter rido o mais alto que pôde, amado o mais profundamente e vivido sem medo, por mais que os detalhes se percam.

Um feixe de luz surgiu entre a escuridão montante, esgueirando-se pela bancada até deslizar para dentro da panela de cera.

— É realmente isso o que você tá sentindo?

O avô tirou uma pequena bolsinha de couro da caixa de papelão e puxou um broche prateado de dentro dela.

— É exatamente assim que eu me sinto, Fionn. E é por isso que consigo agir de modo tão convencido em relação a essa situação toda.

Ele furou o próprio dedo e o manteve acima da panela. O movimento derrubou todas as palavras na mente de Fionn.

Restava somente o encantamento.

O encantamento e um céu furioso.

— Às vezes elas vêm lentamente — disse o avô, enquanto os dois fitavam seu dedo furado. — As chuvas, as nuvens e as precipitações de neve mais insignificantes podem ser manipuladas com facilidade... Mas as grandes, ah, as tempestades que transbordam magia e as nevascas mais intensas, Fionn, elas crescem dentro de você até você se sentir engolido por uma onda. Você se sente capaz de voar, caso se esforce o bastante.

Ele deu uma batidinha com o dedo na beirada da panela.

— O que exatamente é pra acontecer?

Assim que Fionn perguntou, uma única gota se espremeu da ponta do dedo indicador do avô e caiu dentro da panela de cera derretida. Ela aterrissou com um inconfundível *ping!*

Fionn arregalou os olhos.

— Isso não era sangue.

A verdade era simplesmente a seguinte: era o mar. Seu avô havia furado o dedo, e o mar tinha saído de dentro dele. A gota era límpida. O cheiro de sal, água do mar e alga marinha subiu pelas narinas de Fionn enquanto reverberava pela cera.

Era uma gota do oceano. Uma gota de magia.

— A primeira representa a ilha — disse o avô, chupando a segunda gota de seu dedo. Essa última era de sangue. — E a segunda gota é você.

Fionn tentou não pensar muito na quantidade de sangue do avô que tinha ido parar na vela em cima da lareira. Ele viu a cera mudar, de branca para

amarelo da cor do sol, com linhas douradas escuras abrindo caminho pela cera como estuários, até ficar parecendo mármore rachado. A cera tremeluziu e então mudou novamente, como se não conseguisse chegar a uma decisão. Ganhou espirais em vermelho, laranja e amarelo. Tons de verde e azul transformaram-se em índigo, e o índigo transformou-se em violeta.

O cheiro mudou. Em vez de mar, eram outras coisas: uma massa de pão em uma frigideira com manteiga, fios melosos de xarope açúcarado e fatias de toranja fresca. Não. Toranja não — o cheiro enfraqueceu e foi substituído por melão. Havia aromas de chuva refrescante e céu azul. Fionn conseguia imaginar perfeitamente: os raios de um sol ameno de verão passando por dois arcos-íris que faziam curvas perfeitas. E no fundo, por trás de tudo, o sussurro de sorrisos compartilhados e um amor intenso.

Quando Fionn percebeu, estava com um amplo sorriso no rosto. Seu avô havia engarrafado o piquenique daquela tarde.

— Sabe, às vezes eu me pergunto se existe mais magia na humanidade do que em um céu repleto de arcos-íris.

Ele segurou o pavio firmemente e despejou a cera pela lateral do jarro, as cores girando e se cristalizando contra o vidro.

— É isso? — perguntou Fionn. — Isso é todo o necessário?

O avô bateu as palmas das mãos para limpá-las.

— É isso, Fionn. Tudo que é necessário é uma gota da *ilha que vive e respira dentro de você*. — O velho bufou. — A maioria das pessoas ficaria impressionada, sabia? Acho que você anda jogando muito videogame.

Fionn olhou para os próprios dedos, movendo-os de um lado para o outro.

— Talvez eu tenha o mar dentro de mim?

— Já não parece besteira ter tanto medo dele?

Assim que o avô terminou de falar, os céus se abriram e a primeira gota de chuva catapultou-se em direção à terra. Ela aterrissou na ponta do nariz de Fionn. A gota seguinte caiu em cima de sua orelha e escorreu por seu pescoço. A terceira trouxe a tempestade consigo.

Seu avô guardou a caixa dentro do galpão e cobriu a bancada de trabalho com uma lona encerada azul, enquanto Fionn pegou a vela e enfiou os banquinhos debaixo da proteção. As nuvens moviam-se rentes ao mar e

traziam junto a água salgada, até passarem a impressão de o oceano estar caindo do céu.

Foram necessárias três tentativas para abrir a porta dos fundos contra a ventania súbita e violenta. Quando conseguiram, a direção do vento mudou e quase arrancou a porta das dobradiças, achatando o garoto contra a parede do chalé.

— Ainda vai piorar antes de melhorar! — gritou o avô, enquanto Fionn corria para dentro da casa, ambos fazendo força para fechar a passagem atrás deles.

Ela se fechou com um estrondo e os dois rolaram para trás, ofegantes. Os vidros das janelas balançavam enquanto uma refrescante chuva torrencial se despejava no chalé. Mal haviam entrado na cozinha quando a porta da frente foi escancarada, batendo contra o cabideiro e derrubando chapéus e cachecóis por todo o chão. Fionn olhou para cima e viu Shelby Beasley na soleira, seu cabelo longo colado aos lados do rosto como se ela tivesse acabado de sair de um filme de terror.

— Vocês têm que vir comigo agora! — gritou ela, quando um raio atingiu o promontório às suas costas. — É a Tara. A ilha a levou!



CAPÍTULO VINTE E UM

A CAVERNA DO MAR

O coração de Fionn batia com tanta força que ele podia ouvi-lo.
— O que aconteceu?

— Ela foi para a Caverna do Mar!

— Não — disse ele, e o avô ecoou sua resposta quase ao mesmo tempo. —
Ela não faria isso.

Shelby assentiu, balançando a cabeça veementemente.

— A maré mudou. Bartley chegou em casa enquanto estávamos cozinhando e disse que tinha achado algum tipo de escadaria secreta na falésia, mas que não podia descer até a caverna sozinho! A Tara foi com ele!

— Ela prometeu que ia me esperar! — disse Fionn, em pânico. — Era pra nós dois irmos juntos!

Shelby estava chorando tanto que parecia que alguém estava sacudindo a garota pelos ombros.

— A m-ma-maré n-não esta-tava b-baixa o su-suficiente, e-então eles tiveram que nadar para dentro da...

— O Bartley ainda está com ela? — interrompeu o avô.

Shelby balançou a cabeça em negação, tentando se recompor enquanto lágrimas silenciosas escorriam por suas bochechas.

— Bartley disse que a caverna começou a engolir os dois e ele não conseguiu puxar a Tara para fora. Tinha um monte de pássaros bloqueando o caminho, e aí a tempestade começou...

O avô de Fionn segurou um palavrão. Ele saiu correndo da sala de estar, resmungando para si mesmo enquanto desaparecia para dentro de seu quarto.

Shelby entrou no chalé aos tropeços, batendo os dentes em meio ao silêncio.

O avô saiu do quarto menos de um minuto depois, carregando uma velha mochila escolar em mãos.

— Temos que agir rápido.

Ele sacou um isqueiro do bolso e o largou dentro da mochila, antes de saltar até a poltrona na sala de estar e varrer algumas velas da prateleira mais alta também para dentro dela. Então, pressionou a mochila contra o peito do neto.

— Você sabe o que tem que fazer, rapaz?

Fionn pegou a mochila de suas mãos.

— Você não pode vir comigo?

Seu avô lançou um olhar para a vela ainda acesa acima da lareira, e então para a tempestade do lado de fora, contraindo as rugas do rosto inteiro.

— Tudo bem — disse Fionn, prontamente. O avô não podia deixar sua âncora para trás, não mais. Se o fizesse, estaria perdido muito antes de chegarem à caverna.

O garoto jogou a mochila com as velas nas costas.

— Eu vou — disse ele, reafirmando para si mesmo. — Eu vou.

O avô o segurou pelos ombros.

— A caverna a terá enterrado em algum lugar lá dentro. A maré está alta demais agora. Você vai ter que chegar por uma camada diferente para achar uma entrada. Comece com a *Refluxo*. É a mais fina. Ela vai puxar o oceano inteiro. — Fionn tentou focar-se nas palavras, em vez do medo que corroía seus ossos. Olhou para além do avô, para fora da janela. Nunca tinha visto o céu tão escuro, com as nuvens reluzindo nas beiradas. — Não importa o que

aconteça, não fique sozinho dentro daquela caverna, Fionn. Quando você achar sua irmã, fiquem juntos, entendeu?

Fionn pegou nas alças da mochila.

— Entendi.

Shelby e Fionn saíram aos tropeços na tempestade, a mão da menina encontrando a dele enquanto o portão se abria. O avô ficou parado na entrada da casa, com os dedos na moldura da porta enquanto se debruçava para fora.

— Cuidado, Fionn! — gritou ele, por cima do estrondo de um trovão. — A ilha vai responder, se você fizer as perguntas certas!

O garoto arrastou Shelby para o promontório antes que pudesse mudar de ideia. Um raio atingiu o mar em frente aos dois, fazendo irromper uma chama cuja fumaça os convidou a seguir adiante.

— Não acredito que o Bartley deixou a Tara sozinha lá dentro! — exclamou Fionn.

— Ele disse que foi tudo muito rápido!

— Aposto que teve tempo suficiente pra fazer o desejo idiota dele!

— Minha avó e meu tio falam disso sem parar — disse Shelby, ofegante. — Bartley quer tanto fazer o desejo, que fala sobre isso até enquanto dorme. Não consegue pensar em mais nada! — Eles pegaram um atalho pelo meio da ilha, seus pés chapinhando na grama alta, escorregando e deslizando de campo em campo, atolados pela chuva. — Mas eu sei que isso não torna o comportamento dele aceitável.

Fionn mal conseguia enxergar através dos lençóis de chuva congelantes. Seu coração batia desenfreado, e ele não sabia dizer o quanto disso era medo de perder sua irmã e o quanto era o anseio pela oportunidade que fora arrancada de suas mãos no último segundo.

Agacharam-se sob uma cerca de madeira empapada e andaram com a lama batendo em seus tornozelos.

— Olha! — gritou Shelby. — Estamos quase lá!

Um pedaço de alga marinha caiu do céu e fez um corte no rosto de Fionn. Ele manteve a cabeça baixa, passando por cima de outra cerca enquanto sangue escorria por sua bochecha.

Quando chegaram ao farol, depararam-se com Bartley todo encolhido atrás do edifício.

— Ei! — Fionn deu um chute na canela do garoto. — Cadê minha irmã?!

Bartley levantou a cabeça, seu rosto manchado de lágrimas.

— A caverna pegou ela! Eu não consegui salvá-la! Não deu tempo!

Fionn o chutou de novo, com mais força desta vez.

— Mas deu tempo de se salvar! Que belo Guardião da Tempestade você vai ser!

— Cadê o Malachy? — perguntou Bartley, direcionando seu pânico para Shelby. — Eu falei pra você trazer o Malachy! Ele que é o maldito Guardião da Tempestade!

— Ele não vem! Nós estamos por conta própria!

— Nós? — disse ele, levantando-se cambaleante. — O que *nós* podemos fazer?

— Nós podemos *ajudar*! — gritou Shelby, mais alto e de forma mais agressiva do que Fionn jamais a ouvira. — Podemos voltar lá embaixo e fazer alguma coisa!

— Eu quase *morri*! — disse Bartley, com os olhos arregalados. — Eu não vou chegar perto daquele lugar de novo! Já chamei a vovó! Ela e Douglas estão a caminho! Eles vão saber o que fazer, já que o Malachy parece não se importar o bastante!

— Covarde. — Fionn cuspiu. Em qualquer outra ocasião, Bartley teria ouvido uma série de xingamentos por ter falado mal de seu avô, mas o céu trovejava violentamente e a tempestade já ganhava um tom roxo nas beiradas. O tempo estava se esgotando.

Fionn sacudiu a mochila para a frente do corpo e vasculhou seu interior. Os dedos do garoto tremiam intensamente e sua cabeça estava a mil por hora.

A tempestade girava ao redor da ilha como um tornado. Parecia que ela arrancaria o farol do chão a qualquer momento e o arremessaria para o mar. A maré subia e descia constantemente, alta em certo instante e baixa no minuto seguinte, como se não conseguisse tomar uma decisão. As ondas lançavam-se contra a base da falésia, espancando e chiando ao quebrar nas rochas pontudas.

Shelby deu um grito e se encolheu contra a parede do farol quando sentiu algo pequeno e rígido passando rapidamente por seu ombro.

— É um *caranguejo*? — perguntou ela.

Bartley pegou um tufo de coral neon no cabelo da garota e o segurou em frente ao próprio rosto.

— De onde veio *isso*?

Fionn encontrou a vela *Refluxo* e a segurou com força em seu punho.

— Qual é essa? — perguntou Bartley, voltando sua atenção para Fionn.

— Encontrem um abrigo — disse Fionn, de olho no tornado enquanto procurava o isqueiro.

— O que você vai fazer? — perguntou Shelby, saltando para o lado ao ver uma água-viva rosa sobrevoar sua cabeça.

Fionn encontrou o isqueiro e abriu sua tampa.

— Vou afundar o oceano.

Bartley soltou um gritinho quando um cardume de cavalas passou voando por eles.

Fionn já estava se afastando dos dois. Ele seguiu pelo promontório até descer a encosta, deslizando sobre lama e gramado enquanto o mar chovia em cima dele.

— Me deixa ir também! — exclamou Shelby, derrapando atrás de Fionn. — Eu posso ajudar!

— Vocês dois são loucos?! — gritou Bartley, de sua posição segura ao lado do farol. — Tem pessoas vindo socorrer a gente!

Fionn sabia que isso era irrelevante. Não havia ninguém no mundo que pudesse salvar sua irmã no momento. Ninguém além dele próprio.

— Não tente me seguir pra dentro da caverna! — gritou Fionn, por sobre o ombro. Shelby a essa altura já estava muito atrás dele, tropeçando em meio à lama densa. — Esperem a maré descer de novo. Talvez precisemos que alguém nos tire de lá!

Quando chegou à beirada da falésia, ele curvou-se sobre a vela para protegê-la da chuva e então levou a chama ao pavio da *Refluxo*.

Ela acendeu imediatamente.

A ilha inspirou profundamente.

O céu silenciou-se. A chuva diminuiu até tornar-se um chuveiro e os trovões se dissiparam enquanto Fionn afundava a uma camada diferente de Arranmore. A água foi arrastada para longe da encosta, e as ondas recuaram para dentro do mar até que a praia emergiu embaixo dele.

Fionn se agachou para começar a descer a escadaria em ruínas.

Manteve os olhos fixados em seus pés. Os degraus continuavam rachados, e alguns simplesmente não estavam mais no lugar. O garoto foi descendo, descendo, descendo, seguindo a maré em refluxo, enquanto corvos surgiam do céu para incentivá-lo a seguir adiante. A ansiedade roncou em seu estômago. Era um sinal de alerta, todo feito de penas negras guinchantes, mas ele não podia voltar. Não enquanto Tara estivesse em apuros. Respirou fundo e prosseguiu.

A boca da Caverna do Mar emergiu do oceano em recuo. Fionn continuou na escalada, arranhando os dedos contra a pedra ao ser obrigado a saltar os vãos entre os degraus. A chuva havia cessado e uma névoa espessa passou a encobrir o mar como um véu. A escadaria foi tornando-se mais íngreme, mas também foi ficando mais completa perto da base, onde os degraus não haviam sido desgastados pelo tempo e por aspirantes a exploradores.

Quando Fionn chegou ao fim da escadaria, a ilha foi tomada por um silêncio sinistro. O garoto sentiu-se vigiado pelo lugar, parado em frente à Caverna do Mar. A entrada parecia muito maior, agora que estava diante dela, e gigantesca em comparação à sua altura.

Um pequeno fluxo de água do mar atravessava o banco de areia e escoava para dentro da caverna, como uma serpente. Fionn decidiu segui-lo.

A ilha observava seus movimentos.

— Tara? — O nome ecoou de volta para ele, pontuado por sua própria respiração ofegante.

A escuridão na caverna não parecia ser de origem natural, e permaneceu inabalável apesar da chama em seu punho. O garoto não conseguia enxergar os próprios pés enquanto os arrastava adiante, tropeçando em pedras no caminho e escorregando em algas marinhas. Ele iluminou a parede, mas não viu nada além de gotas d'água escorrendo pela pedra entalhada.

— Tara! — gritou ele.

— Tara! — ecoou a caverna.

Seu avô tinha razão. Havia algo mais ali, algo que ia além da magia antiga da ilha. Algo que tornava o ar pesado, a escuridão mais densa, e, à medida que o garoto adentrava a caverna em direção ao abismo, algo que acariciava suas orelhas e sussurrava para ele.

Venha até mim, valente Boyle.

Quanto mais Fionn andava, menos acreditava que aquele lugar velho e sussurrante tinha fim. Mal conseguia enxergar o próprio nariz ali dentro, e estava com medo da voz que chamava seu nome na escuridão. Jogou a mochila para a frente do corpo e vasculhou dentro dela até encontrar *Nascer do sol*, pouco discernível por seu fraco brilho âmbar. Ele nunca havia feito aquilo antes, queimar duas velas ao mesmo tempo e costurar duas camadas totalmente separadas, mas sabia que não era impossível. Só precisava ser bastante cauteloso.

— Por favor — murmurou ele, apelando a qualquer tipo de magia que estivesse dentro da caverna, a qualquer vestígio de magia presente na vela. — Por favor, funcione.

Fionn prendeu a respiração ao acender a *Nascer do sol*. A ilha reagiu com mais um forte suspiro. A chama lutou para abrir caminho em meio à escuridão, o vento mudando ao redor do garoto enquanto ele segurava uma vela em cada mão, como espadas.

Em algum lugar a distância, veio o canto de um pássaro. A voz no ouvido de Fionn silenciou-se à medida que o sol foi derramando seus raios dentro da caverna e a rocha foi iluminada com enormes bolsões de luz. Ele suspirou aliviado, o ar tremeluzindo à sua volta enquanto as camadas se mesclavam, a maré baixa e o sol nascente.

Fionn podia enxergar tudo.

Estalactites de cristal penduravam-se do teto como lustres. Fionn viu seu cintilar ao passar sob elas, navegando por entre as espirais que brotavam do chão. O cheiro de sal e água marinha pesava no ar, e a umidade grudava-se à sua pele enquanto o garoto seguia em frente, em direção ao núcleo da caverna. Havia conchas por toda parte — pérolas e prateadas, azuis e douradas, e, à

medida que Fionn andava, mais conchas brotavam do chão feito moedas, implorando para serem pegas.

Ele não ousou.

Então, passou a sentir a presença da ilha ainda mais intensamente. O nascer do sol havia iluminado tudo — tanto o evidente quanto o oculto. A magia emanava do solo como vapor e murmurava no ar como sinos de vento.

Não restava dúvida de que a caverna era encantada.

E em meio à magia incompreensível e inevitável, Fionn ouviu o choro de sua irmã.

Era um eco. Tara não estava exatamente ali, naquela camada estranha que Fionn havia costurado a partir da *Nascer do sol* e da *Refluxo*. Mas estava próxima. O garoto tentou seguir o som, mas ele estava oscilando, como uma estação de rádio com sinal fraco. A caverna começou a ficar mais íngreme, e um caminho descia até o coração da ilha.

As velas estavam queimando rápido demais, e a luz do sol já começava a desaparecer atrás de Fionn, raio após raio. Quanto mais aprofundava-se na caverna, mais rapidamente a cera derretia. Quando o eco de Tara enfim dissipou-se totalmente, as velas haviam criado poças de cera em seus punhos.

As chamas se apagaram, uma após a outra. Primeiro a *Refluxo*, então a *Nascer do sol*. Fionn parou onde estava, o coração martelando.

Ele não conseguia mais ouvir a irmã.

Não conseguia ver a entrada, nem sequer o caminho que o havia guiado até ali.

Tinha se perdido.

Do lado de fora, a maré provavelmente estaria entrando na caverna. Dentro, a escuridão tornava-se cada vez mais densa. O tempo estava se esgotando.

Uma gota caiu do teto da caverna em uma poça aos seus pés, produzindo um *ping* que ecoou ao seu redor. A água ondulou, adquirindo um tom de azul escuro e reluzente. Fionn olhou fixamente para o azul, até que o azul o encarou de volta e deu uma piscadela, e tudo ficou subitamente claro em sua mente.

A ilha vai responder, se você fizer as perguntas certas.

Fionn respirou fundo e, com toda a coragem que conseguiu reunir, disse à magia, à caverna e à ilha sussurrante acima dele:

— Meu nome é Fionn Boyle, filho de Evelyn McCauley e Cormac Boyle, neto de Winnie e Malachy Boyle, e eu desejo ter minha irmã de volta.

Uma estalactite despencou ao lado de sua orelha esquerda, rachando em mil cristais que despencaram no solo e desapareceram. Fionn ergueu a cabeça.

— Quero que minha irmã volte para mim — disse ele, mais alto desta vez.
— Venho em nome do Guardião da Tempestade de Arranmore e quero minha irmã de volta!

A ilha roncou.

Por um instante, Fionn sentiu que não estava dentro de uma caverna, mas sim no estômago de uma baleia gigantesca e terrível. Ele fechou seus dedos manchados de cera em punho enquanto o chão borbulhava sob seus pés. Conchas rolavam sobre conchas, e safiras e rubis brilhavam na escuridão. Estalactites adornadas com joias formaram-se à sua volta, rastejando em torno de suas orelhas. As estalactites fundiram-se com estalagmites que brotaram do chão, até que Fionn viu-se cercado por uma centena de colunas cintilantes — componentes de um palácio de mármore sob a ilha.

A caverna acalmou-se, e então não houve nada além do silêncio.

— Tara? — O vento circundou o garoto e carregou seu chamado para o fundo da caverna.

Cinco batimentos cardíacos.

Dez batimentos cardíacos.

E então...

— Fionn?

O coração do garoto deu um salto em seu peito.

— Tara? Cadê você?

— Eu... Eu n-não sei — disse a voz de sua irmã.

Em uma das extremidades daquela estranha câmara, as paredes abriam-se em uma passagem estreita. Fionn teve que se espremer para passar, prendendo a respiração e andando com o queixo levantado, para não arranhar o rosto. Foi seguindo passo a passo, com os braços esticados e colados ao corpo, até que

chegou ao fim, onde um pequeno buraco fora esculpido na pedra. Pressionou o rosto na abertura e olhou para dentro da fenda.

— Tara?

Apertada dentro de um buraco pouco maior do que ela mesma, a irmã de Fionn estava encolhida como uma bolinha. Ela olhou para ele e piscou, o branco de seus olhos brilhando na escuridão.

Então, Tara se debulhou em lágrimas.



CAPÍTULO VINTE E DOIS

O ÚLTIMO BARCO SALVA-VIDAS

O alívio de Fionn não durou muito tempo.

— Saia daí — disse ele, dando alguns passos para trás.

Tara prensou o rosto pela brecha e encarou o irmão com os olhos arregalados de medo.

— Nós vamos nos afogar — sussurrou ela. — A caverna vai nos afogar pelo que fizemos.

— Não se a gente se apressar — insistiu Fionn, estendendo o braço para dentro do buraco e puxando a mão da irmã. — A maré está voltando!

Tara se espremeu pela abertura minúscula, soltando um ganido ao cortar o ombro na pedra. Seu suéter estava repleto de rasgos e havia marcas de lama em seu rosto.

— Desculpa, Fionny. Eu sei que não devia ter vindo sem você, mas o Bartley ia tomar o desejo, comigo ou sem mim. — Ela entrelaçou os dedos nos de Fionn, como se estivesse com medo de que ele pudesse soltá-la. — Queria fazer o desejo antes dele.

— Você não devia ter se arriscado — respondeu Fionn, com firmeza.

As paredes começaram a se afastar uma da outra, abrindo-se para a caverna de colunas adornadas e pedras cintilantes. Os dois correram para o cerne da caverna, pisando em conchas enquanto a água salgada infiltrava seus tênis e se acumulava entre os dedos dos pés.

Sombras espreitavam nas paredes e rastejavam sobre eles.

A ilha estava se transformando.

Tara chocou-se contra o irmão quando o mar começou a invadir a caverna.

— A maré tá subindo!

Fionn puxou-a pela mão e continuou em frente. As colunas de pedra fizeram cortes, nas mangas de seu casaco enquanto os dois andavam aos tropeços na escuridão. Ele pôde sentir o sangue escorrendo em sua pele, os cortes frescos em seus braços ardendo pelo contato com a água salgada. A caverna parecia muito maior naquele instante, e muito mais profunda do que antes. Era a escuridão pregando uma peça nos dois.

E então, uma centelha de esperança.

— Ali! Olha! — gritou Tara, apontando para frente.

Fionn vislumbrou o brilho de um céu nublado a distância.

— Depressa!

A água escalou suas canelas e então seus joelhos enquanto eles corriam, e quando atingiu seus quadris e a saída continuava fora de alcance, Fionn decidiu vasculhar a mochila em busca de mais uma vela. Sua pele estava toda manchada de cera, escorregadia e deslizando em meio às últimas ferramentas à sua disposição. Uma das velas saiu rolando da mochila na escuridão e caiu na água com um som de *plop!*

— O que você tá fazendo? — disse Tara, em pânico. — Mais rápido! Temos que andar mais rápido!

A essa altura, a água já batia em seus umbigos. Fionn achou uma vela, mas ela escorregou de sua mão enquanto ele lutava para acendê-la.

A água já quase cobria seu peito.

— Não temos tempo! — gritou Tara, enquanto Fionn tentava pegar outra vela. — Temos que continuar!

Fionn olhou para a tira de céu nublado diante deles.

Então, empurrou a irmã na sua frente, enroscando a mão no capuz dela enquanto eles prosseguiram meio a nado, meio a pé em direção à boca da caverna.

— Você primeiro.

— Mas...

Fionn a empurrou com toda sua força, mas o balanço da maré forçou os dois para trás. Em algum lugar em seu subconsciente, a caverna voltava a sussurrar.

Venha até mim, valente Boyle...

— Tente nadar — disse Fionn, ofegante, sem conseguir passar pelas ondas que quebravam na boca da caverna.

— Não consigo — respondeu Tara entre dentes, sendo jogada contra o irmão.

E veja a magia que eu posso tecer...

Do lado de fora o céu tremeluzia, faixas de cinza e roxo cortavam as nuvens enquanto Arranmore se reconstituía.

A maré subia cada vez mais.

Venha visitar-me sob o solo...

Foi então que Shelby Beasley apareceu. Seu cabelo estava encharcado, seu corpo submerso na água enquanto ela flutuava para cima e para baixo na boca da caverna.

— Tara! Fionn! Aí estão vocês! — A garota se ancorou a uma pedra e debruçou-se para dentro, estendendo o braço. — Rápido! Segurem minha mão!

Fionn empurrou a irmã, usando cada último resquício de suas forças para impulsioná-la para além da corrente. Tara tentou alcançá-la, alongando os dedos ao máximo à meia-luz, antes de finalmente fechá-los em torno da mão de Shelby. O garoto cambaleou para frente, soltando o capuz da irmã quando Shelby a puxou para o outro lado.

E me deseje de volta junto a você...

Tara virou-se para Fionn enquanto as ondas batiam em suas costas.

Ele tentou pegar a mão da irmã no momento em que uma onda quebrava entre eles, lançando espuma por toda parte e fazendo os dedos do menino fecharem-se no vazio.

A corrente o puxou para trás.

— Ela quer te prender! — gritou Tara.

— Tente nadar! — exclamou Shelby por sobre o ombro. — Tente nadar até a gente!

Era tarde demais para isso. Fionn não era um bom nadador, mesmo na melhor das circunstâncias. A corrente era muito forte, a maré, muito alta, e continuava subindo. Se eles permanecessem ali, em pouco tempo seriam engolidos.

— Eu tenho velas! Salvem-se, vocês! — gritou Fionn, antes de uma onda atingi-lo e despejar água salgada em sua garganta.

O garoto saltou e cuspiu a água, erguendo rapidamente a mochila sobre a cabeça. Duas outras velas caíram dela e flutuaram para o breu. A corrente o arrastou para trás, em direção à voz que o chamava de dentro daquela camada estranha e sombria no interior da rocha.

Encontre-me onde os corvos se juntam...

Os corvos guinchavam freneticamente do lado de fora da caverna. Eles se aglomeraram em frente à entrada, bloqueando sua visão de Tara e Shelby. Fionn só podia torcer para que elas tivessem lhe dado ouvidos e se salvado.

E me desperte do sono infinito...

Mais uma onda o encobriu. Em meio à água turva, o garoto tentou pegar outra vela, mas seu pânico se intensificou ao perceber que era a última. Ele a segurou firme antes que a vela pudesse escapar.

Fionn puxou o isqueiro do bolso enquanto a mochila flutuava para longe. Prendeu a respiração quando mais uma onda o arremessou para trás e um pilar de pedra rasgou sua calça jeans na altura do joelho.

A voz ficava cada vez mais impaciente. Ela começou a subir o tom, como uma ária aterrorizante à medida que as sombras se esgueiravam para fora da caverna como esqueletos.

Desenterre-me das rochas que avultam...

Fionn estava sendo empurrado pelo mar e puxado pela escuridão. Não estava mais sozinho. Não. Nunca estivera sozinho naquele lugar.

E me dê sua alma neste rito!

Havia mais alguma coisa com ele, e não era a magia da ilha. Não mais.

Covarde!

Fionn imaginou garras de pássaros arranhando seu pescoço, uma respiração gélida em seu ouvido. O medo envolveu seu coração como um punho cerrado e o arrastou até seu estômago. Ele não conseguia respirar direito. Não conseguia pensar direito. Sentia somente o terror e uma dor profunda no interior de sua alma. As sombras estavam cercando-o como um enxame, suas silhuetas ganhando contornos esqueléticos, corcundas.

Você pertence a mim!, gritou a voz. Você sempre pertenceu a mim!

Fionn forçou a vista para enxergar a última vela. Estava escuro demais para saber se a memória final subiria o nível da água até o teto da caverna e terminaria por coroar sua morte certa, ou pior, uma eternidade sem alma. Porém, as probabilidades já estavam contra o garoto, e o desespero arrastava-se sobre ele como uma mortalha.

Levou o isqueiro ao pavio e chama ganhou vida em suas mãos. A maré subiu acima da boca da caverna. Ele segurou a vela nos últimos centímetros de espaço acima da linha da água enquanto esforçava-se para nadar para a entrada. O vento puxava sua gola, tentando ajudá-lo.

Os pulmões de Fionn queimavam e ele começou a afundar. A caverna entrelaçou algas marinhas em seu cabelo e enfiou caramujos em seus tênis, empenhando-se em afogá-lo. Enguias acariciaram seu rosto, tudo isso enquanto a voz continuava cantarolando para ele na escuridão. Ela era suave no momento, o sussurro cuidadoso de uma serpente sorridente.

Eu conheço você, Fionn Boyle.

Eu me lembro de você.

Você se lembra de mim?

As palavras balançaram seus ossos até invadirem cada centímetro de sua pele, cada gota de seu sangue. O punho que envolvia seu coração apertou.

A voz ficou mais alta.

Eu me lembro de você, arrulhou ela. Seu coração mole. Sua alma trêmula.

Tenho um lugar para você na escuridão.

Não. Fionn fincou suas unhas na cera. Ele não se renderia à escuridão. Não importava o quanto suas pernas estivessem cansadas, o quanto sua cabeça

estivesse pesada... não importava o quanto fosse tentador desistir, engolir um pulmão inteiro de água e flutuar em direção à escuridão eterna...

Tenho um lugar para você ao meu lado.

Os corvos invadiram a caverna, cobrindo-o feito uma cortina de penas guinchantes. Começaram a bicar a vela, mordiscando seus dedos até sangrarem.

Fionn a segurou com mais força. Não.

Ele não se entregaria, por mais que estivesse exausto.

Ele não se entregaria, por mais que estivesse assustado.

Ele não se entregaria, não tão rápido.

Fionn tomou impulso e bateu as pernas, a vela em seu punho balançando perigosamente sobre a linha da água. Então, emergiu, sua cabeça na superfície em meio a asas que batiam freneticamente e bicadas ferozes. O vento puxou seu cabelo. *Por aqui*, parecia estar dizendo. *Siga a memória.*

Adiante, uma faixa de céu claro apareceu para além da boca da caverna. De alguma forma as ondas estavam sendo contidas, ao menos o suficiente para Fionn conseguir ficar na ponta dos pés. Ele tomou fôlego, golpeando os corvos com a vela flamejante enquanto estreitava os olhos para o fragmento de luz.

Havia um barco salva-vidas estacionado, barrando a entrada da caverna. Era pequeno, achatado e laranja-claro, com cordas amarradas no bordo e um motor zumbindo na popa.

Em pé, no meio do barco, encontrava-se o pai de Fionn.

Fionn entendeu com uma súbita e ensurdecadora clareza.

A vela em seu punho era a *Cormac*.

E *Cormac* tinha vindo a seu resgate.

Fionn chafurdou na direção da encarnação de todos os desejos que ele já havia feito. Em meio a bicos e penas e escuridão, seus dedos seguraram firmemente a cera. Quando estava quase chegando à boca da caverna, com dois litros de água salgada gorgolejando no estômago e um bando de corvos raivosos às suas costas, *Cormac Boyle* debruçou-se sobre o bordo do barco e estendeu a mão.

— Vou puxar você, rapaz!

O garoto piscou para escoar a água de seus olhos. Não sabia dizer se eram do oceano ou se eram suas próprias lágrimas que o atormentavam, apenas que a vela estava queimando rápido demais e seu pai se dirigia a ele com uma voz que era igualmente estranha e familiar.

Segurou a mão do pai e sentiu algo explodir no centro de seu peito.

Cada cavidade de seu coração estava vibrando de reconhecimento.

— Cuidado com essa vela! — gritou Cormac, de olho na chama enquanto levantava o garoto. — Mantenha ela acesa! Isso aí, rapaz. Quase lá. Sobe aqui!

Ele puxou o garoto sobre a beirada do barco. Fionn rolou para dentro e caiu de costas, ofegando e olhando para o céu resplandecente. O pai o observou de cima, exibindo aquela mesma curiosidade ardente. Ele tinha o mesmo nariz de Fionn, o mesmo cabelo escuro levemente cacheado nas pontas, as mesmas pernas longas e ombros estreitos.

Os mesmos olhos azuis da cor do mar.

Era como se Fionn estivesse olhando para um espelho distorcido, um espectro de seu futuro e de seu passado diante dele.

— Você tá bem, rapaz?

— Eu... — O barco deu uma guinada e Fionn quase caiu para fora. Segurou-se a uma corda, brandindo a vela prestes a se extinguir como uma espada, enquanto o pai puxava-o de volta. A tempestade lançou os dois ao mar, fazendo o barco tombar para um dos lados enquanto a chuva os castigava.

Cormac agachou-se na beirada do barco e foi conduzindo-o pela encosta da ilha enquanto a maré ia puxando a embarcação para baixo, para baixo e para baixo. Havia um buraco enorme no barco salva-vidas. Uma pedra devia tê-lo cortado de ponta a ponta enquanto ele ainda estava boiando na boca da caverna.

Eles estavam afundando. E rápido.

Enquanto o mar subia de encontro aos dois, tudo fez sentido, súbita e terrivelmente, na mente de Fionn.

Hoje era 14 de julho de 2006.

Hoje era 14 de julho de 2018.

Seu pai estava prestes a morrer, novamente.

Fionn levantou-se cambaleante, a chama do tamanho de um grão de pimenta enquanto ele oscilava pelo pequeno barco.

— Meu nome é Fionn Boyle!

O tempo gaguejou por um longo instante.

O pai olhou para ele, revelando um brilho nos olhos.

— Eu sei seu nome, rapaz.

O mar soluçou, fazendo com que Fionn tropeçasse.

Cormac estendeu seu braço livre para estabilizar o garoto, e Fionn segurou a manga de sua camisa com tanta força que acabou rasgando-a. A vela já havia se tornado uma poça de cera. Ele tinha entre dez e vinte segundos, no máximo.

— Você vai ser corajoso agora, não vai, Fionn? Preciso que você seja corajoso para encarar o que está por vir.

A maré virou e uma onda gigantesca quebrou na lateral do barco. Fionn quase foi derrubado na água. Seu pai o puxou de volta, sendo segurado pelo tronco, de forma que o garoto ficasse ancorado a ele.

Fionn olhou para o pai.

— Por favor, não solta — disse ele, sua garganta dolorida. — Por favor, não me deixa.

— Você vai ficar bem, rapaz — disse o pai, seus olhos azuis cintilando. — Você é o mais forte de todos nós. Você vai ver.

A água batia em seus joelhos.

— Está pronto, filho?

Fionn balançou a cabeça.

— Não, não, não, não, não, não, não estou pronto, não estou pronto.

O pai atirou o garoto para fora do barco que afundava.

Fionn foi lançado no ar e caiu em frente aos degraus da falésia com um baque doloroso no exato momento em que a vela se apagava.

A ilha estremeceu.

A tempestade uivou em despedida.



CAPÍTULO VINTE E TRÊS

DESEJOS DE GUERRA

Fionn engatinhou degraus acima de modo desajeitado, o mar abocanhando seus tornozelos. O mundo se reconstituiu, as nuvens movendo-se através das camadas acima dele, até que o garoto se encontrou de volta ao lar com a mesma tempestade pairando no ar. Quando estava quase no topo dos degraus, onde a escadaria se mesclava com a falésia, olhou de soslaio por sobre o ombro. As ondas estavam começando a se acalmar e a chuva havia cessado.

O barco salva-vidas tinha sido engolido nas camadas salgadas do mar.

Seu pai também se fora.

Era como se ele nunca tivesse estado ali.

Está pronto, filho?

Fionn reviveu aquelas palavras repetidamente durante a escalada.

Rostos olhavam para ele lá de cima. O bigode de Douglas Beasley contraía-se veementemente enquanto sua voz ressoava pela ilha.

— Ele está vivo! Ele tá aqui nos degraus!

No topo da falésia, Ivan abriu caminho por entre a multidão que se formava e estendeu a mão para o garoto.

— Bom, isso é um milagre.

Fionn pegou sua mão e levou um choque nas pontas dos dedos. Os olhos de Ivan se arregalaram como luas, e no fundo deles Fionn pôde enxergar o vazio perturbador pela primeira vez. Não havia íris, somente a escuridão voraz de uma existência sem alma. O homem afrouxou o aperto e Fionn cambaleou na beira do precipício. Ele agarrou o suéter de Ivan, alargando a gola o suficiente para revelar uma tatuagem de espiral por baixo.

— *Sabia* — disse ele, com um suspiro.

Ivan tropeçou para trás, puxando Fionn consigo para cima da falésia e caindo na grama encharcada. Eles se encararam por um instante pavoroso, até que Ivan encolheu os lábios e disse:

— Você a ouviu? Ela falou com você?

Fionn se levantou cambaleante.

— E-ela está enterrada — disse ele, com o peito ofegante. — Está morta.

— Então por que ela me convocou? — Ivan levantou-se e andou na direção do garoto, seus olhos brilhando de satisfação. — *Ela despertará quando o garoto retornar.*

— O-o quê? — disse Fionn, afastando-se do homem.

— *Ela ascenderá quando o Guardião da Tempestade sangrar por ela* — disse ele, alegremente. — *Ela chegará ao poder com as almas dos descendentes. E a escuridão reinará mais uma vez.* — Ivan olhou para o céu claro e então enfiou-se no meio da multidão, com um grande sorriso estampado no rosto. — Nós vamos nos encontrar novamente, Fionn Boyle.

Fionn mal tinha conseguido recuperar o fôlego quando Elizabeth Beasley abriu caminho entre a equipe de busca e resgate e segurou o garoto pelos ombros. Ela o puxou para perto até praticamente encostarem os narizes, seus olhos de carvão cintilando.

— É você? — perguntou ela, sacudindo-o. — Não consigo ver. Não sei dizer.

Bartley apareceu ao seu lado.

— Vó — chamou o garoto, tentando puxá-la para trás. — Vamos dar um minuto a ele.

— Ah, fica quieto, Bartley! Você quase fez a gente perder tudo hoje! Estou tentando ver se você conseguiu fazer o certo! — Ela estreitou os olhos, saliva

começou a se aglomerar nos cantos de sua boca. — Não, você não está com uma aparência nada diferente — afirmou ela, com a voz baixa. — Deve ter funcionado então, Bartley. Acho que deve ter funcionado.

— Vó, deixa isso pra lá.

Tara empurrou Elizabeth Beasley para fora do caminho.

— *Tira as mãos* do meu irmão, Betty. Ele já ficou abalado o suficiente para um dia. Fionny! — Ela atirou os braços sobre ele e lhe deu o abraço mais apertado de toda a sua vida. — Achei que você tivesse *morrido*!

Shelby, que estava esperando atrás de Tara, tirou uma toalha dos ombros e o envolveu como uma capa.

— Sabia que você conseguiria voltar!

— Eu fiquei com tanto medo — disse Tara, chorando. — Achei que tinha te perdido!

— Eu conto tudo quando chegarmos em casa — disse Fionn, com a voz igualmente trêmula. — Temos que voltar para o vovô.

A tempestade havia derrubado um grande pedaço da parede da falésia e despejado um mar inteiro pelo céu. O que ela teria feito com *Tír na nÓg*, o pequeno chalé no promontório? O que teria acontecido com o Guardião da Tempestade?

O mesmo pavor começava a ficar evidente nos olhos de Tara.

— Vamos lá — disse ela.

— Vamos correr!

E assim foram.



CAPÍTULO VINTE E QUATRO

A ESMERALDA INESPERADA

Conversas sobre tempestades e cavernas marinhas viajaram ao vento atrás de Fionn e Tara. O dia fora iluminado pelo triunfo dos Boyle sobre o mar, uma história que entraria para a história de Arranmore, como tantas outras antes dela.

O sol afugentou as nuvens do céu e despejou seu calor novamente na ilha enquanto os dois corriam para longe de Ivan, dos Beasley e da marca sombria de Morrigan que reverberava em algum lugar nas profundezas do solo.

Quando chegaram ao portão do chalé do avô, Fionn e Tara congelaram. A porta de entrada da casa havia sido arrancada de suas dobradiças e uma das janelas estava quebrada. A tempestade tinha desenraizado os arbustos espinhosos e os espalhado por todo o jardim.

O lado de dentro estava tão caótico quanto. Havia velas por toda parte, casacos e chapéus e cadeiras espalhados pelo chão como confete, e os armários da cozinha tinham sido totalmente revirados. A maioria das estantes na sala de estar havia tombado, e uma das poltronas fora arremessada contra a parede.

No meio de toda aquela bagunça estava seu avô. Sentado no chão, perto da lareira, olhando para a janela sem nenhuma expressão. Acima dele, a vela sobre

a lareira estava apagada.

— Vô? — disse Tara, nervosa.

— Deixa que eu falo com ele — sussurrou Fionn.

A garota pegou seu celular no chão da cozinha, uma das extremidades do carregador ainda balançando enquanto ela limpava a tela com uma toalha de chá.

— Pelo menos *isso* sobreviveu — resmungou ela.

Fionn agachou-se em frente ao avô.

— Vô? — O garoto esperou a tempestade em seus olhos passar, esperou o reconhecimento que não veio. Pegou a mão do velho e a apertou. — Cadê os fósforos, vô? Preciso dos fósforos.

Ele olhou para a mão do neto como se tivesse acabado de percebê-la.

— Não sei.

O chão estava repleto de velas, rolando de um lado para outro conforme a direção da brisa que havia seguido os dois para dentro da casa.

— Aqui — disse Tara, andando na ponta dos pés em meio à bagunça. Ela estendeu-lhe uma pequena caixa de fósforos. — Achei em um dos armários da cozinha.

O recipiente de vidro em cima da lareira ainda continha cera até a metade, mas cinco centímetros de água acumulavam-se no seu topo. Fionn o carregou até a porta da casa e despejou a água no chão. Em seguida, secou a superfície com sua toalha. Colocou o recipiente de volta em cima da lareira e acendeu o pavio dentro dele. A vela acendeu fraquinha, a princípio, como se não conseguisse lembrar exatamente como queimar. *Vamos*, pensou Fionn. *Queime mais. Queime mais rápido.*

A chama subiu e começou a se debater, e finalmente o aroma instilou-se no ambiente, preenchendo suas narinas com o cheiro do mar. Fionn ajeitou a poltrona e a moveu o mais próximo possível da lareira.

— Sente aqui um minuto, vô. Daqui a pouco você vai estar se sentindo melhor.

O avô afundou-se na poltrona, seus olhos fechados enquanto o aroma se espalhava outra vez pela sala de estar.

Tara trouxe uma xícara de chá.

— Uma bolsinha de chá descansando por exatamente dois minutos e meio, e mais trinta mililitros de leite por cima, do jeito que você gosta — disse ela.

O velho pegou a xícara sem dizer uma palavra.

Tara e Fionn botaram as mãos na massa e foram reorganizar as velas nas prateleiras. Colocaram os casacos e chapéus de volta no cabideiro e arrumaram a cozinha exatamente como era antes. Encontraram uma tábua de madeira no galpão e a pregaram na frente da janela quebrada. Além disso, conseguiram prender a porta da frente de volta às suas dobradiças, depois de quatro tentativas. Ela estava rangendo terrivelmente, e havia um buraco de alguns centímetros na parte de baixo, mas pelo menos fechava. O resto era uma preocupação para o dia seguinte.

Quando terminaram de consertar o chalé, Fionn ajudou o avô a deitar-se em sua cama, tirando suas botas e lhe dando um suéter de lã limpinho para vestir. Na cozinha, o celular de Tara começou a tocar.

Fionn estendeu o edredom sobre o avô e o cobriu até o queixo.

— Obrigado — agradeceu o velho.

O garoto hesitou por um instante, sem saber o que fazer. A sensação era de que tinha engolido a ilha inteira e agora ela tentava subir por sua garganta. Ele tinha tantas coisas para contar ao avô: a história de sua primeira aventura, como seu pai havia aparecido para salvá-lo, como ele havia olhado para Fionn com pleno reconhecimento, como tinham lutado contra o mar até o último segundo, e como, no final, Cormac Boyle havia sido a pessoa mais corajosa do mundo.

Sem falar no que veio depois: os dedos de Fionn levando um choque ao encostarem em Ivan, o vazio nos olhos do homem, o som da voz de Morrigan, desperta demais. Perto demais.

Ela despertará quando o garoto retornar.

Engoliu em seco, lembrando-se das palavras que seu avô lhe dissera apenas dias antes.

Fionn, no dia em que você desceu da balsa, a ilha acordou.

Assim como Morrigan.

Só existia uma pessoa no mundo inteiro capaz de entender o que estava acontecendo, e a mente dele estava a milhões de quilômetros de distância.

Fionn olhou para baixo, para o avô, e com a voz bem baixinha perguntou:

— Você sabe quem eu sou, vô?

O avô olhou para ele durante um longo tempo. As nuvens moveram-se dentro de seus olhos, faixas de azul tentando abrir caminho na tempestade. As rugas em seu rosto ficaram mais evidentes, e o fantasma da tempestade roubou o último resquício de cor em suas bochechas.

— Olha, que engraçado, rapaz. Eu não sei quem você é.

O rosto de Fionn se contorceu, abatido.

— Mas eu sei que te amo — disse o avô, fechando os olhos. Então, sorriu, e fez parecer que o sol estava nascendo em algum lugar dentro dele. — Que peculiar.

Fionn esperou até sentir que conseguia respirar novamente.

— Eu também te amo, vô.

Na cozinha, Tara estava sentada à mesa com um prato de sanduíches de presunto feitos às pressas, deslizando o dedo pela tela do celular.

— Ele tá bem agora?

Fionn se jogou na cadeira ao seu lado.

— Espero que sim.

A irmã deslizou uma caneca de chá para ele, entornando um pouco do líquido leitoso.

— Bartley e eu não conseguimos fazer nossos desejos, Fionny.

— O quê?

— Eu o empurrei pra fora da caverna antes que ele pudesse abrir a boca. Tive que usar toda a minha força... e aí a caverna me arrastou para a escuridão e eu não consegui lutar contra ela. Onde quer que eu tenha ido parar, não estava perto da magia. Não do tipo bom, pelo menos. — Ela deu uma batidinha no celular, praticamente sussurrando: — Mas e se meu desejo tiver se realizado, mesmo assim? Mamãe acabou de me ligar. Ela soube o que aconteceu.

Fionn ficou paralisado, a caneca ainda em mãos.

— Ela vem pra cá na primeira balsa amanhã de manhã. — Os olhos escuros de Tara brilhavam na penumbra. — Ela vai voltar para Arranmore, Fionn.

NO BANHEIRO, Fionn ligou o chuveiro e tirou a roupa. Teve que fazer um esforço tremendo para arrancar a calça jeans, e quando finalmente conseguiu jogá-la para o outro canto do banheiro, algo voou do bolso e caiu dentro da pia. *Ping!*

Olhou para a bacia e viu uma esmeralda piscando de volta para ele. Era exatamente do tamanho da palma de sua mão: grande, pesada e quase perfeitamente redonda.

Na cama, naquela noite, ele colocou a pedra dentro da gaveta da mesa de cabeceira, admirando o tom de verde que a envolvia como uma névoa.

— O que é isso? — perguntou Tara em um bocejo, suas pálpebras a meio mastro.

— Não tenho certeza — respondeu ele, piscando para a pedra na escuridão.

O sono o repuxava, os eventos do dia flutuando para longe até restar somente um pensamento: ele não se sentia nada diferente em comparação àquela manhã, quando acordou. Se o desejo que Tara não fez tinha funcionado, então talvez o de Bartley também tivesse, de alguma forma.

Ou talvez Fionn nunca tivesse merecido a dádiva, para começo de conversa.

Se não estivesse tão exausto, talvez refletisse sobre isso um pouco mais e reconhecesse a frustração que o incomodava. Mas o sono chamava seu nome, e, de boa vontade, Fionn aceitou essa convocação, a esmeralda oferecendo-lhe uma piscadela de boa noite.



CAPÍTULO VINTE E CINCO

O ARSENAL DO GUARDIÃO DA TEMPESTADE

Fionn acordou à meia-noite com a sensação de que iria alçar voo. Sua pele coçava por toda parte e seus dentes vibravam dentro da boca. Estava completamente tomado por algo que lhe dava vontade de gritar a todo pulmão e gargalhar até ficar sem fôlego.

A esmeralda continuava acomodada dentro da gaveta da mesa de cabeceira, seu brilho esverdeado filtrando a escuridão. Ele pegou a pedra e a apertou entre os dedos até o calor começar a subir pelo seu braço. Será que era a esmeralda que estava provocando essas sensações? Olhou para Tara, que roncava contente, e então examinou a pedra de novo, desconfiado, antes de enfiá-la em seu bolso.

Não aguentava mais permanecer deitado. Estava elétrico, desde as pontas do cabelo até as solas dos pés, e também estava com medo de que sua energia soluçante pudesse arremessá-lo contra o teto e esmagá-lo como uma mosca.

Saltou da cama e foi até a sala de estar, onde ficou perambulando de um lado para o outro, esperando seus ossos pararem de cantar. O alívio não veio, mas

seu avô o encontrou pouco tempo depois, ao entrar no cômodo arrastando suas pantufas e trajando a mesma roupa de mais cedo.

Seus olhos já estavam mais límpidos, mas ainda havia algumas nuvens nos cantos, esgueirando-se sobre o azul.

— Não consegue dormir, Fionn?

Um sorriso irrompeu do rosto do garoto, e uma risada estranha e abobalhada saltou de dentro dele. Sentiu uma junção de alegria, tristeza, alívio e empolgação.

— Não consigo nem ficar deitado!

Seu avô o chamou para perto com um gesto do dedo indicador.

— Venha comigo.

Fionn foi saltitando atrás dele, seguindo pelo corredor escuro até o quintal, onde a lua cheia observava os dois.

O avô começou a se ocupar na bancada de trabalho, desenterrando a caixa de artesanato de velas e destapando o queimador. Acomodou-se lentamente no banquinho e estendeu a mão para o neto.

— Parabéns — disse, baixinho.

Fionn ficou olhando para a mão enrugada do avô, calejada de tantos anos ao mar, aventurando-se em lugares soterrados por um passado distante. Ele a segurou com entusiasmo, seus próprios dedos magros e delicados em comparação.

— Eu sou o Guardião da Tempestade?

— Você é o Guardião da Tempestade. — O avô apertou sua mão. — E eu estou imensamente orgulhoso de você.

Eu sou o Guardião da Tempestade.

O garoto se afundou no banquinho de frente para o avô.

— Pobre Bartley — disse, com enorme prazer.

O avô repousou a panela e despejou as pedras de cera dentro dela.

— Pobre Betty — completou o velho.

Fionn tirou um molde em formato de concha de dentro da caixa e fincou o disco prateado à base, enrolando o pavio entre os dedos. Havia outras coisas a discutir no momento, coisas muito mais importantes do que os olhos ardentes

de Elizabeth Beasley quando ela acordasse no dia seguinte e descobrisse que o neto havia mentido sobre o desejo.

— Eu vi o meu pai hoje — disse Fionn. As palavras soaram estranhas em voz alta, como se ele ainda estivesse adormecido, tendo o mais impossível dos sonhos. — Ele salvou minha vida na Caverna do Mar. Atravessou a tempestade da camada dele e veio parar na nossa, e ele sabia quem eu era, vô. Ele disse!

O avô abaixou o fogo e olhou para Fionn por sobre a beirada da panela.

— Eu sempre me perguntei o que a Árvore Sussurrante disse ao Cormac. Ele estava tão quieto quando voltou dela... — O avô abandonou a frase no meio, torcendo os lábios. — Acho que finalmente sabemos.

Fionn tentou desfazer o nó em sua garganta. Seu pai sabia o preço que teria que pagar para seu filho sobreviver, e pagou voluntariamente. Fionn não conseguia imaginar nada mais altruísta que isso, nada mais *valente*. Como ele sequer pôde duvidar da coragem do pai?

O avô olhou para além dele, para o céu noturno.

— Sabe, eu tentei queimar a vela daquela tempestade pelo menos cem vezes desde que o Cormac foi varrido por ela. — O velho balançou a cabeça, seus olhos embaçados. — E nem sequer uma vez o pavio acendeu pra mim. Não era para acontecer.

Você vai ser corajoso agora, não vai, Fionn? Preciso que você seja corajoso para encarar o que está por vir.

Os dois ficaram olhando para a cera sendo derretida, ambos se perguntando o que exatamente a Árvore Sussurrante tinha mostrado a Cormac, e por que a ilha havia decidido que Fionn deveria ser salvo, em vez do pai.

Ela despertará quando o garoto retornar.

Os reflexos de milhares de estrelas dançantes piscaram para os dois, unidos em seu silêncio.

Quando Fionn olhou novamente para o avô, seu rosto estava tão pálido quanto o luar, e o azul de seus olhos continuava embaçado nos cantos. Ele tirou um novo broche da bolsinha de couro e o passou sobre a chama. Entregou para Fionn.

— Está pronto?

Está pronto, filho?

Em algum lugar a distância, uma coruja piou. A lua despencou no céu e Fionn sentiu o sabor do mar ao vento.

Ele pegou o broche da mão do avô.

Furou o próprio dedo, e nesse instante tudo que estava sentindo borbulhou para a superfície ao mesmo tempo, até parecer que ele explodiria em um milhão de pedacinhos. Ele manteve o dedo sobre a panela e observou uma única gota de água do mar escorrer de dentro de si e cair com um satisfatório *splat!*.

Uma coruja sobrevoou os dois, espalhando com suas asas luz estelar sobre a bancada. Uma brisa bagunçou o cabelo de Fionn, e seu avô juntou as mãos e sorriu.

Por um momento de euforia, Fionn sentiu-se centenas de vezes mais alto e milhares de vezes mais velho. Podia jurar que, se olhasse atento para o vento, conseguiria vislumbrar todos os Boyle que tinham vindo antes dele, com o mesmo sorriso no rosto.

— Muito bem, rapaz! — celebrou o avô.

Muito bem, rapaz!, murmurou a ilha, e Fionn imaginou a voz do pai entrelaçada profundamente na tapeçaria do lugar.

Fionn desabou na cadeira. Seus ossos tinham parado de vibrar e o calor fora drenado de suas bochechas. De repente, sentiu-se *exausto*. Deu um suspiro enquanto o mar infiltrava-se na cera, tingindo-a de todos os tons de azul que o garoto conseguia imaginar. A cera começou a brilhar com um colorido arroxeadado nas beiradas, um tornado sombrio espalhando riachos de cor por toda a superfície, até ganhar exatamente o mesmo matiz e padrão da última vela que Fionn havia segurado.

— Tem um quê de alívio nisso — murmurou o avô. — Em furar seu dedo e sangrar a magia... Mas essa sensação vai voltar amanhã. E depois de amanhã... — Ele examinou os próprios dedos, balançando-os para frente e para trás. — Acho que vou sentir falta, sabia? Depois que você fica muito acostumado com alguma coisa, não é fácil dar adeus a ela.

Uma linha prateada costurou um caminho por entre a cera. Fionn já não estava mais abobalhado, mas também não estava infeliz. Ele se sentia... estranhamente bem-resolvido. Havia uma sensação de que tudo estava em seu

devido lugar naquele momento, no brilho da lua em suas costas, na brisa que bagunçava seu cabelo.

Você vai ser corajoso agora, não vai, Fionn? Preciso que você seja corajoso para encarar o que está por vir.

Fionn levantou a panela e despejou os rios de cera cuidadosamente dentro do molde em formato de concha.

— Do que eu a chamo?

— Essa é uma decisão do Guardião da Tempestade.

O avô deu uma batidinha na lateral do molde e todas as cores saltaram umas sobre as outras, se entrelaçando na cera até formarem uma concha feita de centenas de ondas agitadas, umas rolando por cima das outras.

Fionn segurou a vela em seu punho, a cera morna na palma de sua mão, e de repente a resposta tornou-se óbvia:

— *Fionn.*

Era gêmea de *Cormac*.

O aroma de aventura tomou conta do ar enquanto o pavio mudava de cor, de branco para uma coluna de verde-esmeralda.

— E da gota de água brota uma gota de magia — murmurou o avô. — Não sei se isso já aconteceu antes, Fionn. Ilhéus irrompendo das camadas e as costurando juntas assim. Futuro, passado e presente interagindo sob o mesmo céu, dois herdeiros encontrando-se no meio do caminho, um içando o outro. A ilha quebrou muitas de suas regras. Você entende o que isso significa?

Ele não esperou a resposta do neto.

— Significa que a ilha tem cuidado de você desde antes do seu nascimento.

— Ele inclinou a cabeça para cima, com um olhar subitamente abrasador. — Significa que há uma tarefa pra você aqui. Algo muito maior do que você. Maior do que todos nós.

E a escuridão reinará mais uma vez.

A serpente no fundo do estômago de Fionn contorceu-se até chegar à superfície. Ele puxou a esmeralda do bolso e a colocou em cima da bancada.

— Isso me seguiu até em casa mais cedo. Acho que pertencia a Dagda.

O avô encarou a esmeralda com os olhos arregalados, sem piscar.

— A Morrigan estava dentro daquela caverna comigo. — Fionn surpreendeu-se com a simplicidade com que as palavras escapuliram de sua boca. Com o fato de não ter sentido medo de falar a mais pura verdade, sabendo que nada poderia ser desfeito. Tanto o que ainda estava por vir, quanto o que já havia acontecido.

Eu conheço você, Fionn Boyle.

Eu me lembro de você.

Você se lembra de mim?

— Você a ouviu? — perguntou o avô.

— Eu a *senti*. Ela está desperta, vô.

E fui eu que a despertei, o garoto quis gritar.

O avô permaneceu muito calmo.

— Então temos certeza, finalmente, de onde ela foi enterrada. Sempre tivemos suspeitas, mas nunca pudemos confirmar.

Fionn deu um suspiro. Sentiu uma dor latejante na base da coluna, como se o pavor estivesse tropeçando em suas vértebras e acumulando-se no fundo. O quanto ele e Tara tinham chegado perto da morte, ou pior, de uma eternidade de morte? O quanto Fionn tinha chegado perto de flutuar direto para as garras da feiticeira, de render-se ao medo e à dor e à tristeza até cada fragmento de luz dentro dele apagar-se, cada fio de sua alma se desenrolar e ser devorado nas trevas?

— O Ivan é um Caçador de Almas.

Seu avô engoliu um palavrão.

Fionn aguardou um momento, então reuniu cada resquício de sua coragem e deu voz à ideia que mais temia:

— Ele veio aqui para ressuscitá-la. E eu não sei como impedi-lo.

O avô levantou-se de súbito, gesticulando para Fionn segui-lo enquanto marchava de volta ao interior do chalé. O garoto pegou a esmeralda de cima da bancada e foi atrás dele. Sentiu-se melhor instantaneamente com a pedra em mãos.

Na sala de estar, os dois ficaram afastados um do outro na luz fraca, cercados por mais de mil velas.

— Aos quinze anos eu tive uma visão do futuro, de uma grande escuridão nessas praias — disse o avô. — Eu vi você também, Fionn. Exatamente como é hoje. — Ele contorceu o rosto. — E assim como os Guardiões da Tempestade que visitaram a Árvore Sussurrante antes de mim, aprendi que meu destino era parte de algo maior, que meu poder não pertencia a mim. Sangrei minha magia gota após gota, tempestade após tempestade, desde o dia em que ela foi despejada em mim. Mas o tempo de fazer registros chegou ao fim. — Sua expressão ficou séria, e em algum lugar no fundo de seus olhos surgiu uma sombra. — Sinto dizer, mas sua tarefa será diferente da minha, Fionn.

Houve um terrível e ensurdecido silêncio.

O coração de Fionn rufava como um tambor.

— Você não vai engarrafar a magia de Dagda. — Ele segurou a mão do neto e a virou para cima, o azul de suas veias contrastando fortemente com a cor da pele no pulso. — Você deve mantê-la inteiramente dentro de si, onde ela vai se acumular e se fortalecer. Você vai aprender a suportá-la, a alimentá-la, e depois vai aprender a controlá-la. Para defender esta ilha contra Morrigan, caso ela consiga se libertar daquela rocha.

Ela ascenderá quando o Guardião da Tempestade sangrar por ela.

Fionn havia sangrado dentro da caverna, sofrido cortes, arranhões e raspões. Teria sido o suficiente? Ou será que Ivan voltaria atrás dele, agora que tinha terminado de preparar Bartley como um porco destinado ao abate?

Fionn retraiu sua mão, envolvendo o pulso com os dedos enquanto olhava para todas as prateleiras.

— Mas e quanto às velas?

O avô pegou uma vela do tamanho de um lápis de cera em uma das estantes e a rolou na palma da mão.

— Você não precisa dessa magia, Fionn. Você já possui ela em suas veias.

— Então pra quem elas são?

— Até Morrigan tem os próprios seguidores. Você terá que pensar nos seus quando chegar a hora, mas eu construí um arsenal para você. Todo mundo terá um papel a desempenhar: Tara, Shelby, Bartley, Betty, e qualquer outra pessoa que queira defender Arranmore. — Ele balançou a vela como se estivesse segurando um peixe pela cauda. — Há muitas coisas que eu não posso

prometer e muitas coisas que eu não posso mudar, mas ao menos posso afirmar o seguinte: você não terá que enfrentar essa escuridão sozinho, e a ilha não terá que enfrentá-la desprotegida.

Fionn engoliu a sequeidão em sua garganta. O mundo estava mudando de eixo, e era tarde demais para voltar atrás. Ele tinha que se deixar levar. Para um lugar ao qual estava sendo arrastado por sua linhagem e pelo mar em suas veias. Sem se dar conta, o garoto havia subido no barco salva-vidas mais perigoso de todos e estava velejando em direção à maior tempestade de sua vida.

— Eu já tive escolha?

Eu me lembro de você, Fionn Boyle. Você se lembra de mim?

Seu avô apenas respondeu:

— Sinto muito, Fionn. Queria que não fosse você.

O garoto olhou para as prateleiras, para toda aquela coleção preciosa e reluzente de cera. O sangue de seu avô. A vida de seu avô.

Olhos avermelhados e dedos manchados de cera.

Memórias que evaporavam, rosto após rosto, nome após nome.

Tudo voltado para aquilo: o arsenal do Guardiã da Tempestade.

Existem muitos tipos diferentes de coragem, Fionn.

— Como a gente libera a magia? — perguntou o garoto.

O avô ergueu a vela entre os dois, sua camada externa de latão brilhando à meia-luz. Com um rápido movimento, ele fincou os dedos na parte inferior da vela e arrancou o pequeno disco prateado.

— Removendo a âncora. — O pavio se desenrolou na base da vela. — Invertendo o fluxo da magia.

Ele acendeu o pavio do lado contrário e segurou a vela de cabeça para baixo enquanto ela queimava. A chama desapareceu, enterrando-se dentro da cera, contra as leis da gravidade e qualquer tipo de lógica. O avô deu uma guinada, como se alguma coisa presa em seu peito estivesse tentando sair.

— Em vez de a magia puxar você para dentro da memória — explicou ele, ofegante —, você a puxa para dentro de si.

A chama foi consumindo a cera de dentro para fora. Os olhos do avô de Fionn inflamavam-se com o poder enquanto ele segurava a vela firmemente em seu punho. Voltou a atenção à vela acesa em cima da lareira, sua respiração

assobiando ao sair pelas narinas. Com a mão livre, acariciou a chama até ela inchar e começar a dançar, alcançando o teto. Quando ele entortou o dedo, o fogo mudou de direção, derramando-se sobre a lareira como uma cachoeira flamejante. Ela saltou para dentro da lareira vazia e subiu pela chaminé de maneira totalmente controlada.

— Fumaça — observou Fionn, baixinho. — De uma lareira vazia.

— É a magia do Guardião da Tempestade — disse o avô, erguendo a vela em forma de lápis de cera que se desintegrava. — Fermentada e engarrafada.

Fionn traçou as veias na palma de sua mão, com um novo peso nas costas. Elas estavam mais escuras, mais azuis. Já podia sentir uma centelha daquele mesmo poder reunindo-se dentro dele. A maré estava subindo.

— O que eu faço agora?

O avô esmagou o que restava da vela em seu punho, seus olhos brilhando na penumbra.

— Dê um tempo para sua magia se desenvolver. Vamos ver do que ela será realmente capaz.



CAPÍTULO VINTE E SEIS

UMA RECEPÇÃO MUITO ESPECIAL

Na borda do píer de Arranmore, Fionn Boyle observava a balsa matinal chegar ao porto. Estava se esforçando ao máximo para ignorar a irmã, que não havia parado de tagarelar desde que saíram do chalé do avô.

— Quando a mamãe descer da balsa eu vou abraçar ela primeiro, porque sou mais velha e acho que ela vai ficar mais feliz de me ver, já que ela me conhece há mais tempo.

— Tá bom.

— E não comece a contar a história pra ela antes de chegarmos na casa do vovô, porque ele também vai querer ouvir e aí você vai ter que contar tudo de novo e a mamãe provavelmente vai ficar de saco cheio.

Fionn revirou os olhos.

— Ok.

— E deixa que eu conto a maior parte da história, porque eu sou boa em seguir uma estrutura narrativa e às vezes você inclui uns detalhes desnecessários e deixa a história meio entediante, e aí as pessoas perdem o interesse.

— Achei que salvar sua vida fosse te tornar um pouco mais legal comigo.

Tara olhou feio para ele.

— Essa já sou eu sendo legal!

Um bando de gaivotas sobrevoou suas cabeças e seguiu em direção ao mar. Elas circularam sobre a balsa enquanto ela avançava lentamente para o porto.

A buzina soou e Fionn se encolheu.

— Acho que nunca vou me acostumar com esse barulho.

— Meio que lembra uma vaca moribunda, né? — disse Tara.

Os dois perscrutaram os passageiros enquanto desembarcavam da balsa, arrastando suas malas e seguindo para um lado ou para o outro, ao encontro de braços abertos e carros estacionados ao longo do píer.

Fionn prendeu a respiração até sua mãe aparecer na lateral da balsa. Ela parecia um pouco hesitante, dividida entre a embarcação e a ilha, enquanto envolvia a si mesma com os braços. Era muito mais baixinha do que Fionn se lembrava, talvez apequenada pela balsa atrás dela e a ilha à sua frente. Estava vestindo seu cardigã verde favorito. O cabelo estava preso em um rabo de cavalo, e mechas emolduravam seu rosto enquanto o vento tentava persuadi-la a descer da embarcação.

— Ela parece assustada — observou Tara.

— É porque ela está assustada — disse Fionn.

— Talvez a gente devesse abraçá-la ao mesmo tempo.

— Acho que é uma boa ideia.

Foram abrindo caminho por entre a multidão que chegava ao píer. Quando desceram ao andar inferior do porto, os olhos de sua mãe brilharam.

— Meus filhos queridos!

Fionn enroscou os dedos na camiseta de Tara para impedi-la de subir na balsa.

— Espera — murmurou ele.

A mãe balançou os braços, seu sorriso se contraindo nos cantos da boca. Ela hesitou por um breve instante. Fionn provavelmente não teria percebido, se já não estivesse esperando por isso.

Então, desceu da balsa e a ilha suspirou aliviada.

— Eu senti tanta saudade de vocês! — disse sua mãe, quando os dois se jogaram em cima dela.

Fionn enfiou o rosto no cardigã e a apertou o suficiente para que ela parasse de tremer.

— A gente também sentiu saudade, mãe!

— Espera só até você ouvir o que aconteceu com a gente! — disse Tara, do outro lado. — Tivemos uma aventura e tanto!

Fionn não sabia dizer se a mãe estava rindo ou chorando. Os três ficaram ali por um bom tempo, entre o mar e o litoral, seus ombros tremendo enquanto permaneciam abraçados. Fionn sentiu as pontas de seus dedos estalando, a magia vibrando empolgadamente dentro de si. Ele fechou os dedos e empurrou a onda de poder para o fundo, para o fundo, para o fundo. O vento bateu com força, envolvendo-os, e Fionn ouviu novamente aquela voz em seus ouvidos. Mas, desta vez, ela era tão familiar quanto sua própria voz.

— Venha aqui — dizia ela. — Venha para casa.

Desta vez, a voz não falava com ele.

Ainda havia nuvens no céu, e uma estranha escuridão se formava em algum lugar no horizonte.

Mas agora eles estavam todos ali.

Estavam em casa.

EPÍLOGO

Em um pequeno chalé no promontório de uma ilha assolada por tempestades, Fionn Boyle dormia com um sorriso no rosto. Estava sonhando com um cavalo alado, seus dedos enrolados na crina branca como neve, enquanto os dois mergulhavam pelo céu e atravessavam nuvens roxas que cintilavam nas beiradas.

No dia seguinte, ele completaria doze anos.

A ilha vigiava seu novo protetor, contente com a decisão que havia tomado. Embora fosse o Guardião da Tempestade mais jovem da história de Arranmore, ele teria o trabalho mais difícil de todos. Cada gota do mar em suas veias e cada pontinha de coragem em seu coração seriam necessárias, mas isso era algo que Fionn ofereceria de bom grado. Era filho de seu pai. Disso a ilha sabia muito bem. Ela havia quebrado muitas regras para que ele chegasse até ali — praticamente todas, na verdade —, mas já não era mais tempo de agir com equidade. Não haveria surpresas quando a escuridão retornasse.

Por ora, a ilha deixaria o garoto dormir, abafando o som do vento e silenciando as gaivotas para que ele tivesse paz na segurança de seus sonhos. Pelo menos por enquanto.



<https://t.me/SBDLivros>

Título original

THE STORM KEEPER'S ISLAND

Primeira publicação na Grã-Bretanha em 2018
por Bloomsbury Publishing Plc.

Copyright do texto © Catherine Doyle, 2018

Copyright das ilustrações © Bill Bragg, 2018

Lettering por Patrick Knowles

O Direito de Catherine Doyle de ser identificada como autora desta obra

foi assegurado por ela sob o Copyright, Designs and Patents Act, 1988.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida, ou transmitida por qualquer forma ou meio eletrônico ou mecânico, inclusive fotocópia, gravação ou sistema de armazenagem e recuperação de informação, sem a permissão escrita do editor.

Edição Brasileira publicada mediante acordo com a Bloomsbury Publishing Plc.

Direitos para a língua portuguesa reservados
com exclusividade para o Brasil à

EDITORA ROCCO LTDA.

Rua Evaristo da Veiga, 65 – 11º andar

Passeio Corporate – Torre 1

20031-040 – Rio de Janeiro – RJ

Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001

rocco@rocco.com.br | www.rocco.com.br

Preparação de originais

VANESSA RAPOSO

Coordenação digital

MARIANA MELLO E SOUZA

Revisão de arquivo ePub

MARIA FERNANDA SLADE

Edição digital: janeiro, 2020.

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

D784i

Doyle, Catherine

A ilha do guardião da tempestade [recurso eletrônico] / Catherine Doyle ; tradução Thales
Fonseca. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Rocco Jovens Leitores, 2020.
recurso digital

Tradução de: The storm keeper's island

ISBN 978-85-7980-476-2 (recurso eletrônico)

1. Ficção fantástica. 2. Literatura infantojuvenil irlandesa. 3. Livros eletrônicos. I. Fonseca,
Thales. II. Título.

19-60591

CDD: 808.899282

CDU: 82-93(415)

O texto deste livro obedece às normas do Acordo Ortográfico da Língua
Portuguesa.

A AUTORA

Catherine Doyle cresceu ao lado do Oceano Atlântico, no oeste da Irlanda. Seu amor pela leitura começou com os mitos e lendas irlandesas, que nutriram sua ambição de um dia ser escritora. Seu livro de estreia, *A ilha do guardião da tempestade*, é uma aventura que fala sobre família, coragem e autoconhecimento e foi inspirado no lugar em que seus avós viveram, a ilha de Arranmore.

Depois de viver em Dublin por dois anos, Catherine agora mora em Galway, mas passa muito tempo em Londres e nos Estados Unidos. Além de seus interesses em filmes, viagens e corrida, Catherine também gosta de escrever sobre si mesma em terceira pessoa.

Você pode encontrá-la no Twitter: @doyle_cat